

PATRÍSTICA

NOVACIANO

A Trindade
Escritos éticos,
Cartas



NOVACIANO

A TRINDADE
ESCRITOS ÉTICOS
CARTAS



SUMÁRIO

Capa

Rosto

APRESENTAÇÃO

SIGLAS E ABREVIATURAS

INTRODUÇÃO

Breve biografia de Novaciano

A obra: A Trindade

Título

Data de composição

Conteúdo

A TRINDADE – NOVACIANO

Deus, Pai Criador, e a beleza de sua criação

O homem, criado livre, pecou e foi penalizado

A criação é disposta ordenadamente

Deus, infinito e eterno, abarca tudo e está acima de tudo

A dificuldade de a mente ver a Deus

Algumas descrições de Deus nas Escrituras

Deus é único – Só ele é bom

Único imutável

Único infinito

Único imortal

A incorruptibilidade de Deus

A linguagem das Escrituras facilita a compreensão humana de Deus

Partes do corpo significam poderes de Deus

Como entender que Deus é Espírito

A providência divina

Cristo: o ápice da providência

Providência individual e providência comunitária

A existência como carro de Deus

O Filho – Prometido no Antigo Testamento

A inutilidade de um Cristo imaginário

A verdade e o significado da encarnação do Verbo

Cristo, Filho de Deus e Filho do homem

As duas naturezas de Cristo nas Escrituras

A divindade de Cristo no Antigo Testamento

A divindade de Cristo no Novo Testamento

Tudo foi feito por Cristo

Os hereges estejam atentos às Escrituras

O Cristo procede de Deus

O Cristo não é deste mundo

Cristo promete imortalidade e eternidade

O Cristo e o Pai são um

O destino dos que creem em Cristo

O Paráclito é enviado pelo Cristo

Embora sendo um com o Pai, o Cristo é enviado por Ele

Antes da Encarnação, o Cristo estava na glória do Pai

Antigo e Novo Testamentos concordam quanto à eternidade do Verbo

O Filho, Deus e imagem de Deus, se faz ver no Antigo Testamento

As manifestações do Filho a Jacó

Certamente Cristo é Deus

O templo do corpo de Cristo

Cristo: primogênito de toda criatura

O autoesvaziamento de Deus-Filho

As próprias heresias provam a divindade de Cristo

Cristo morre, mas não morre

Cristo é Deus, mas não é o Pai

Como entender a unidade do Pai e do Filho

Pai e Filho são um, mas são duas pessoas diferentes

Conhecer o Pai em Cristo

O Espírito Santo e sua atividade

Unidade e divindade dos três

Recapitulação conclusiva

OS ESCRITOS ÉTICOS E AS CARTAS DE NOVACIANO

Os escritos éticos

As cartas

OS ALIMENTOS DOS JUDEUS

A atenção para com os discípulos de Cristo

Não se entenda literalmente o que na Escritura não condiz com a dignidade de Deus

Animais puros e impuros representam costumes humanos

As proibições da antiga Lei são figura da reprovação dos vícios

Alimento puro é aquele que não perece: O culto a Deus pela reta fé e pelas virtudes

A permissão dos alimentos outrora proibidos não é permissão para os vícios

Quaisquer alimentos são permitidos, exceto os da comunhão com os deuses pagãos

OS ESPETÁCULOS

Difícilmente se extirpa um mal que se torna costume com aprovação da multidão

Cuidado para não desviar as citações da Escritura da edificação na virtude para a justificativa dos vícios

O que a Escritura não proíbe é determinado pela consciência diante da profissão de fé

A idolatria é a mãe dos espetáculos pagãos

Os espetáculos pagãos, ociosa ocupação

Os espetáculos pagãos nutrem memórias vergonhosas

Os espetáculos pagãos revivem vergonhas passadas

Os espetáculos pagãos são vaidade

Espetáculo do cristão, as obras divinas

Nas Escrituras, os maiores espetáculos dos cristãos

O BEM DA CASTIDADE

O que se escreve seja útil à salvação dos fiéis

Elogio à castidade é quem a vive

Os perigos da impudícia

Em cada estado de vida há lugar para a castidade

Castidade, unidade, caridade

O adultério: impudícia sem desculpa

A grandeza da castidade

O exemplo de José

O exemplo de Susana

A força da castidade

A castidade, ao alcance da vontade, é vitória superior à que se tem sobre outros males

Castidade: no corpo e nas atitudes

A castidade deve ser cuidada

No auxílio divino, a força da castidade

CARTA 1

CARTA 2

CARTA 3

Coleção Patrística

Ficha Catalográfica

Notas

APRESENTAÇÃO

Surgiu, pelos anos 1940, na Europa, especialmente na França, um movimento de interesse voltado para os antigos escritores cristãos, conhecidos tradicionalmente como “Padres da Igreja”, ou “santos Padres”, e suas obras. Esse movimento, liderado por Henri de Lubac e Jean Daniélou, deu origem à coleção “Sources Chrétiennes”, hoje com centenas de títulos, alguns dos quais com várias edições. Com o Concílio Vaticano II, ativou-se em toda a Igreja o desejo e a necessidade de renovação da liturgia, da exegese, da espiritualidade e da teologia a partir das fontes primitivas. Surgiu a necessidade de “voltar às fontes” do cristianismo.

No Brasil, em termos de publicação das obras desses autores antigos, pouco se fez. A Paulus Editora procura, agora, preencher esse vazio existente em língua portuguesa. Nunca é tarde ou fora de época para rever as fontes da fé cristã, os fundamentos da doutrina da Igreja, especialmente no sentido de buscar nelas a inspiração atuante, transformadora do presente. Não se propõe uma volta ao passado através da leitura e estudo dos textos primitivos como remédio ao saudosismo. Ao contrário, procura-se oferecer aquilo que constitui as “fontes” do cristianismo, para que o leitor as examine, as avalie e colha o essencial, o espírito que as produziu. Cabe ao leitor, portanto, a tarefa do discernimento. Paulus Editora quer, assim, oferecer ao público de língua portuguesa, leigos, clérigos, religiosos, aos estudiosos do cristianismo primevo, uma série de títulos, não exaustiva, cuidadosamente traduzida e preparada, dessa vasta literatura cristã do período patrístico.

Para não sobrecarregar o texto e retardar a leitura, procurou-se evitar anotações excessivas, as longas introduções estabelecendo paralelismos de versões diferentes, com referências aos empréstimos da literatura pagã, filosófica, religiosa, jurídica, às infindas controvérsias sobre determinados textos e sua autenticidade. Procurou-se fazer com que o resultado desta pesquisa original se traduzisse numa edição despojada, porém séria.

Cada obra tem uma introdução breve, com os dados biográficos essenciais do autor e um comentário sucinto dos aspectos literários e do conteúdo da obra suficientes para uma boa compreensão do texto. O que interessa é colocar o leitor diretamente em contato com o texto. O leitor deverá ter em mente as enormes diferenças de gêneros literários, de estilos em que estas obras foram redigidas: cartas, sermões, comentários bíblicos, paráfrases, exortações, disputas com os heréticos, tratados teológicos vazados em esquemas e categorias filosóficas de tendências diversas, hinos litúrgicos. Tudo isso inclui, necessariamente, uma disparidade de tratamento e de esforço de compreensão a um mesmo tema. As constantes, e por vezes longas, citações bíblicas ou simples transcrições de textos escriturísticos devem-se ao fato de que os Padres escreviam suas reflexões sempre com a Bíblia numa das mãos.

Julgamos necessário um esclarecimento a respeito dos termos patrologia, patrística e Padres ou Pais da Igreja. O termo patrologia designa, propriamente, o estudo sobre a vida, as obras e a doutrina dos Pais da Igreja. Ela se interessa mais pela história antiga, incluindo também obras de escritores leigos. Por patrística se entende o estudo da doutrina, das origens dela, suas dependências e empréstimos do meio cultural, filosófico, e da evolução do

pensamento teológico dos Pais da Igreja. Foi no século XVII que se criou a expressão “teologia patrística” para indicar a doutrina dos Padres da Igreja, distinguindo-a da “teologia bíblica”, da “teologia escolástica”, da “teologia simbólica” e da “teologia especulativa”. Finalmente, “Padre ou Pai da Igreja” se refere a escritor leigo, sacerdote ou bispo, da Antiguidade cristã, considerado pela tradição posterior como testemunha particularmente autorizada da fé. Na tentativa de eliminar as ambiguidades em torno desta expressão, os estudiosos convencionaram em receber como “Pai da Igreja” quem tivesse estas qualificações: ortodoxia de doutrina, santidade de vida, aprovação eclesiástica e Antiguidade. Mas os próprios conceitos de ortodoxia, santidade e Antiguidade são ambíguos. Não se espera encontrar neles doutrinas acabadas, buriladas, irrefutáveis. Tudo estava ainda em ebulição, fermentando. O conceito de ortodoxia é, portanto, bastante largo. O mesmo vale para o conceito de santidade. Para o conceito de Antiguidade, podemos admitir, sem prejuízo para a compreensão, a opinião de muitos especialistas que estabelece, para o Ocidente, Igreja latina, o período que, a partir da geração apostólica, se estende até Isidoro de Sevilha (560-636). Para o Oriente, Igreja grega, a Antiguidade se estende um pouco mais, até a morte de São João Damasceno (675-749).

Os “Pais da Igreja” são, portanto, aqueles que, ao longo dos sete primeiros séculos, foram forjando, construindo e defendendo a fé, a liturgia, a disciplina, os costumes e os dogmas cristãos, decidindo, assim, os rumos da Igreja. Seus textos se tornaram fontes de discussões, de inspirações, de referências obrigatórias ao longo de toda a tradição posterior. O valor dessas obras que agora Paulus Editora oferece ao público pode ser avaliado neste texto: “Além de sua importância no ambiente eclesiástico, os Padres da Igreja ocupam lugar proeminente na literatura e, particularmente, na literatura greco-romana. São eles os últimos representantes da Antiguidade, cuja arte literária, não raras vezes, brilha nitidamente em suas obras, tendo influenciado todas as literaturas posteriores. Formados pelos melhores mestres da Antiguidade clássica, põem suas palavras e seus escritos a serviço do pensamento cristão. Se excetuarmos algumas obras retóricas de caráter apologético, oratório ou apuradamente epistolar, os Padres, por certo, não queriam ser, em primeira linha, literatos, e sim arautos da doutrina e moral cristãs. A arte adquirida, não obstante, vem a ser para eles meio para alcançar esse fim. [...] Há de se lhes aproximar o leitor com o coração aberto, cheio de boa vontade e bem-disposto à verdade cristã. As obras dos Padres se lhe reverterão, assim, em fonte de luz, alegria e edificação espiritual” (B. Altaner e A. Stuiber. Patrologia, São Paulo: Paulus, 1988, p. 21-22).

A Editora

SIGLAS E ABREVIACOES

CCL	Corpus Christianorum. Series Latina, Turnhout: Brepols
DPAC	<i>Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs</i> , org. A. DI BERARDINO, Petrópolis / São Paulo: Vozes / Paulus, 2004 ⁵
ep.	<i>Epistula(ae)</i> - Carta(s)
PatrPaulus	Coleção Patrística, São Paulo: Paulus
TU	Texte und Untersuchungen zur Geschichte der altchristlichen Literatur, Berlin: De Gruyter

INTRODUÇÃO

Bento Silva Santos

Breve biografia de Novaciano^[1]

Novaciano nasceu em Roma, ou em suas proximidades, provavelmente em torno do ano 200, início do século III. Já adulto, ele teria recebido o chamado batismo “clínico”, em razão de uma grave enfermidade. Não teria recebido nem mesmo depois a unção com o santo crisma, nem a imposição das mãos do bispo, segundo relatos do Papa Cornélio. De acordo com a tradição, é tido como presbítero da Igreja romana. Mas, em conformidade com as argumentações aduzidas por todo presbitério romano e até mesmo por vários leigos que se opunham à ordenação presbiteral de Novaciano, quem recebia o batismo chamado dos “clínicos”, mesmo que válido, estava em uma condição irregular para a ordenação. Seja como for, acredita-se que o Papa Fabiano tenha ordenado Novaciano como sacerdote por causa de suas qualidades excepcionais, seja no âmbito da fé, seja provavelmente no âmbito cultural. O Papa Fabiano foi martirizado na perseguição contra os cristãos movida pelo imperador romano Décio, em 250,^[2] e assim a sede de Roma ficou vacante de 20 de janeiro de 250 a março de 251.

Poucas semanas após a eleição de Cornélio como Papa entre março-abril de 251, Novaciano emerge como grande adversário dessa eleição, por causa, sobretudo, da relação com o problema dos *lapsi* (do latim: “caídos”), isto é, daqueles cristãos que tinham renegado sua fé por ocasião das perseguições movidas pelo Império Romano. O Papa Cornélio era favorável a uma atitude mais condescendente para com aqueles que tinham renegado momentaneamente sua fé durante a perseguição religiosa. Sob certas condições (penitência e arrependimento), eles poderiam retornar à comunhão com a Igreja^[3] sem necessidade de *novo* batismo.

Contudo, como porta-voz do colégio presbiteral de Roma, Novaciano mostra seu rigor exagerado, recusando-se a receber aqueles que haviam apostatado durante a perseguição de Décio em 250: “A comunidade dos santos se macularia a si mesma se acolhesse em seu seio os pecadores e lhes concedesse a paz”.^[4] Com base nessa atitude intransigente para com os *lapsi*, Novaciano reitera sua oposição ao Papa Cornélio e, motivado pelo presbítero Novato de Cartago, recebe a consagração episcopal de três bispos, cuja identidade ignora-se até hoje. É assim que se consuma o *cisma* de Novaciano, razão pela qual, no outono de 251, é excomungado por sínodo romano.

O movimento rigorista e cismático de Novaciano se estendeu com força, especialmente na África e na Espanha. Sem muitas informações disponíveis sobre ele, julga-se que Novaciano teria morrido mártir na perseguição do imperador Valeriano em 257, embora décadas posteriores lhe tenham negado a coroa do martírio, justamente por ter morrido fora da comunhão com a Igreja.

A obra *A Trindade*

Acerca das várias obras escritas por Novaciano, segundo o testemunho de São Jerônimo († 420) em sua obra *De viris illustribus* (capítulo 70), destaca-se a que chegou até nós sob o título *De Trinitate* (*Sobre a Trindade*). Não obstante as vozes discordantes com relação à autoria da obra ao longo da história, hoje “a paternidade novaciana do *De Trinitate*” está fora de dúvida. A partir dessa obra, Novaciano pode ser considerado como “o primeiro teólogo de língua latina na comunidade cristã de Roma”.^[5]

Título

O termo *trinitas* (*trindade*) não aparece em parte alguma da obra, mas é assim que São Jerônimo se refere ao escrito de Novaciano: “Escreveu, porém, ‘Sobre a Páscoa’, ‘Sobre o sábado’... o *De Trinitate*...”. Na verdade, foi Tertuliano († 220) quem introduziu pela primeira vez a palavra *trinitas* com o significado de tríplice personalidade de Deus (*trinitas divinitatis, Pater et Filius et Spiritus Sanctus*).^[6] Apesar dessa menção explícita décadas posteriores (nos séculos IV/V), as informações de Jerônimo nem sempre são exatas e não podemos esquecer que, no século III, estamos ainda nos inícios da autêntica doutrina trinitária. Seja como for, o título mais conveniente à obra de Novaciano aqui traduzida é *De regula veritatis* (*Sobre a regra da verdade*), uma vez que o texto versará justamente sobre a doutrina da regra da verdade sobre Deus criador, Jesus Cristo, o Espírito Santo e a demonstração da distinção e da união entre as pessoas divinas.

Data de composição

Na própria obra *A Trindade*, não há referências precisas para estabelecer sua datação. Em função dessa carência, muitos comentadores optaram por datá-la entre os anos 240 e 251. Ora, Novaciano menciona a heresia sabeliana e o próprio Sabélio, que foi expulso da Igreja sob o pontificado de Calixto (217-222). Além disso, Novaciano, juntamente com a referência à heresia sabeliana (“a sacrílega heresia sabeliana”),^[7] menciona igualmente alguns hereges/adversários que estariam diante do seguinte dilema apresentado em certa passagem: “Ou reconheçam os homens que o Cristo – em cuja vinda e por meio de quem se realizaram esses sinais de salvação – é o Filho de Deus, ou, vencidos pela verdade da divindade de Cristo e caindo noutra heresia, ao não quererem confessá-lo como Deus e Filho de Deus, confessá-lo-ão como sendo o Pai”.^[8] Com base nas últimas linhas do § 64 do capítulo 12 de *A Trindade*, trata-se certamente de hereges, mas como identificá-los? São adocionistas ou sabelianos?

Para entender a obra de Novaciano, é necessário, portanto, considerar os erros combatidos na época e que *grosso modo* correspondem a diversas correntes no seio da Grande Igreja,^[9] surgidas por volta do ano 180.^[10] São, basicamente, duas tendências opostas em teologia trinitária.^[11] Os modalistas são chamados também monarquianos, porque desejavam de tal modo salvar a “monarquia” divina – a unidade da divindade – que repetiam como refrão: *Monarchiam tenemus*. O *monarquianismo* é, portanto, uma forma de monoteísmo que admite um só princípio, *Deus*. *Modalismo* é a doutrina que, em nome do monoteísmo, elimina mais ou menos radicalmente o número em Deus, ou seja, nega nele a existência de três pessoas eternamente distintas: certamente falar-se-á de Pai, Filho e Espírito Santo, sem descortinar aí nada mais do que três modos diferentes, para Deus, de relacionar-se com o mundo. São também chamados noetianos e, mais tarde, sabelianos, por causa do nome de seus principais chefes: Noeto de Esmirna e o líbio Sabélio; no Ocidente, chamaram-se patripassianos (*pater* = pai; *passio* = sofrer) porque, segundo sua doutrina, é o Pai quem *sofreu a Paixão*: fazem do Pai, do Filho e do Espírito Santo três modos de ser de uma só pessoa divina.^[12]

O sabelianismo apresenta-se como a doutrina de uma tríade divina em evolução: Deus teria agido como Pai no momento da criação e da consignação da Lei. Com a encarnação teria cessado de ser Pai e, até a ascensão, agido como Filho. Enfim, a partir do momento em que subiu aos céus, seria ativo como Espírito. Não há, portanto, aqui uma Trindade em sincronia, mas unicamente em diacronia.^[13]

Os adocionistas salvaguardam também a “monarquia”, considerando Cristo como um homem *adotado* por Deus. Na realidade, pode acontecer que se misturassem o modalismo e o adocionismo, como sucederá posteriormente com vários hereges – como foi precisamente o caso de Paulo de Samosata entre os anos de 264-268: esse teria negado que Cristo fosse o Filho de Deus desde a eternidade, afirmando que Cristo teria sido elevado ao nível de Filho de Deus só depois da encarnação.

Conteúdo

Sem adotar um tom apologético, Novaciano combate os erros doutrinários do ponto de vista especulativo-constutivo. Assim, nos capítulos 1-8, trata de Deus Pai, Criador do mundo, como o Deus único, enfatizando depois claramente que o Filho é Filho de Deus Criador do universo (cap. 9), que é verdadeiramente homem (cap. 10), sendo também verdadeiro Deus (caps. 11-25). Esse Filho deve ser concebido como substância própria, distinta do Pai (caps. 26-28). Por fim, reúne todas as fontes da Escritura sobre o Espírito Santo (cap. 29). Esse Espírito é “uma espécie de semente da divina geração”.^[14] É um “Espírito que procede de Deus”. Nos capítulos finais (31 e 32) “acerca da unidade de Deus”, Novaciano afirma explicitamente: “Cristo é também Deus, a fim de afastar da nossa fé toda calúnia herética, e de modo tal que a isso não obstem nem a verdade da Escritura nem mesmo a nossa fé, já que tanto por meio das Escrituras se afirma como por nós se sustenta firmemente e se crê que existe um único Deus”.^[15]

A estrutura da obra pode ser resumida também com base em um texto de Dionísio de Roma endereçado ao seu homônimo de Alexandria: “Devemos crer em Deus Pai Criador de todas as coisas e em Jesus Cristo seu Filho e no Espírito Santo. O Logos está unido ao Deus do universo. Com efeito, diz: ‘Eu e o Pai somos uma mesma coisa’ [Jo 10,30]. E: ‘Eu no Pai e o Pai em mim’ [Jo 14,11]. Pois assim é como se preservaram tanto a divina Tríade como a santa predicação da Monarquia”.^[16]

A TRINDADE

NOVACIANO

Deus, Pai Criador, e a beleza de sua criação

1,1 A regra da verdade exige que creiamos, antes de tudo, em Deus, Pai e Senhor onipotente, isto é, no Criador perfeitíssimo de todas as coisas: ergueu o céu em sua alta elevação,^[1] consolidou a terra tendo deitado abaixo a sua massa, estendeu os mares^[2] em sua livre fluidez e pôs em ordem todas essas realidades, tão adornadas como abundantes, por meio de instrumentos apropriados e condignos.

1,2 Assim também ele despertou, na consolidação do céu, os nascimentos luminosos do sol. Para o alívio da noite, enriqueceu o brilhante globo da lua com crescimentos mensais de sua superfície. Acendeu igualmente os raios dos astros em vários fulgores reluzentes e quis que tudo isso circundasse, em cursos regulares, o inteiro caminho em volta do mundo e houvesse de constituir, para utilidade do gênero humano, os dias, meses, anos, constelações e estações.^[3]

1,3 Ele levantou na terra, outrossim, montes altíssimos em direção ao céu, precipitou os vales no abismo, espalhou uniformemente os campos e instituiu utilmente os rebanhos de animais para os diversos serviços dos homens. Fortaleceu também a madeira das florestas que se haveria de aproveitar para os usos humanos, fez brotar os frutos para alimento, abriu as nascentes das fontes, derramando-as em rios deslizantes. Depois disso, velando igualmente pelas delícias dos olhos, tudo revestiu com as diversas cores das flores para o deleite dos que as contemplam.

1,4 No próprio mar – embora fosse já admirável, quer pela grandeza, quer pela utilidade – formou animais variados, de corpos grandes e pequenos,^[4] os quais, na variedade da sua disposição, dão testemunho do talento de seu artífice. Não contente com isso, e para que o forte rumor e o curso das águas não ocupassem o outro elemento com prejuízo do humano proprietário, limitou^[5] seus confins com as praias, de modo a que, quando o ruidoso fluxo e a onda espumante viessem do alto mar, novamente voltassem sobre si e não ultrapassassem os termos permitidos, respeitando os direitos estabelecidos,^[6] a fim de que o homem tanto mais guardasse as leis divinas quanto mais até os elementos as observam.

O homem, criado livre, pecou e foi penalizado

1,5 Depois, à frente do mundo, colocou também o homem, feito certamente à imagem de Deus.^[7] Pôs nele inteligência, razão e prudência, para que a Deus pudesse imitar. E embora a origem de seu corpo seja terrena, foi insuflada^[8] com a substância de um hálito celeste e divino.

1,6 Tendo posto tudo a serviço dele,^[9] quis que fosse o único ser livre. E para que sua liberdade solta, voltando atrás, não caísse em perigo, estabeleceu um mandamento.^[10] Com esse, embora não se dissesse que havia mal no fruto da árvore, se avisava, contudo, que talvez pudesse havê-lo, pela vontade do homem, com a rejeição da lei que fora dada. Pois o homem devia ser livre, a fim de que a imagem de Deus não servisse dum modo inconveniente, e a lei tinha de ser acrescentada, para que uma liberdade desenfreada não se precipitasse na rejeição do seu doador e pudesse receber,^[11] por conseguinte, tanto os prêmios condignos como os méritos das penas, tendo já como algo próprio o fato de ter querido, com o movimento de sua mente, inclinar-se para um lado ou para outro. Daí que a desventura da mortalidade recaia de qualquer maneira sobre quem, podendo tê-la evitado com a obediência, atenta contra a mesma, quando se apressa, seguindo um perverso conselho, em ser como Deus.^[12]

1,7 Tal pena, não obstante, Deus indulgentemente mitigou, ao não ter sido amaldiçoado o próprio homem, mas sim os trabalhos dele sobre a terra.^[13] O fato de que o homem tenha sido procurado,^[14] outrossim, não procede de ignorância; porém, manifesta a esperança do seu futuro encontro e salvação em Cristo.^[15] Assim como o mandamento de que ele se guarde de tocar no lenho da árvore da vida^[16] não tem sua origem na chaga maligna da inveja; mas isso visava evitar que, vivendo eternamente sem que Cristo tivesse perdoado os seus pecados, levasse sempre consigo um delito imortal para seu próprio castigo.

A criação é disposta ordenadamente

1,8 De resto, igualmente, nas regiões superiores que não se podem hoje ver com os nossos olhos, isto é, acima do próprio firmamento, Deus antes instituiu os anjos, dispôs as virtudes espirituais, constituiu os tronos e as potestades^[17] e criou outros muitos espaços imensos dos céus e infinitas obras de mistérios. Assim, este mundo, conquanto imenso, aparece mais como a última obra de Deus dentre as coisas corporais do que como a única.

1,9 Com efeito, nem mesmo as realidades que jazem sob a terra estão desprovidas de potestades dispostas e ordenadas. Pois é o lugar onde são conduzidas as almas dos piedosos e dos ímpios, experimentando o prognóstico do futuro juízo. E isso não só para que não vissemos as grandezas das obras de Deus, por toda parte abundantes, encerradas [somente] nos espaços deste mundo – por muito que, como dissemos, eles possam conter –, mas que pudéssemos também pensar tanto nas profundidades como nas alturas do próprio mundo, e assim, considerada a magnitude das obras, admirar dignamente o artífice de tão grande construção.

Deus, infinito e eterno, abarca tudo e está acima de tudo

2,10 Sobre todas essas coisas está ele, que tudo contém sem deixar qualquer vazio fora de si, nem lugar, como alguns pensam, para algum deus superior.^[18] Pois ele mesmo incluiu tudo no seio de sua perfeita grandeza e potestade. Sempre atento à sua obra, percorre-a toda, dando-lhe movimento e vivificando-a em sua totalidade, contemplando-a em sua inteireza e unindo de tal forma na concórdia as matérias discordantes de todos os elementos que, de elementos diferentes, constitui-se assim um só mundo. Consolidado nessa cimentada harmonia, esse mundo não pode ser dissolvido por força alguma, a não ser que determine isso aquele único que o fez, com o fim de dar-nos outras coisas maiores.

2,11 Lemos, pois, que ele contém todas as coisas e que, portanto, nada pode existir fora dele, visto que ele não tem absolutamente origem e, por conseguinte, não experimenta fim. Experimentaria fim – longe de nós pensá-lo! – se tivesse começado a existir em algum momento e se não estivesse acima de tudo. Mas, [nesse caso,] tendo começado a existir após algo, ele existiria naquilo que existia antes dele mesmo, e seria, assim, tido por menor em poder, ao mostrar-se posterior também em relação ao próprio tempo.

2,12 Por essa razão, portanto, é sempre imenso, porque nada há maior que ele; e é sempre eterno, porque nada há mais antigo que ele. O que não tem origem não pode, pois, ser precedido por nada, uma vez que não existe tempo [para ele]. Daí que seja imortal, não sofrendo desenlace de consumação. Porque aquele que carece de origem não se sujeita a lei alguma, exclui-se [para ele] a delimitação do tempo; ele não se tem como devedor de quem quer que seja.^[19]

2,13 A respeito disso, portanto, bem como das realidades que são próprias dele ou que nele existem, nem a mente humana pode conceber dignamente o que sejam, quantas ou quais sejam, nem a eloquência da palavra humana pode expressar perfeição oratória que se iguale à sua majestade. De fato, para pensar e exprimir a majestade dele, toda eloquência, com razão, faz-se muda; toda mente, estreita.

Ele é maior que a própria mente e não se pode pensar quanto o seja, já que, se pudesse ser pensado, seria menor que a mente humana, com a qual se teria podido concebê-lo. É maior que toda palavra e não pode ser dito, já que, se pudesse ser proclamado, seria menor que a palavra humana, com a qual, ao se proclamá-lo, ter-se-ia podido delimitá-lo e compreendê-lo. Tudo aquilo que dele for pensado, será menor que ele mesmo; e tudo aquilo que for enunciado, se comparado com ele, menor que ele será. Em certa medida, pois, podemos experimentá-lo calados. Não podemos, no entanto, explicar com palavras como ele é.

2,14 Na verdade, se disseres que ele é luz, terás nomeado uma criatura dele mais que a ele próprio não o terás exprimido. Se disseres que é força, terás nomeado e indicado a potência dele mais que a ele próprio. Se disseres [algo da sua] majestade, terás descrito a honra dele mais que a ele mesmo. E por que, percorrendo cada uma destas coisas, faço longo itinerário? Explicarei tudo de uma vez só: com absolutamente tudo aquilo que disseres a respeito dele, terás explicado algum atributo ou potência dele mais que a ele próprio. O que podes, com efeito, dizer ou experimentar convenientemente a respeito daquele que é maior que todas as palavras e que todos os sentidos, a não ser unicamente dizer que ele é Deus? Muito embora o digamos [somente] conforme podemos, compreendemos e entendemos. [E] compreenderemos com a inteligência se pensarmos que ele é Deus, mas que a natureza do seu ser, sua qualidade e sua grandeza não podem entender-se [plenamente], nem sequer, certamente, podem vir ao próprio pensamento.

A dificuldade de a mente ver a Deus

2,15 De fato, se se embota a visão dos nossos olhos quando em presença do sol, de tal modo que, vencida a capacidade deles pelo fulgor dos raios que lhes vão ao encontro, não se consegue vislumbrar-lhe a própria superfície, a visão da inteligência em todo pensamento a respeito de Deus padece exatamente isso, e quanto mais ela se esforça em pensar em Deus, tanto mais se torna cega pela própria luz do seu pensamento.

2,16 O que podes, pois, dizer convenientemente – mais uma vez eu o repetirei – a respeito daquele que é mais sublime que toda a sublimidade, mais alto que toda a altitude, mais profundo que toda a profundidade, mais reluzente que toda a luz, mais claro que toda a claridade, mais esplêndido que todo esplendor, mais vigoroso que todo o vigor, mais virtuoso^[20] que toda a virtude, mais belo que toda a beleza, mais verdadeiro que toda a verdade, mais forte que toda a fortaleza, maior que toda a majestade, mais potente que toda a potência, mais rico que todas as riquezas, mais prudente que toda a prudência, mais benigno que toda a benignidade, melhor que toda a bondade, mais justo que toda a justiça e mais clemente que toda a clemência?

É necessário, pois, que os gêneros de todas as virtudes sejam menores que aquele que é Deus e Pai de todas elas, para que, em verdade, possa dizer-se que Deus é aquele que é de tal modo que com ele nada pode comparar-se. Ele está acima de tudo aquilo que se possa dizer. É, de fato, certamente ele que gera tudo e a tudo enche completamente, e que governa, sem início algum e sem termo temporal, com suma e perfeita razão, as causas naturalmente interligadas das coisas, para utilidade de todos.

Algumas descrições de Deus nas Escrituras

3,17 Reconhecemos, pois, e sabemos que este é Deus, Criador de todas as coisas, que é Senhor pelo poder e Pai pela criação;^[21] que, digo, ele é quem “falou e tudo foi feito”, que “mandou e foram criadas”^[22] todas as coisas. Dele está escrito: “Todas as coisas fizeste com sabedoria”.^[23] Dele Moisés escreveu que é “Deus tanto no alto do céu, como cá embaixo, na terra”.^[24] Conforme Isaías, ele “mediu a extensão dos céus a palmos e o pó da terra com o alqueire”.^[25] Ele “olha a terra e ela estremece”,^[26] “está entronizado sobre o círculo da terra, cujos habitantes são como gafanhotos”,^[27] e “pesa os montes na balança e os outeiros nos seus pratos”,^[28] isto é, por meio do fiel da balança preciso da divina disposição. E para que tal grandeza, assentando-se de modo desigual, não tombasse^[29] facilmente na ruína, ao não estar equilibrada mediante forças semelhantes, igualou moderadamente o peso da massa terrena.

3,18 Ele diz pelo profeta: “Eu sou Deus e não há nenhum outro”,^[30] e, pelo mesmo profeta, afirma: “Não cederei a outrem a minha glória”,^[31] para excluir todos os pagãos e hereges com suas representações, provando assim que aquilo que se faz^[32] pela mão do artífice não é Deus, nem o que se inventa pela imaginação do herege. Não é Deus, portanto, aquele para quem se há de procurar um artífice para que exista. Acrescenta ele ainda, pelo profeta: “O céu é o meu trono, e a terra o escabelo dos meus pés. Que casa me haveis de fazer, que lugar, para o meu repouso?”,^[33] para mostrar que, ao não contê-lo o mundo, com muito maior razão, não o contém um templo. E diz tais coisas não por jactância de si mesmo, mas para nossa instrução. De fato, ele não deseja de nós a glória da grandeza, mas quer conferir-nos, como Pai, a sabedoria religiosa.

3,19 Além disso, querendo levar à mansidão os nossos espíritos selvagens, inchados de uma bruta desumanidade e ríspidos, ele diz: “Eis para quem estão voltados os meus olhos, para o pobre e para o abatido, para aquele que treme diante da minha palavra”,^[34] para que, de certo modo, possa reconhecer-se o quanto Deus é grande enquanto, pelo Espírito conferido, aprende-se a temê-lo.

Querendo, igualmente, chegar ainda mais ao nosso conhecimento e estimulando os nossos espíritos a dar-lhe culto, dizia: “Eu sou Deus, eu formo a luz e crio as trevas”,^[35] para que não pensássemos que a natureza seja sei lá que tipo de artífice de tais eventos, pelos quais se regem as noites e os dias, mas reconhecêssemos, em vez disso e mais conforme à verdade, o Deus Criador.

3,20 A partir da magnitude das suas obras, a partir do seu poder e majestade, aprendemos bem acerca daquele a quem não podemos ver com a contemplação dos

olhos. “Sua realidade invisível”, diz o apóstolo Paulo, “seu eterno poder e sua divindade, tornaram-se inteligíveis, desde a criação do mundo, através das criaturas”,^[36] a fim de que o espírito humano, aprendendo bem acerca da magnitude das obras que visse com os olhos da mente, das realidades ocultas a partir das manifestas, pensasse na grandeza do artífice, a respeito de quem nos diz o mesmo apóstolo: “Ao Rei dos séculos, ao Deus incorruptível, invisível e único, honra e glória”.^[37] Aquele que venceu a grandeza do pensamento escapou, de fato, à contemplação dos olhos “porque” – diz Paulo – “tudo é dele, por ele e nele”.^[38] De fato, todas as coisas, para que a partir dele tivessem a existência, foram dispostas conforme o seu mandato, para que existissem por meio dele, foram organizadas pela sua palavra e caem sob o seu juízo, para que se reconheçam para ele mesmo orientadas, enquanto nele esperam alcançar a liberdade, uma vez deposta a corrupção.^[39]

Deus é único Só ele é bom

4,21 O Senhor declara, com razão, que é o único bom,^[40] aquele de cuja bondade o mundo inteiro é testemunha e que, se bom não fosse, não o teria criado. Posto que se “tudo era muito bom”,^[41] por conseguinte e com razão, as coisas criadas, que são boas, provaram que o Criador é bom e, provindo de um Criador bom, outra coisa não podem ser elas senão boas.

4,22 Daí que todo mal é afastar-se de Deus. Não pode dar-se, com efeito, que aquele que reivindica para si o nome de perfeito pai e juiz seja iniciador ou artífice de alguma obra má, sobretudo quando ele é vingador e juiz de toda obra má, uma vez que o mal não se apresenta ao homem de outra parte, a não ser quando este se afastou do Deus bom. E isso, porém, se observa no homem não porque tenha sido necessário, mas porque o próprio homem assim o quis. Donde não só se manifestou claramente o que é o mal, como também se esclareceu de que origem ele provém, para que não parecesse que há inveja em Deus.

Único imutável

4,23 Deus é sempre semelhante a si mesmo e jamais se converte ou transmuta noutras formas, de modo que, pela mudança, não parecesse também ele mortal. De fato, a mudança de conversão compreende-se como amostra de certa morte. Portanto, não ocorre nele jamais adição alguma, quer de parte, quer de honra, para que nunca pareça que algo tenha faltado àquele que é perfeito. Tampouco se dá detrimento algum nele, para que não pareça ter ele recebido a categoria da mortalidade, mas ele é sempre aquilo que é, é sempre o mesmo aquele que é,^[42] é sempre tal qual é. Pois tanto os incrementos demonstram origem como os detrimientos provam morte e aniquilamento. Por isso ele diz: “Eu sou Deus, não mudei”,^[43] sempre mantendo seu estado, uma vez que aquele que não nasceu, não pode mudar-se.

4,24 É, pois, necessário que sempre exista nele tudo aquilo que pode identificar-se com o ser de Deus,^[44] para que sempre exista Deus, conservando-se a si mesmo por força de seu próprio poder. Por isso diz: “Eu sou o que sou”.^[45] Aquele que é tem, portanto, esse nome, porque retém sempre sua mesma maneira de ser. A mudança destrói aquele nome “que é”.

De fato, tudo aquilo que alguma vez muda, revela-se mortal pelo fato mesmo de que muda: deixa, pois, de ser o que tinha sido e começa, por conseguinte, a ser o que não era. Logo, e com razão, em Deus permanece sempre o seu estado, enquanto, sem o detrimento de uma transformação, ele é sempre semelhante, sempre igual a si mesmo. Aquele que não nasceu, portanto, tampouco pode mudar-se. Só chegam à mudança aquelas coisas que se fazem ou de que se conhece a origem, enquanto, ao nascer, aprendem a ser o que, em dado momento, não tinham sido e, por isso, nascendo, aprendem a mudar-se. Aquelas realidades que, por sua vez, nem têm nascimento nem artífice, excluíram de si a mudança, enquanto não possuem origem, na qual se acha a causa da transformação.

Único infinito

4,25 Deus é, por isso também, nomeado único, já que não tem igual. De fato, é necessário que Deus – tudo aquilo que pode ser o que Deus é – seja um ser supremo. Supremo, aliás, é – e somente neste caso é adequadamente um ser supremo – tudo aquilo que se acha fora de comparação. Logo, é necessário que aquele com quem nada pode ser comparado seja um só e único, uma vez que não tem igual e que não pode haver dois infinitos, como a própria natureza das coisas o prescreve.

Infinito é tudo o que não tem absolutamente origem nem fim. O que ocupou a totalidade exclui, portanto, o começo a partir de outrem. Porque se, o que quer que ele seja, não contém tudo o que existe, ao se achar dentro daquilo pelo qual é contido, será tido por menor do que aquilo pelo qual é contido e, reduzido a poder alheio, terá deixado de ser Deus, em cuja grandeza, ao ser menor que essa, terá sido incluído. Aquilo que contém, portanto, terá, na verdade, começado a ser Deus.

4,26 Efeito disso é que nem o nome próprio de Deus pode ser anunciado, posto que não pode sequer ser concebido. Contém-se, de fato, pelo nome tudo aquilo que também se compreende pela condição da sua natureza, pois um nome é o significado daquela realidade que pelo nome pôde ser compreendida. Quando aquilo de que se trata é tal que nem pelas mesmas inteligências é captado convenientemente, como se expressará dignamente por meio de um termo denominativo o que, ao exceder a inteligência, está necessariamente também acima do significado da denominação? Assim, e com razão, quando, por certos motivos e em certas ocasiões, Deus indica e oferece o seu nome, saibamos que isso não se deve tanto à legítima propriedade da denominação quanto a certo significado estabelecido, por meio do qual se deem claras mostras de que os homens, servindo-se dele, podem impetrar por esse nome a misericórdia de Deus.

Único imortal

4,27 Deus é, portanto, imortal e incorruptível, não experimentando absolutamente nem detrimentos nem fim. Porque é incorruptível, por isso também é imortal, e porque é imortal, certamente é incorruptível. [E isso] com uma e outra destas realidades confundidas ambas entre si e em si, em mútua conexão, e produzindo uma concatenação que representa um estado de eternidade, quer derivando a imortalidade da incorrupção quer provindo a incorrupção da imortalidade.

A incorruptibilidade de Deus

5,28 Embora tenhamos descritas certas manifestações suas de legítima ira e de indignação e conheçamos que se relatem dele ocasiões de ódio, contudo não entendemos tais coisas como se fossem exemplos de vícios humanos. Com efeito, todas essas realidades, ainda que possam corromper o homem, não podem absolutamente viciar a natureza divina. Pode-se dizer que essas paixões estão propriamente nos homens e considerar que estão impropriamente em Deus, pois o homem pode corromper-se por meio delas, porque pode corromper-se, ao passo que Deus não pode corromper-se por meio delas, já que sequer pode corromper-se. Elas têm, portanto, uma força sua própria e a exercem onde precede a matéria passível, mas não onde o que precede é substância impassível.

5,29 O fato, pois, de que Deus se irar não procede de vício seu, mas ele o faz para nosso remédio. Ele é indulgente mesmo quando ameaça. Pelas ameaças, com efeito, os homens são reconduzidos aos retos caminhos; pois o medo se faz necessário para aqueles aos quais falta uma razão para se levar vida honesta, a fim de que os que abandonaram a razão, pelo menos pelo terror sejam movidos.

Por isso, todas essas realidades, quer iras de Deus, quer ódios, quer quaisquer outras deste tipo, enquanto se deixam ver para remédio nosso, como os acontecimentos ensinam, provêm de deliberação, não de vício nem de fragilidade, porque tampouco podem chegar a corromper Deus.

A diversidade de matérias que há em nós e de que somos compostos costuma excitar-nos à discórdia que corrompe e que, em Deus, quer por natureza, quer por vício, não pode existir, sabendo-se que ele não é composto de junções corporais. Tudo aquilo que venha a constituir a sua totalidade – e que só ele sabe – é simples, portanto, e sem qualquer agregação corporal, visto que é chamado “espírito”.^[46]

5,30 Por isso, aquilo que nos homens é vicioso e corrompe, por nascer da corruptibilidade do próprio corpo e da matéria, não pode exercer em Deus uma ação de corruptibilidade, já que, como dissemos, não proveio do vício, mas da razão.

A linguagem das Escrituras facilita a compreensão humana de Deus

6,31 E mesmo que a Escritura celeste frequentemente traduza a face divina conforme um aspecto humano, dizendo: “Os olhos do Senhor estão sobre os justos”,^[47] ou “O Senhor respirou o agradável odor”,^[48] ou ao se entregarem a Moisés as “tábuas escritas pelo dedo de Deus”,^[49] ou ao ser libertado o povo de Israel da terra do Egito “com mão forte e braço estendido”,^[50] ou ao dizer: “Eis o que a boca do Senhor falou”,^[51] ou ao se declarar que “a terra é o escabelo dos pés”^[52] de Deus, ou ao dizer: “Inclina teus ouvidos, Senhor, e escuta”,^[53] nós, porém, que afirmamos que “a lei é espiritual”,^[54] não incluímos a dimensão nem o aspecto da divina majestade nesses contornos do nosso corpo. Nós estendemos, porém, a divina majestade, por assim dizer, sem qualquer confim, pelos seus campos de grandeza ilimitada. Pois está escrito: “Se subo aos céus, tu lá estás; se me deito no inferno, aí te encontro. Se tomo as asas da alvorada para habitar nos limites do mar, mesmo lá é tua mão que me conduz, e tua mão direita que me sustenta”.^[55]

6,32 Conhecemos, pois, o sentido da divina Escritura pela organização proporcionada da divina disposição. Com parábolas, portanto, o profeta falava, então, a respeito de Deus, não como Deus era, mas como o povo podia entender, de acordo com a condição da fé. De tal sorte que as coisas que assim se dizem de Deus são atribuídas não a Deus mesmo, mas, preferencialmente, ao povo. Assim também se permite^[56] que o povo erija um tabernáculo e, contudo, Deus não é contido, fechado no tabernáculo. Igualmente o templo é construído^[57] e, contudo, Deus não é encerrado de modo algum nas estreitezas do templo. Porque Deus não é medíocre, porém medíocre é o entender do povo, nem estreito, mas estreita é a condição da inteligência racional do povo.

6,33 No Evangelho, enfim, dizia o Senhor: “Vem a hora em que nem nesta montanha nem em Jerusalém adorareis o Pai”,^[58] e explicava a razão disso, dizendo: “Deus é espírito, e aqueles que o adoram devem adorá-lo em espírito e verdade”.^[59] Mostram-se nessas imagens, através dos membros, os eficazes poderes divinos, e não se põem roupagens externas a Deus nem contornos corporais.

Partes do corpo significam poderes de Deus

6,34 De fato, quando se descrevem olhos,^[60] exprime-se que Deus tudo vê; quando ouvido,^[61] afirma-se que a todos ouve; e quando dedo,^[62] certo significado de sua vontade se revela; quando narinas,^[63] mostra-se sua percepção das súplicas como que de odores; quando mãos,^[64] prova-se que é autor de toda criatura; quando braço,^[65] anuncia-se que natureza alguma pode enfrentar-se ao seu vigor; e quando pés,^[66] explica-se que enche tudo e que não há coisa alguma onde Deus não esteja.

6,35 Não são, portanto, necessários os membros nem as funções dos membros àquele a cujo arbítrio, mesmo silencioso, todas as coisas se fazem presentes e rendem obséquio. Por que, pois, precisaria de olhos aquele que é luz? Ou por que procuraria pés aquele que está em todas as partes? Ou por que quereria entrar se não existe por onde se possa avançar fora dele? Ou por que suspiraria por mãos aquele de quem até a vontade silenciosa é artífice para criar todas as coisas? Tampouco necessita de ouvidos aquele que conhece inclusive as vontades caladas. Ou por que procuraria língua aquele para quem pensar é ter já ordenado?

Esses membros foram necessários, pois, aos homens, não a Deus, porque a deliberação do homem teria sido ineficaz, se o pensamento não lhe insuflasse o corpo. Para Deus, porém, eles não são necessários, uma vez que suas obras não apenas lhe seguem a vontade sem esforço algum, mas aparecem imediatamente com a própria vontade.

6,36 Quanto ao mais, Deus é todo olho, porque ele todo vê. É todo ouvido, porque todo ouve. É todo mão, porque todo age. É todo pé, porque todo está em toda parte. O que quer que ele seja, pois, é o mesmo: é todo igual e todo está em toda parte. O que é simples não tem em si diversidade com relação a si mesmo.

De fato, só caem na diversidade dos membros aquelas realidades que provêm de um nascimento e se dirigem à dissolução, mas elas não podem experimentar o que não é concreto. O que é imortal, seja ele o que for, é único, simples e existe para sempre. Precisamente porque é único, não pode dissolver-se, porque, seja ele o que for, acha-se fora do poderio da dissolução e desligado das leis da morte.

Como entender que Deus é Espírito

7,37 A respeito daquilo que o Senhor diz, [isto é,] que Deus é “Espírito”,^[67] penso que Cristo assim falou do Pai, porque queria que Deus fosse ainda entendido como algo mais que espírito. De fato, embora discuta, em seu Evangelho, com homens que faziam progressos no entendimento, no entanto, ainda fala de Deus aos homens de um modo que eles, até o momento, podiam ouvir e compreender, embora se esforce, como dissemos, para que eles fizessem progressos religiosos no conhecimento de Deus.

7,38 Encontramos escrito, com efeito, que Deus é chamado “caridade”,^[68] nem por isso, contudo, a substância de Deus é expressa como caridade; e que Deus é dito “luz”^[69] e nisso tampouco se acha a sua substância. Mas todas essas coisas se dizem a respeito de Deus na medida em que se podem dizer, para que, quando se diz que é “espírito”^[70], com razão não se diga tudo o que ele é, porém que, ao dizê-lo, a mente dos homens progrida em seu entender até chegar ao próprio espírito, convertida já, ela mesma, em espírito, e, pelo espírito, possa presumir que Deus seja algo mais.

Aquilo que ele é, conforme é, não pode ser proclamado pela palavra humana, nem percebido pelos ouvidos humanos, nem recolhido pelos sentidos humanos. Pois se “os olhos não viram, os ouvidos não ouviram e o coração do homem não percebeu tudo o que Deus preparou para os que o amam”,^[71] qual e quão grande não será ele mesmo, que prometeu, por sua vez, coisas tais que, para entendê-las, faltaram quer a mente quer a natureza do homem.

7,39 Por fim, se tomares por espírito a substância de Deus, terás feito de Deus uma criatura – pois todo espírito é criatura, logo já será um Deus feito –, assim como também se, de acordo com Moisés, tomares a Deus por “fogo”:^[72] ao dizeres que é uma criatura, terás expressado algo criado, não terás representado o Criador. Tais coisas, porém, mais que realidades que são desta maneira, são figuradas. No Antigo Testamento, pois, diz-se que Deus é “fogo”^[73] para incutir medo no povo pecador, ao mostrar-se o juiz. No Novo Testamento, afirma-se que é “espírito”^[74] para que, por meio desta bondade da indulgência conferida aos que creem, se fizesse reconhecer o restaurador e Criador dos que estão mortos^[75] em seus delitos.

A providência divina

8,40 Deixadas de lado, portanto, as fábulas e representações dos hereges, a Igreja conhece e venera este Deus, de quem sempre dá testemunho a natureza inteira, tanto das realidades invisíveis quanto das visíveis, a quem os anjos adoram, os astros admiram, os mares bendizem, as terras temem e os infernos todos levantam o olhar. Experimenta-o toda mente humana, embora não o exprima. Sob o seu comando, tudo se põe em movimento, as fontes brotam, as torrentes deslizam, levantam-se as tormentas, todos dão à luz os seus rebentos, forçam-se os ventos a soprar, vêm as chuvas, agitam-se os mares e, por toda a parte, todas as coisas espalham suas riquezas.

8,41 Ele constituiu para os primeiros homens certo paraíso no Oriente,^[76] um mundo peculiar de vida eterna; ali plantou a “árvore da vida” e colocou, igualmente, outra árvore, a “da ciência do bem e do mal”.^[77] Outorgou um mandamento, estabeleceu uma sentença contra o delito,^[78] preservou^[79] o mui justo Noé dos perigos do dilúvio pelo mérito da inocência e da fé. Levou^[80] Henoc, admitiu^[81] Abraão numa relação de amizade, protegeu^[82] Isaac, fez Jacó crescer,^[83] colocou^[84] Moisés como chefe do povo, arrebatou^[85] ao jugo da escravidão os filhos de Israel que se lamentavam. Escreveu^[86] a lei, introduziu^[87] a descendência dos patriarcas na terra da promessa, instruiu os profetas com o Espírito e, por meio de todos eles, prometeu o Cristo, seu Filho, e o enviou quando tinha anunciado que o haveria de dar.

Cristo: o ápice da providência

8,42 Por meio dele, quis vir ao nosso conhecimento e em nós derramou os recônditos abundantes da sua misericórdia, concedendo um Espírito opulento a indigentes e abjetos. E porque, além disso, é generoso e bom, a fim de que todo este mundo não viesse a secar-se, afastando-se dos rios da sua graça, quis, por meio do seu Filho, que os apóstolos fossem enviados^[88] a todo o mundo quais educadores da nossa raça, para que o gênero humano reconhecesse o seu Criador e, se o escolhesse seguir, tivesse já a quem pudesse, em suas orações, chamar de Pai^[89] em vez de Deus.

Providência individual e providência comunitária

8,43 Sua providência não só se estendeu ou se estende a cada homem, mas também a cidades e povos, cujo fim ele predisse pelas vozes dos profetas, e até mesmo a toda a extensão da terra, cujo desenlace ele descreveu – calamidades, dizimações e sofrimentos, por causa da sua incredulidade. E para que ninguém pensasse que essa providência infatigável de Deus não chega também a cada uma das mínimas coisas, o Senhor disse: “De dois pardais nenhum deles cai por terra sem o consentimento do vosso Pai! Quanto a vós, até mesmo os vossos cabelos foram todos contados”.^[90] Seu cuidado e providência não deixaram que as vestes dos israelitas se consumissem, que seus calçados tão vis se lhes deteriorassem nos pés,^[91] nem que, por último, se queimassem os mantos dos seus próprios jovens cativos.^[92] E não sem razão, pois se ele, contendo todas as coisas, a todas elas abrangeu, e a totalidade das coisas consta de cada um dos seres, por conseguinte, estender-se-á a cada ser o cuidado daquele cuja providência chega a tudo aquilo que existe.

A existência como carro de Deus

8,44 Daqui que se diga que ele se senta “sobre os querubins”,^[93] isto é, que preside a variedade de suas obras, achando-se submetidos a seu trono os seres viventes que detêm o principado sobre os demais.^[94]

Acima de tudo está o cristal, a saber, o céu que a tudo cobre, que, qual firmamento, a uma ordem de Deus, fora consolidado^[95] a partir da fluida matéria das águas, para que o gelo resistente, que divide pela metade as águas que outrora cobriam a terra, fortalecido o seu vigor com o frio, sustentasse, como que sobre suas costas, o peso das águas superiores.

Assim, também lhe foram colocadas rodas^[96] por debaixo, ou seja, os tempos, com os quais todos os membros do mundo sempre giram, tendo sido estes unidos a pés tais que, por força dos mesmos, não permanecem imóveis, mas decorrem. Mas, igualmente, por todas as suas articulações estão cheios de olhos:^[97] as obras de Deus, com efeito, hão de contemplar-se com olhar atento. E, em seu seio, há carvões em brasa:^[98] quer porque o mundo presente apressa-se^[99] em encaminhar-se para o inflamado dia do juízo, quer porque todas as obras de Deus são resplendentes e não tenebrosas, mas cheias de vida, quer ainda porque – uma vez que essas realidades derivam de princípios terrenos, para que não se entorpecessem naturalmente pela rigidez de sua origem – a todas foi dada a cálida natureza de um espírito interior que, agregada aos frios corpos, a todos mostra um equilíbrio constante para proveito da vida.

8,45 De acordo com Davi, este é o carro de Deus. “Os carros de Deus”, ele diz, “são milhares de miríades”,^[100] isto é, algo inumerável, infinito e imenso. De fato, sob o jugo da lei natural dada a todos os seres, uns são obrigados a voltar-se para trás, reconduzidos como que por freios, outros são obrigados a avançar, estimulados como que por rédeas soltas.

Os próprios anjos e os astros conduzem este mundo qual carro de Deus, com todas as coisas, cujos trajetos, embora sendo vários, sujeitam-se a leis precisas e, com atenção observamos, conduzem a metas que lhes foram temporalmente definidas. Assim, com razão, admirando com o apóstolo tanto o artífice como as obras, também a nós já nos agrada exclamar: “Ó abismo da riqueza, da sabedoria e da ciência de Deus! Como são insondáveis seus juízos e impenetráveis seus caminhos!”^[101] e o que segue.

O Filho Prometido no Antigo Testamento

9,46 A mesma regra da verdade ensina-nos a crer, depois do Pai, também no Filho de Deus, Cristo Jesus, Senhor e Deus nosso. Mas Filho de Deus, deste Deus que é um só e único, a saber, Criador de todas as coisas, como, aliás, já foi exposto acima.

Lemos, pois, que este Jesus Cristo – direi novamente – Filho deste Deus, não só foi prometido no Antigo Testamento, como também o reconhecemos manifestado no Novo Testamento, cumprindo as sombras e figuras de todos os mistérios a respeito da presença da verdade encarnada.

9,47 Com efeito, os Evangelhos, não menos que as antigas profecias, atestam que ele é filho de Abraão e de Davi.^[102] O próprio Gênesis o atesta ao dizer: “A ti e à tua raça darei”,^[103] ou quando mostra o homem que lutou com Jacó,^[104] ou quando diz: “O cetro não se afastará de Judá, nem o bastão de chefe de entre seus pés, até que venha aquele para quem ele foi prometido, ele será a expectativa dos povos”.^[105] Atesta-o Moisés quando diz: “Envia o intermediário que quiseres”^[106] e, ele mesmo, ao declarar: “Teu Deus suscitará um profeta como eu no meio de ti, dentre os teus irmãos, e vós o ouvireis”,^[107] ou quando diz: “Tua vida penderá à tua frente por um fio; ficarás apavorado noite e dia, e não acreditarás mais na vida”.^[108]

9,48 Atesta-o Isaías: “Um ramo sairá do tronco de Jessé, um rebento brotará de suas raízes”,^[109] e também quando diz: “Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho”.^[110] O mesmo profeta, quando estabelece que haveriam de realizar-se curas por meio dele, diz: “Então se abrirão os olhos dos cegos e os ouvidos dos surdos se desobstruirão. Então o coxo saltará como o cervo, e a língua do mudo cantará canções alegres”,^[111] e dá a conhecer os poderes da paciência, dizendo: “Ele não clamará, não levantará a voz, não fará ouvir a voz nas ruas; não quebrará a cana rachada, não apagará a mecha bruxuleante”.^[112] E isto disse, quando descreveu o seu Evangelho: “Farei convosco uma aliança eterna, assegurando-vos as graças prometidas a Davi”.^[113] Quando profetiza que os povos haveriam de crer nele, diz isto: “Com efeito, eu o pus como testemunha aos povos, como regente e comandante de povos. Assim, tu chamarás por uma nação que não conheces, sim, uma nação que não te conhece acorrerá a ti”.^[114]

9,49 Isaías refere-se ao mesmo Cristo, quando exclama, diante da sua paixão, dizendo: “Como cordeiro conduzido ao matadouro; como ovelha que permanece muda na presença dos tosquiadores, ele não abriu a boca. Após detenção e julgamento, foi preso”.^[115] Referiu-se a ele quando descreveu quer os golpes de seus flagelos e suas

chagas, “por suas feridas fomos curados”,^[116] quer a sua humilhação, “não tinha beleza nem esplendor que pudesse atrair o nosso olhar, nem formosura capaz de nos deleitar. Era desprezado e abandonado pelos homens, homem sujeito à dor, familiarizado com o sofrimento”.^[117]

Ele atesta que o povo não haveria de crer [nele]: “Todos os dias, estendi as mãos a um povo rebelde”,^[118] e que ele ressuscitaria dos mortos: “Naquele dia, a raiz de Jessé, que se ergue como um sinal para os povos, será procurada pelas nações, e a sua morada se cobrirá de glória”.^[119] Atesta-o quando manifesta o momento da [sua] ressurreição: “Ao amanhecer, encontrá-lo-emos preparado”,^[120] e, ainda, que haveria de sentar-se à direita do Pai: “Oráculo do Senhor ao meu Senhor: ‘Senta-te à minha direita, até que eu ponha teus inimigos como escabelo de teus pés’”.^[121]

Atesta-se ainda que ele é estabelecido como dono de todas as coisas, ao dizer-se: “Pede, e eu te darei as nações como herança, os confins da terra como propriedade”.^[122] E como juiz de todas as coisas ele é mostrado: “Ó Deus, concede ao rei teu julgamento e a tua justiça ao filho do rei”.^[123] E não exporei neste lugar as muitas coisas anunciadas a respeito de Cristo, que são conhecidas por todos os hereges, porém mais conhecidas por aqueles que possuem a verdade.

A inutilidade de um Cristo imaginário

10,50 Mas recordo o seguinte: não haveria de esperar-se outro Cristo no Evangelho senão aquele que fora anteriormente prometido pelo Criador no texto do Antigo Testamento, principalmente quando não só as coisas que dele foram profetizadas se cumpriram, mas também as que se realizaram foram antes profetizadas.

Assim, com razão, verdadeira e insistentemente, posso perguntar a não sei que Cristo imaginário, derivado de fábulas de velhas, fictício e falso, próprio desses hereges que rejeitam a autoridade do Antigo Testamento: Quem és? Donde vens? Por quem foste enviado? Por que quiseste vir agora? Por que desta maneira? Ou por onde pudeste vir?

10,51 Ou por que não foste aos teus, a não ser porque, vindo tu mesmo aos estranhos, provaste que não tinhas quem fosse teu? O que tens a ver com o mundo do Criador? O que tens a ver com o homem do Criador? O que tens a ver com a criação do corpo, ao qual arrebatas a esperança da ressurreição? Por que vens a um servo^[124] alheio? Por que desejas inquietar um filho alheio? Por que tentas arrebatá-me ao Senhor? Por que me impeles a blasfemar contra o Pai e a ser ímpio? Ou o que hei de conseguir de ti na ressurreição, eu que não me restabeleço a mim mesmo, ao perder o corpo? Queres salvar? Ter-te-ias feito homem, ao qual terias dado a salvação. Desejas libertar do pecado? Antes ter-me-ias concedido que não pecasse.

10,52 Aliás, que apoio da lei levas contigo de um lado para outro? Que testemunho tens da voz profética? Ou o que de sólido posso eu prometer-me a teu respeito, ao ver que vieste não em solidez, mas qual fantasma? O que tens, pois, a ver com a forma do corpo se odeias o corpo? Pelo contrário, é-te demonstrado que levas a substância do corpo que odeias, cuja forma também quiseste assumir. Terias devido odiar, portanto, a imitação do corpo, uma vez que odiavas a sua realidade; porque se és outro, de outro modo deverias ter vindo, para que, tendo só mesmo a imagem da carne e do corpo, não fosses chamado filho do Criador. Certamente, se odiavas o nascimento, porque odiavas a união nupcial que provém do Criador, deverias recusar até a imitação do homem, que nasce por meio das núpcias que são do Criador.

A verdade e o significado da encarnação do Verbo

10,53 Numa palavra, não reconhecemos o Cristo dos hereges que, como se diz, existiu em aparência e não de verdade. Ele nada terá feito de verdadeiro dentre as coisas que realizou, se, de fato, existiu qual fantasma e não de verdade. Ele nada de nosso corpo trouxe em si, ao nada ter recebido de Maria, supondo que não terá vindo a nós, ao ter aparecido sem ser visto em nossa natureza. Não reconhecemos aquele Cristo que quis uma carne etérea ou celeste, como outros hereges desejaram. Não aconteça que pensemos haver nele alguma salvação para nós, sem que em seu corpo vejamos também a solidez do nosso corpo; nem, absolutamente, pensemos haver algum outro Cristo que tenha levado qualquer outro corpo de fábulas, segundo as ficções dos hereges.

10,54 Tanto o nascimento do Senhor como sua própria morte refutam, pois, a todos esses. De fato, “o Verbo”, diz João, “se fez carne e habitou entre nós”,^[125] para que, com razão, o nosso corpo nele estivesse, uma vez que, certamente, a Palavra assumiu a nossa carne. Por isso, também o sangue jorrou-lhe de mãos e pés,^[126] bem como do seu próprio lado,^[127] para que se provasse que partilhava do nosso corpo ao morrer de acordo com as leis do nosso ocaso.

Ao comprovar,^[128] com as feridas do próprio corpo, que ressuscitou na mesma substância do corpo na qual morrera, aquele que reedificou, em sua ressurreição, o corpo que teve de nós, demonstrou também em sua carne as leis da nossa ressurreição. Estabelece-se, pois, a lei da ressurreição ao ressuscitar Cristo, na substância do corpo, para exemplo dos demais.

10,55 Ora, quando se escreve que “a carne e o sangue não podem herdar o Reino de Deus”,^[129] não se condenou a substância da carne, que foi construída pelas mãos divinas para que não percesse, mas apenas se repreendeu, e com razão, a culpa da carne, que agiu contra as prescrições da lei divina por voluntária temeridade do homem. Uma vez cancelada dita culpa, no batismo e na dissolução da morte, a carne se volta para a salvação, ao ser novamente chamada a um estado de inocência, tendo sido despojada da mortalidade do pecado.

Cristo, Filho de Deus e Filho do homem

11,56 Contudo, não pareça que, por afirmar que nosso Senhor Jesus Cristo, Filho do Deus Criador, manifestou-se na substância de um verdadeiro corpo, tenhamos dado as mãos ou concedido argumentos a outros hereges que, em relação a isso, defendem que ele é tão somente um homem e que, portanto, desejam provar que é um homem comum e solitário. Não falamos nesse sentido a respeito da substância do seu corpo, como se disséssemos que ele é apenas um homem, mas sustentamos que ele é também Deus, segundo as Escrituras, estando a divindade da Palavra mesclada nessa mesma concreção.

11,57 Perigo grande é, pois, dizer que o Salvador do gênero humano – Senhor e príncipe do mundo inteiro, a quem “tudo foi entregue”^[130] e concedido por seu Pai, por meio de quem todas as coisas foram constituídas, criadas e dispostas, rei de todas as eras e tempos,^[131] príncipe de todos os anjos, antes do qual nada há senão o Pai – é tão somente um homem e negar-lhe, no que acabo de enumerar, a autoridade divina. Esta afronta dos hereges recairá inclusive sobre o próprio Deus Pai, na hipótese de ele não ter podido gerar um Deus Filho.

11,58 Ora, cegueira alguma dos hereges fará oposição à verdade e, pelo fato de eles sustentarem em Cristo algum aspecto e negarem outro, de verem certa dimensão e não outra, não nos será arrebatado o que eles não veem através daquilo que veem.

Consideram nele as fragilidades como sendo de homem, mas não levam em conta a força como sendo de Deus; recordam-se das fraquezas da carne, mas não admitem o poder da divindade. Mas, se esta argumentação a partir das fraquezas de Cristo leva a que se comprove, pelas fraquezas, que ele é homem, a argumentação da divindade que nele se faz presente, concluída a partir do seu poder, levará a que também se afirme, pelas obras, que ele é Deus. Pois se as paixões mostram nele a fragilidade humana, por que as obras não afirmam nele o poder divino? Se a tal não levarem, isto é, a que ele seja dito Deus pelo seu poder, tampouco levem as paixões a que ele seja, por elas mesmas, reconhecido como homem.

Qualquer princípio interpretativo que se estabelecer para um destes aspectos aparecerá como suspeito no tocante ao outro. Haverá, pois, o perigo de que ele nem possa ser mostrado como homem, por meio das suas paixões, se não se puder comprovar que é também Deus, por meio do seu poder. Logo, não se há de inclinar em direção a uma parte e fugir da outra, uma vez que não terá a verdade perfeita aquele que excluir alguma porção da verdade.

11,59 Com efeito, a Escritura anuncia tanto que o Cristo é Deus como diz que Deus é também aquele mesmo homem. Descreveu que Jesus Cristo é homem e que o Cristo

Senhor é também Deus. E não afirma que ele é apenas Filho de Deus, mas também do homem; nem apenas diz que o é do homem, mas costuma também referir que o é de Deus, para que, ao ser de ambos, fosse ambos; se, pois, somente fosse um, não poderia ser o outro.

Como, pois, prescreveu a própria natureza que haveria de considerar-se homem aquele que procede do homem, do mesmo modo, a mesma natureza prescreverá que há de ser tido por Deus aquele que procede de Deus. Porque se não fosse também Deus, ao proceder de Deus, tampouco homem seria, por mais que tivesse procedido do homem e, numa situação como noutra, ambas as dimensões se comprometeriam, ao demonstrar-se que uma delas perdeu crédito por causa da outra.

As duas naturezas de Cristo nas Escrituras

11,60 Portanto, os que leem que o homem Cristo Jesus^[132] é filho do homem, leiam que ele mesmo é também chamado Deus e Filho de Deus. Na realidade, assim como, por ser homem, procede de Abraão,^[133] assim também, por ser Deus, existe antes que o próprio Abraão.^[134] E assim como, por ser homem, é filho de Davi, assim também é chamado Senhor de Davi,^[135] por ser Deus.

Assim como, por ser homem, foi criado sob a lei,^[136] assim também, por ser Deus, mostrou-se Senhor do sábado.^[137] Assim como, por ser homem, sofre uma condenação,^[138] assim também manifesta que, por ser Deus, tem confiado a si todo julgamento,^[139] tanto de vivos como de mortos. Assim como nasceu, por ser homem, depois do mundo, assim também, por ser Deus, testemunha que existe antes do mundo.^[140] Assim como, por ser homem, foi gerado “da estirpe de Davi”,^[141] assim também, por ser Deus, se diz que, por meio dele,^[142] o mundo foi criado. Assim como, por ser homem, existe depois de muitos, assim também, por ser Deus, existe antes de todos.

Assim como, por ser homem, é inferior a outros, assim também, por ser Deus, é maior que todos. Assim como, por ser homem, subiu ao céu,^[143] assim também, por ser Deus, descera de lá antes.^[144] Assim como, por ser homem, vai para o Pai,^[145] assim também, obediente ao Pai, por ser Filho, dali há de descer.^[146] Desse modo, se aquilo em que é inferior comprova que nele existe a fragilidade humana, aquilo em que é superior manifesta que nele existe o poder divino.

11,61 O perigo consiste em que, ao leres ambas as dimensões, não creias em ambas, mas numa delas. Por isso, porque em Cristo ambas as coisas se leem, creia-se em ambas, para que, neste caso somente, a fé seja verdadeira, se também for completa. Se uma das duas dimensões for negligenciada na fé e a outra, precisamente a menor, for assumida para crer-se, essa temeridade não trará salvação, perturbada que foi a regra da verdade, mas, em vez de salvação, terá suscitado, a partir do dano da fé, um grande perigo de morte.

A divindade de Cristo no Antigo Testamento

12,62 Por que, pois, teríamos dúvidas de dizer o que a Escritura não tem dúvidas de expressar? Por que hesitará a verdade da fé naquilo em que nunca hesitou a autoridade da Escritura? Eis o que diz da parte do Pai o profeta Oseias: “Não os salvarei nem pelo arco, nem pelos cavalos, nem pelos cavaleiros, mas os salvarei pelo Senhor, seu Deus”.^[147] Se Deus diz que vai salvar por Deus e, por outro lado, Deus não salva a não ser por Cristo, por que, pois, o homem vacilaria em dizer que é Deus o Cristo que ele reconhece, através das Escrituras, ter sido considerado Deus pelo Pai?

E ainda mais: se Deus Pai não salva a não ser por Deus, ninguém poderia ser salvo por Deus Pai, a não ser aquele que confessar que Cristo é Deus, em quem e por quem o Pai promete que dará a salvação, de modo que, com razão, todo aquele que o reconhece também como Deus encontra a salvação em Cristo Deus, e todo aquele que não o reconhecer também como Deus perdeu a salvação, que em lugar algum poderá achar a não ser em Cristo Deus.

12,63 Como diz, pois, Isaías: “Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e o chamarão com o nome de Emanuel, o que traduzido significa: Deus está conosco”,^[148] assim o próprio Cristo diz: “E eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos”.^[149] Logo, Deus está conosco, e até muito mais, está também em nós. Cristo está conosco: ele é aquele cujo nome é “Deus está conosco”, porque também conosco está. Ou por acaso não está conosco? Como é que diz, pois, que está conosco? Ele está conosco, portanto. E porque está conosco, é chamado de Emanuel, isto é, “Deus está conosco”. Assim, Deus, pelo fato de estar conosco, é chamado de “Deus está conosco”.

12,64 O mesmo profeta diz: “Fortalecei as mãos abatidas, revigori os joelhos cambaleantes. Dizei aos corações conturbados: ‘Sede fortes, não temais. Eis que vosso Deus vem para vingar-vos, trazendo a recompensa divina. Ele vem para vos salvar’. Então se abrirão os olhos dos cegos, e os ouvidos dos surdos se desobstruirão. Então o coxo saltará como o cervo, e a língua do mudo cantará canções alegres”.^[150] Se o profeta afirma que tais sinais que se realizaram haveriam de ter lugar quando da vinda de Deus, ou reconheçam os homens que o Cristo, em cuja vinda e por meio de quem se realizaram esses sinais de salvação, é o Filho de Deus, ou, vencidos pela verdade da divindade de Cristo e caindo noutra heresia, ao não quererem confessá-lo como Deus e Filho de Deus, confessá-lo-ão como sendo o Pai.

Rodeados, pois, pelas vozes dos profetas, já não podem negar que Cristo seja Deus. O que respondem, então, quando se diz que, quando da vinda de Deus, haveriam de ocorrer esses sinais que se realizaram na vinda de Cristo? De que modo entendem que Cristo é Deus – pois negar que seja Deus já não podem –, como Pai ou como Filho? Se

como Filho, por que negam que o Filho de Deus seja Deus? Se como Pai, por que não seguem os que parecem sustentar blasfêmias deste tipo? Seja-nos suficiente, por ora, neste certame contra eles acerca da verdade, que, convencidos de um modo ou de outro, confessem como Deus aquele Cristo que quiseram negar fosse também Deus.

12,65 Pelo profeta Habacuc se diz: “Deus virá do sudoeste, e o santo, de um monte obscuro e denso”.^[151] Quem é que esses querem que venha do sudoeste? Se disserem que veio Deus Pai onipotente, logo Deus Pai terá vindo de um lugar e, portanto, estará também encerrado num lugar e contido entre as estreitezas de alguma morada.

Assim, por meio deles, como dissemos, toma corpo a sacrílega heresia sabeliana, visto que Cristo é crido não como Filho, mas como Pai, e, ao ser dito decididamente por eles que é simples homem, por meio deles se comprova, novamente e de outra maneira, que Cristo é Deus Pai onipotente. Ora, se o Cristo, que pelas Escrituras é também chamado Deus, nasce em Belém,^[152] cuja demarcação se orienta à porção meridional do céu, com razão se descreve que este Deus vem do sudoeste, uma vez que se previa que haveria de vir de Belém.

12,66 Escolham, pois, das duas hipóteses a que quiserem: o que veio do sudoeste é o Filho ou é o Pai, pois se diz que Deus virá do sudoeste. Ao escolher que é o Filho, por que hesitam em dizer que o Cristo é também Deus? Pois a Escritura diz que Deus há de vir. Ao escolher que é o Pai, por que vacilam em misturar-se com a temeridade de Sabélio, que diz que Cristo é o Pai? Porque, quer digam que ele é o Pai, quer digam que é o Filho, torna-se necessário que os que costumam dizer que Cristo é tão somente um homem se separem de sua própria heresia, mesmo a contragosto, ao começarem eles, forçados pela própria realidade, a concluir que ele é Deus, quer desejem chamá-lo de Pai, quer desejem chamá-lo de Filho.

A divindade de Cristo no Novo Testamento

13,67 Assim também João, descrevendo o nascimento do Senhor, diz: “O Verbo se fez carne e habitou entre nós, e nós vimos a sua glória, glória que ele tem junto ao Pai como Filho único, cheio de graça e de verdade”.^[153] Não sem razão, portanto, “o nome com que é chamado é Verbo de Deus”.^[154] Diz [Deus]: “Meu coração transborda numa bela palavra”,^[155] a qual ele chama, logo depois, com o nome do rei, dizendo: “Eu anuncio a minha obra a um rei”.^[156]

“Tudo foi feito”, pois, “por meio dele e sem ele nada foi feito”.^[157] Como disse o apóstolo: “As coisas visíveis e invisíveis: tronos, soberanias, principados, autoridades, tudo por ele”^[158] está firme. Porém, o Verbo é aquele que “veio para o que era seu e os seus não o receberam”.^[159] “O mundo foi feito por meio dele, mas o mundo não o reconheceu”.^[160] Este Verbo, todavia, “no princípio estava com Deus e o Verbo era Deus”.^[161]

Quem duvidaria, ao dizer-se, na parte final, que “o Verbo se fez carne e habitou entre nós”,^[162] de que o Cristo, de quem existe um nascimento e porque se fez carne, é homem? E, por ser Verbo de Deus, quem hesitaria em proclamar, sem vacilação, que é Deus, especialmente quando percebe que a Escritura evangélica uniu por aliança essas duas substâncias na única harmonia do nascimento de Cristo?

13,68 De fato, ele é o que “sai, qual esposo da alcova, como alegre herói percorrendo o caminho. Ele sai de um extremo dos céus e até o outro extremo vai o seu percurso”.^[163] Pois até o extremo [ele volta, já que] “ninguém subiu ao céu, a não ser aquele que desceu do céu, o Filho do Homem [que está nos céus]”.^[164] Repetindo isso mesmo, ele diz: “Glorifica-me, Pai, junto de ti, com a glória que eu tinha junto de ti antes que o mundo existisse”.^[165]

E, se este Verbo desceu do céu, qual esposo para a carne, para que o Filho do homem, pela assunção da carne, pudesse subir para lá, de onde tinha descido o Verbo, Filho de Deus, justamente recebe já aquela glória que se mostra que ele tinha possuído antes da criação do mundo. Pois, por mútua conexão, a carne traz o Verbo de Deus e o Filho de Deus assume a fragilidade da carne, demonstrando-se que ele é Deus, pois subindo com a esposa carne para lá, de onde sem a carne tinha descido. Não obstante, ao dizer-se que o próprio mundo foi criado depois dele, descobre-se que foi criado por meio dele, com o qual se demonstra que tanto a autoridade como a glória da divindade estão naquele por quem o mundo foi feito.

13,69 Cristo enxerga os segredos do coração^[166] quando de ninguém, senão de Deus,^[167] é próprio conhecê-los. O mesmo Cristo perdoa pecados^[168] quando de

ninguém, senão de Deus, é próprio perdoá-los; e, quando de homem algum é próprio vir do céu, ele do céu desceu.^[169] Quando de homem algum pode provir esta afirmação: “Eu e o Pai somos um”,^[170] apenas Cristo, a partir da consciência da sua divindade, a proclama.

O apóstolo Tomé, instruído por todos os fatos e provas acerca da divindade de Cristo, finalmente, respondendo, diz a Cristo: “Meu Senhor e meu Deus”.^[171] Também o apóstolo Paulo escreve em suas cartas que aos israelitas “pertencem os patriarcas, dos quais descende o Cristo que é, acima de tudo, Deus bendito pelos séculos”.^[172] E ele mesmo destaca ter sido constituído apóstolo, “não da parte dos homens nem por intermédio de um homem, mas por Jesus Cristo”.^[173] Paulo ainda sustenta não ter aprendido o Evangelho através dos homens nem por meio de um homem, mas por Jesus Cristo.^[174]

Posto tudo isso, com razão Cristo é Deus.

Tudo foi feito por Cristo

13,70 Assim, a esta altura, deverá estar firmemente estabelecida uma de duas coisas. Sendo manifesto que todas as coisas foram feitas por Cristo: ou ele existe antes de todas as coisas, posto que “tudo foi feito por meio dele”,^[175] e, com razão, é também Deus, ou então ele foi feito depois de tudo e, com razão, nada foi feito por meio dele, porque ele é homem. Mas não podemos dizer que nada foi feito por meio dele ao observarmos que está escrito que “tudo foi feito por meio dele”.^[176] Logo, ele não existe depois de tudo, isto é, não é apenas um homem aquele que existe depois de tudo, mas é também Deus, uma vez que Deus existe antes de tudo. Ele existe, pois, antes de todas as coisas, porque “tudo foi feito por meio dele”,^[177] seguramente, se fosse apenas um homem, nada existiria por ele, ou, se tudo existe por ele, não é apenas um homem, posto que se homem apenas fosse, não existiria tudo por ele, ou melhor, nada existiria por ele.

13,71 O que respondem, pois? Nada foi feito por ele, de modo que é apenas um homem? Como então [pode] tudo ter sido feito por ele? Logo, não é tão somente um homem, mas é também Deus, visto que todas as coisas existem por ele. Deste modo, devemos justamente entender que o Cristo não é apenas um homem, que existe depois de tudo, mas é também Deus, ao terem sido feitas por ele todas as coisas.^[178] Como então o declaras ser tão somente um homem, ao terem sido feitas por ele todas as coisas, ou como apenas o declaras Deus, quando o vês também na carne, e não se creem, com razão, ambas as coisas, quando ambas se observam?

Os hereges estejam atentos às Escrituras

14,72 Entretanto, o herege ainda hesita em dizer que Cristo é Deus, o que percebe ser comprovado por tantos fatos e palavras. Se Cristo é apenas um homem, como é que, vindo a este mundo, “veio para o que era seu”,^[179] ao não ter feito o homem mundo algum? Se Cristo é apenas um homem, como é que se afirma que “o mundo foi feito por meio dele”,^[180] quando se afirma que o mundo não foi feito por meio de um homem, mas sim que o homem foi criado depois do mundo?

14,73 Se Cristo é apenas um homem, como é que ele não provém apenas “da estirpe de Davi”,^[181] mas o “Verbo se fez carne e habitou entre nós”?^[182] Na realidade, o primeiro homem, embora não tivesse provindo de estirpe alguma, não foi formado por junção do Verbo e da carne. O primeiro homem não era, com efeito, o “Verbo que se fez carne e habitou entre nós”.^[183] Se Cristo é apenas um homem, como é que “aquele que vem do céu dá testemunho do que viu e ouviu”,^[184] quando se sabe com certeza que um homem não pode vir do céu, pelo fato de não poder nascer lá? Se Cristo é apenas um homem, como é que se afirma que as coisas “visíveis e invisíveis: Tronos, Soberanias, Principados, Autoridades, tudo foi criado por ele e para ele”,^[185] quando, por meio de um homem, não podem ser feitos os poderes celestes, os quais devem ter sido criados antes do próprio homem?

14,74 Se Cristo é apenas um homem, como é que se faz presente em toda parte onde é invocado,^[186] quando a característica natural de se poder fazer presente em todos os lugares não é própria do homem, mas de Deus? Se Cristo é apenas um homem, por que é invocado um homem como mediador nas orações, quando se julga ineficaz a invocação de um homem para conceder-se a salvação? Se Cristo é apenas um homem, por que se deposita esperança nele,^[187] quando se afirma que a esperança posta num homem é maldita?^[188] Se Cristo é apenas um homem, por que não se pode negar a Cristo,^[189] sem ruína da alma, quando se afirma que se pode perdoar o pecado cometido contra um homem?^[190]

14,75 Se Cristo é apenas um homem, como é que João Batista testemunha e diz: “O que vem depois de mim passou adiante de mim, porque existia antes de mim”,^[191] quando, se fosse apenas homem, Cristo, nascido depois de João, não podia existir antes dele, a não ser porque, por ser Deus, o precedeu?

14,76 Se Cristo é apenas um homem, como é que “tudo aquilo que o Pai faz, o

Filho faz igualmente”,^[192] quando um homem não pode fazer obras semelhantes às obras celestes de Deus? Se Cristo é apenas um homem, como é que “assim como o Pai tem a vida em si mesmo, também concedeu ao Filho ter a vida em si mesmo”,^[193] quando o homem não pode ter a vida em si mesmo como a tem Deus Pai, ao não ser o homem glorioso na eternidade, mas constituído da matéria da mortalidade?

14,77 Se Cristo é apenas um homem, como é que afirma: “Eu sou o pão da vida eterna descido do céu”,^[194] quando nem pão da vida o homem pode ser, nem, mortal como é, ter descido do céu, não havendo no céu matéria alguma de fragilidade? Se Cristo é apenas um homem, como é que diz: “Não que alguém tenha visto o Pai, só aquele que vem de junto de Deus viu o Pai”?^[195] Uma vez que, se apenas fosse homem, Cristo não teria podido ver a Deus, porque dentre os homens “ninguém jamais viu a Deus”.^[196] Ora, se, ao vir de junto de Deus, viu a Deus, pelo fato de o ver, quis que se compreendesse que ele é mais que um simples homem.

14,78 Se Cristo é apenas um homem, por que diz: “E quando virdes o Filho do Homem subir aonde estava antes”?^[197] Ora, ele subiu ao céu. Logo, tinha estado lá, ao voltar para onde tinha estado primeiro. E tendo sido enviado do céu pelo Pai, não é certamente apenas um homem, dado que um homem, como dissemos, não teria podido vir do céu. Por conseguinte, um homem não teria existido lá com anterioridade, mas sim subido para onde não tinha estado. Desceu, porém, o Verbo de Deus, que lá existia, o Verbo de Deus, direi, que é Deus, por meio de quem “tudo foi feito e sem o qual nada foi feito”.^[198] Não veio, portanto, um homem dali, isto é, do céu, mas a Palavra de Deus, isto é, Deus, dali desceu.

O Cristo procede de Deus

15,79 Se Cristo é apenas um homem, como então diz: “Embora eu dê testemunho de mim mesmo, meu testemunho é válido, porque sei de onde venho e para onde vou. Vós julgais conforme a carne”?^[199] Eis que também aqui ele diz que haveria de voltar para lá, de onde testemunha que viera antes, enviado que fora do céu. Desceu, portanto, de onde veio, assim como vai para o lugar de onde tinha vindo. Por isso, se Cristo fosse apenas um homem, não teria vindo de lá nem, por conseguinte, iria para lá, visto que de lá não viera.

Vindo de lá, porém, de onde um homem não pode vir, ele revela que veio como Deus. Entretanto, os judeus, que não conheciam nem estavam a par dessa mesma vinda, transformaram esses hereges em herdeiros seus, aos quais se diz: “Vós, porém, não sabeis de onde eu venho nem para onde eu vou. Vós julgais conforme a carne”.^[200] Tanto eles como os judeus, retendo que o nascimento de Cristo tenha sido apenas carnal, creram que Cristo não era nada além de um homem, sem considerar que um homem não teria podido vir do céu, de modo que, justamente, para lá pudesse voltar, nem que é Deus aquele que desceu de lá, de onde um homem não teria podido vir.

O Cristo não é deste mundo

15,80 Se Cristo é apenas um homem, como é que diz: “Vós sois daqui de baixo e eu sou do alto. Vós sois deste mundo, eu não sou deste mundo”?^[201] Logo, porém, se todo homem é deste mundo, ao estar Cristo neste mundo, porventura ele é tão somente um homem? Longe de nós pensá-lo! Considera, contudo, o que ele diz: “Eu não sou deste mundo”.^[202] Por acaso ele mente, já que é deste mundo, sendo tão somente um homem? Ou então, se não mente, não é deste mundo. Portanto, por não ser deste mundo, não é apenas um homem.

15,81 Ora, para que não permanecesse oculto quem ele era, manifestou de onde era: “Eu sou do alto”,^[203] ele disse, isto é, do céu, de onde o homem não pode vir, pois não foi feito no céu. Deus é quem é do alto e, conseqüentemente, não provém deste mundo, embora, em certo modo, Cristo seja também deste mundo. Daí que ele não seja apenas Deus, mas também homem, de modo que, assim como, com razão, não é deste mundo, conforme a divindade do Verbo, deste mundo ele é conforme a fragilidade do corpo assumido. Pois ele é um homem unido com Deus, é Deus enlaçado com um homem.

15,82 Mas, naquele momento, Cristo falou de si somente quanto à realidade da [sua] divindade, uma vez que a cegueira judaica viu nele apenas a realidade da carne. A isso se deve que, na ocasião, passada em silêncio a fragilidade do corpo, tenha falado apenas de sua divindade, que não é deste mundo, a fim de que pudesse atrair os judeus a que a considerassem, inclinados esses a crer que ele era apenas um homem. Assim, Cristo quis superar a incredulidade deles a respeito da sua divindade, pondo-lha diante dos olhos e omitindo, por um instante, a evocação de sua condição humana para que cressem que ele é Deus.

15,83 Se Cristo é apenas um homem, como então diz: “Saí de Deus e dele venho”,^[204] quando consta que o homem foi feito por Deus e não que procedeu de Deus? Ora, assim como o homem não procedeu de Deus, o Verbo de Deus, sim, procedeu, do qual foi dito: “Meu coração transborda numa bela palavra”,^[205] a qual, por provir de Deus, com razão está também “junto de Deus”,^[206] e, porque não foi proferida ociosamente, com razão faz todas as coisas.

Com efeito, “tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito”.^[207] Ora, este Verbo por quem tudo foi feito é Deus. “E o Verbo”, diz-se, “era Deus”.^[208] Deus, portanto, procedeu de Deus, porque a Palavra que procedeu é Deus que procedeu de Deus.

Cristo promete imortalidade e eternidade

15,84 Se Cristo é apenas um homem, como é que diz: “Se alguém guardar minha palavra, jamais verá a morte”?^[209] Que outra coisa é jamais ver a morte senão a imortalidade? Ora, a imortalidade está associada à divindade, porque tanto a divindade é imortal como imortalidade é fruto da divindade. Mas todo homem é mortal e a imortalidade não pode provir de um mortal. Logo, a imortalidade não pode nascer do homem mortal Cristo, embora ele diga: “Se alguém guardar minha palavra, jamais verá a morte”.^[210]

Então a palavra de Cristo concede a imortalidade e, pela imortalidade, a divindade. E se não pode dar-se que o mortal faça a outro imortal, essa palavra de Cristo, contudo, ao mesmo tempo, concede a imortalidade, não é certamente apenas um homem aquele que concede a imortalidade que não poderia conceder se tão somente fosse um homem. Concedendo, porém, a divindade pela imortalidade, ele comprova que é Deus, oferecendo a divindade que, a menos que fosse Deus, não poderia conceder.

15,85 Se Cristo é apenas um homem, como então diz: “Antes que Abraão existisse, Eu sou”?^[211] Ninguém dentre os homens pode existir antes daquele do qual procede, como não pode dar-se que alguma coisa tenha existido antes daquilo de que ela própria tomou origem. Mas Cristo, ao provir de Abraão, diz que existe antes de Abraão. Ou aquele que proveio de Abraão mente, portanto, e engana, se antes de Abraão não tiver existido, ou não engana, se também for Deus, tendo existido antes de Abraão. Se não o fosse, conseqüentemente, não poderia existir antes de Abraão, ao ter provindo dele.

15,86 Se Cristo é apenas um homem, como é que diz: “Eu conheço minhas ovelhas e elas me seguem; eu lhes dou a vida eterna e elas jamais perecerão”?^[212] Mas como todo homem está submetido às leis da mortalidade e, portanto, não pode conservar-se a si mesmo para sempre, muito menos poderá conservar outro para sempre. E se Cristo promete que dará para sempre a salvação, se não a der, é mentiroso; se a der, é Deus. Ele, porém, não engana, pois dá o que promete. É Deus, portanto, quem oferece a salvação perpétua que o homem, que não pode conservar-se a si mesmo, não poderá conceder a outrem.

O Cristo e o Pai são um

15,87 Se Cristo é apenas um homem, por que é que ele diz: “Eu e o Pai somos um”? ^[213] Como, pois, “eu e o Pai somos um”, se aquele, que por isto pode dizer-se um, não for tanto Filho como Deus, enquanto provém dele e é seu Filho, enquanto nasce dele e se afirma que dele procedeu, razão pela qual é também Deus? Porque os judeus o tinham considerado invejoso e julgado blasfemo, já que o Cristo, por estas palavras, mostrara ser Deus, ^[214] e tinham acorrido, por isso, às pedras com ideia de lançá-las contra ele, ^[215] ele refutou fortemente seus adversários com o exemplo e o testemunho das Escrituras.

“Se a Escritura chama deuses aqueles” – diz – “aos quais a palavra de Deus foi dirigida, e a Escritura não pode ser anulada, àquele que o Pai consagrou e enviou ao mundo dizeis: ‘Blasfemas!’, porque disse ‘Sou Filho de Deus!’”? ^[216] E, com tais palavras, não negou que fosse Deus, e até afirmou ser Deus, pois se são ditos deuses aqueles “aos quais a palavra de Deus foi dirigida”, muito mais é Deus este, que se revela melhor que todos eles.

15,88 Contudo, ele refutou adequadamente a caluniosa blasfêmia mediante uma legítima disposição. Ele quer, pois, ser entendido como Deus desta maneira, a saber, como Filho de Deus, e não queria ser entendido como se fosse o próprio Pai. Disse que foi enviado ^[217] e revelou que tinha mostrado muitas obras da parte do Pai, ^[218] porque quis ser compreendido não como se fosse o Pai, mas como Filho. E na última parte do seu discurso de defesa, fez menção do Filho, e não do Pai, dizendo: “Vós dizeis: ‘Blasfemas!’, porque disse ‘Sou Filho de Deus!’”? ^[219] Assim, no que diz respeito à acusação de blasfêmia, ele diz que é o Filho, não o Pai. Porém, no que diz respeito à sua própria divindade, ao dizer: “Eu e o Pai somos um”, ^[220] ele provou ser o Filho e também Deus. Logo, ele é Deus, mas é Deus de modo tal que é Filho, e não Pai.

O destino dos que creem em Cristo

16,89 Se Cristo é apenas um homem, como então ele próprio diz: “Quem vive e crê em mim jamais morrerá”?^[221] Ora, quem crê num simples homem é chamado maldito,^[222] ao passo que se diz que quem crê em Cristo, no entanto, não é maldito, mas que jamais morrerá. Portanto, ou ele é simplesmente um homem, conforme querem os hereges, ou então Cristo não é tão somente um homem, mas também Deus, em quem aquele que crê não só supera o perigo da maldição, como também tem acesso ao fruto da justiça. No primeiro caso, como é que aquele que nele crê jamais morrerá, já que se tem por maldito quem confia no homem? No segundo, não é maldito quem nele crê, mas, pelo contrário, é destinado, como se lê, a conseguir a vida eterna.

O Paráclito é enviado pelo Cristo

16,90 Se Cristo é apenas um homem, como diz então que o Paráclito receberá do que é dele e que o anunciará?^[223] E o Paráclito não recebe o que quer que seja de um homem, mas oferece ao homem a ciência; nem aprende de um homem o que sucederá, mas instrui o homem a respeito das realidades futuras. Logo, ou o Paráclito não recebeu do homem Cristo o que anuncia – uma vez que o homem nada poderá dar ao Paráclito, do qual é o próprio homem quem deve receber, e Cristo, nesta passagem, engana e ilude ao dizer que o Paráclito receberia dele, um homem, o que anuncia – ou então não nos engana, como tampouco engana, e o Paráclito recebeu de Cristo o que anuncia.

Porém, se de Cristo recebeu o que anuncia, [Cristo não é tão somente um homem, de quem recebeu o Paráclito, que é um Deus não menor, porque tampouco o Paráclito receberia algo de Cristo se Cristo não fosse Deus. Cristo prova, pois, com isso, que é Deus, porque o Paráclito recebeu dele o que anuncia, e assim é grande o testemunho da divindade de Cristo, ao receber dele o Paráclito]^[224] o que aos outros entrega, visto que, se Cristo fosse apenas um homem, receberia do Paráclito o que teria de dizer e o Paráclito não receberia de Cristo o que teria de anunciar.

Embora sendo um com o Pai, o Cristo é enviado por Ele

16,91 Se Cristo é apenas um homem, por que fixou para nós tal regra de fé, pela qual dizia: “Ora, a vida eterna é esta: que eles te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e aquele que enviaste, Jesus Cristo”?^[225] Se ele não tivesse querido ser compreendido também como Deus, por que acrescentou: “E aquele que enviaste, Jesus Cristo”, a não ser porque quis ser tomado também como Deus? Uma vez que, se ele não quisesse ser compreendido como Deus, teria acrescentado: “E aquele que enviaste, o homem Jesus Cristo”. Agora, porém, não o acrescentou nem nos transmitiu que fosse tão somente um homem, mas uniu-se a Deus, de modo tal que, por meio desta conjunção, queria ser compreendido também como Deus, como de fato é.

16,92 Segundo a regra prescrita, portanto, há de se crer no Senhor, único e verdadeiro Deus e, conseqüentemente, naquele que ele enviou, Jesus Cristo, que, como dissemos, jamais se teria unido ao Pai se não quisesse ser compreendido também como Deus. Ter-se-ia separado dele se não quisesse ser tido como Deus. Ter-se-ia colocado, pois, apenas entre os homens, se soubesse que era apenas um homem e com Deus não se teria juntado se não soubesse que era também Deus. Cala agora a respeito do homem, porque ninguém duvida de que ele seja um homem e, com razão, une-se a Deus, a fim de estabelecer para os que haveriam de crer a regra da sua divindade.

Antes da Encarnação, o Cristo estava na glória do Pai

16,93 Se Cristo é apenas um homem, como é que diz: “E agora, glorifica-me, Pai, junto de ti, com a glória que eu tinha junto de ti antes que o mundo existisse”?^[226] Se ele teve glória junto de Deus antes que o mundo existisse e possuiu distinção junto do Pai, ele existiu antes que o mundo, pois ele não teria tido glória se ele próprio, que a podia possuir, não tivesse existido antes. Com efeito, ninguém poderá ter coisa alguma, a não ser que o próprio, que algo tem, exista antes. Ora, Cristo tem a glória antes da criação do mundo, logo existiu antes da criação do mundo.

Se não existisse, pois, antes da criação do mundo, não poderia ter a glória antes da criação do mundo, não existindo ele próprio. Um homem, porém, que existiu depois do mundo, não pode ter a glória antes da criação do mundo. Cristo, contudo, a teve; logo, existiu antes do mundo. Por conseguinte, não foi apenas um homem aquele que existiu antes do mundo. Ele é Deus, portanto, porque existiu antes do mundo e antes do mundo possuiu a glória.

16,94 E não se diga que essa é uma predestinação, dado que tal questão nem foi proposta. Ou acrescentem-na os que isso pensam. Mas um *ai* foi pronunciado para os que acrescentam, assim como para os que tiram.^[227] Não se pode dizer, portanto, o que não se pode ajuntar. Eliminada, então, a predestinação, uma questão que não se acha proposta [na Escritura], Cristo existiu, na realidade, antes da criação do mundo. Pois “o Verbo” é aquele por meio de quem “tudo foi feito e sem o qual nada foi feito”.^[228]

E mesmo que se diga que ele era glorioso em predestinação e que, antes da criação do mundo, havia predestinação, seja observada a ordem e, antes dele, grande será o número de homens destinados à glória. Por causa desse destino, Cristo será considerado menor que outros, ao ser assinalado como posterior a eles. Se esta glória existiu em predestinação, Cristo recebeu por último a predestinação para a glória. De fato, reconhece-se claramente que, antes dele, Adão foi predestinado, assim como Abel, Henoc, Noé, Abraão e os outros restantes.

Estando, pois, arranjada diante de Deus a ordem de tudo o que existe, quer de pessoas, quer de coisas, dir-se-á que, antes desta predestinação de Cristo, muitos predestinados estariam na glória e depreende-se, desse modo, que o Cristo, que se revela melhor, maior e mais antigo até que os próprios anjos,^[229] seria menor que outros homens. Por conseguinte, ou se suprima tudo isso para que não seja retirada a divindade de Cristo, ou então, se isso não puder ser suprimido, seja pelos hereges devolvida a Cristo a divindade que lhe pertence.

Antigo e Novo Testamentos concordam quanto à eternidade do Verbo

17,95 Que dizer se Moisés expõe esta mesma regra de verdade, tendo-nos transmitido, ao princípio dos seus escritos, aquilo pelo qual aprendemos que todas as coisas foram criadas e constituídas por meio do Filho de Deus, isto é, pelo Verbo de Deus? Pois diz o mesmo que João e o que os outros dizem. Aliás, tanto João como os outros são tidos por pessoas que dele receberam o que dizem.

De fato, se João diz: “Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito”,^[230] [e] o profeta, porém, afirma: “Eu digo minha obra a um rei”,^[231] Moisés, por outro lado, expõe o Deus que ordena, em primeiro lugar, que a luz seja feita,^[232] que o céu seja tornado firme,^[233] que as águas se congreguem, que apareça a terra seca,^[234] que brotem frutos de acordo com as sementes,^[235] que sejam produzidos animais,^[236] que se ponham os luzeiros e os astros no céu.^[237] Com isso Moisés mostra que não havia outro junto a Deus, a quem ele mandasse que essas obras se fizessem, a não ser aquele por meio do qual “tudo foi feito e sem o qual nada foi feito”.^[238]

E se esse é o Verbo de Deus – pois “meu coração transborda numa bela palavra”^[239] –, Moisés mostra que o Verbo existia no princípio, que esse Verbo estava junto a Deus e que, além do mais, o Verbo era Deus e que tudo foi feito por meio dele. Esse “Verbo”, porém, “se fez carne e habitou entre nós”,^[240] ou seja, o Cristo, Filho de Deus, aquele que, tanto ao vermos como Deus e Verbo de Deus, antes da criação do mundo, quanto ao tomarmos depois como homem, segundo a carne, com razão cremos e sabemos que é o Deus e homem Cristo Jesus, de acordo com o ensinamento do Antigo e do Novo Testamento.

17,96 Que dizer se o mesmo Moisés expõe que Deus declara: “Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança”,^[241] e pouco depois: “Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou”?^[242] Se, conforme já ensinamos, o Filho de Deus é aquele por quem tudo foi feito, o Filho de Deus é certamente aquele por quem também foi criado o homem, em razão do qual tudo foi feito.

Ao ordenar Deus que o homem seja feito – se é dito que é Deus quem faz o homem –, é o Filho de Deus quem faz o homem, ou seja, o Verbo de Deus, por meio do qual “tudo foi feito e sem o qual nada foi feito”.^[243] Ora, esse “Verbo se fez carne e habitou entre nós”.^[244] Logo, Cristo é Deus. Por meio de Cristo, pois, como por meio do Filho de Deus, o homem foi feito.

17,97 Deus fez o homem à imagem de Deus.^[245] Logo, é Deus quem fez o homem à imagem de Deus. Portanto, Cristo é Deus, para que, justamente, não vacile a autoridade

do Antigo Testamento, no que concerne à pessoa de Cristo, ao robustecer-se pela manifestação do Novo Testamento; nem seja tirada a força do Novo Testamento ao apoiar-se a sua verdade nas raízes do Antigo Testamento.

Por isso, os que presumem que o Cristo, Filho de Deus e Filho do homem, é tão somente um homem e não também Deus, fazem-no contra o Antigo e o Novo Testamento, na medida em que corrompem a autoridade e a verdade tanto do Antigo como do Novo Testamento.

17,98 Que dizer se o mesmo Moisés apresenta em todas as passagens a Deus Pai, imenso e sem limites, que não se encerra num lugar, mas que contém todo lugar; e que não está num lugar, mas que é, antes, aquele em quem todo lugar está, contendo tudo e abarcando todas as coisas, de modo que, justamente, nem desça nem suba, uma vez que ele próprio não só contém como enche tudo, e, não obstante, revela o Deus que desceu à torre que os filhos dos homens edificavam, desejando observar e dizendo: “Vinde! Desçamos! Confundamos a sua linguagem para que não mais se entendam uns com os outros”?^[246] Que Deus querem que aqui tenha descido àquela torre desejando então visitar aqueles homens? Deus Pai? Logo, ele agora se encerra num lugar: Como então ele próprio abarca todas as coisas?

17,99 Ou por acaso Moisés diz que um anjo é que desce com anjos, dizendo: “Vinde! Desçamos! Confundamos a sua linguagem”? Porém, notamos que Deus tinha afirmado tais coisas e Deus tinha dito, no Deuteronômio, onde se escreve: “Quando espalhava os filhos de Adão, ele fixou as fronteiras para os povos, conforme o número dos anjos de Deus”.^[247] Portanto, nem foi o Pai que desceu, como a realidade do raciocínio indica, nem foi um anjo que mandou essas coisas, como a realidade dos fatos prova. Resta, pois, que tenha descido aquele de quem fala o apóstolo Paulo: “O que desceu é também o que subiu acima de todos os céus, a fim de plenificar todas as coisas”,^[248] isto é, o Filho de Deus, o Verbo de Deus. O Verbo de Deus, porém, “se fez carne e habitou entre nós”.^[249] Ele será o Cristo. Logo, o Cristo será proclamado Deus.

O Filho, Deus e imagem de Deus, se faz ver no Antigo Testamento

18,100 Eis que o mesmo Moisés afirma, noutro lugar, que Deus apareceu a Abraão.^[250] Ele mesmo, porém, ouve de Deus que ninguém dentre os homens vê a Deus e vive.^[251] Se Deus não pode ser visto, como então apareceu? Ou, se apareceu, como é que não pode ser visto? Pois João também disse: “Ninguém jamais viu a Deus”;^[252] e o apóstolo Paulo [disse]: “Que nenhum homem viu nem pode ver”.^[253] Mas, com toda a certeza, a Escritura não mente. Logo, Deus apareceu verdadeiramente. Por isso, pode-se entender que o Pai, que nunca apareceu, não tenha aparecido, mas sim o Filho, que tem o hábito tanto de descer como de aparecer, porque desceu.

“Ele é a Imagem, pois, do Deus invisível”,^[254] para que a mediocridade e a fragilidade da condição humana se habituassem a ver desde então, algumas vezes, a Deus Pai na imagem de Deus, isto é, no Filho de Deus. Gradualmente, portanto, e por meio de uma espécie de crescimento, a fragilidade humana teve de ser nutrida através da imagem até a glória de poder ver enfim a Deus Pai.

18,101 Perigosas são, com efeito, as grandes coisas, se forem repentinas. Deste modo, a luz súbita do sol após as trevas, com o seu esplendor excessivo, não mostrará o dia aos olhos desacostumados, mas, antes, produzirá a cegueira. Por isso, para não causar o dano dos olhos humanos, sendo as trevas paulatinamente rasgadas e dissipadas, o sol nascente, surgindo dissimuladamente e com aumentos pequenos da claridade, acostuma pouco a pouco os olhos dos homens, pelos crescimentos dos seus raios, a suportar toda a sua superfície luminosa.

18,102 Logo, assim também Cristo, isto é, a imagem de Deus,^[255] o Filho de Deus, é considerado atentamente pelos homens enquanto podia ser visto. Portanto, a fragilidade e a mediocridade da condição humana são sustentadas por ele próprio, conduzidas e educadas, para que, enfim, acostumadas a ver o Filho, possam ver também o próprio Deus Pai como ele é. Não aconteça que, atingidas pelo fulgor repentino e intolerável da sua majestade, venham a ser aniquiladas e não possam ver a Deus Pai, que sempre desejaram ver. Por isso, o Filho é aqui quem se vê. Porém, o Filho de Deus é o Verbo de Deus. “O Verbo de Deus se fez carne e habitou entre nós”.^[256] Este é Cristo. Qual é a razão, ó miséria, de se vacilar em chamar de Deus aquele que se sabe, por tantos modos, demonstrar-se que é Deus?

18,103 E se também um anjo encontra Agar, escrava de Sara, expulsa de casa e, ao mesmo tempo, posta em fuga, junto a uma fonte de água no caminho de Sur,^[257] pergunta os motivos da fuga e os ouve, oferecendo, depois disso, conselhos de humildade e, além do mais, assegurando-lhe a esperança da maternidade ao garantir e

prometer que numerosa descendência haveria de nascer do seu seio. E se também um anjo lhe garante e promete que dela haveria de nascer Ismael, revelando-lhe, entre outras coisas, o lugar em que ele moraria e descrevendo sua forma de vida, e, por outro lado, a Escritura apresenta este anjo como Senhor e como Deus – pois o anjo não teria prometido a bênção da descendência, se não fosse igualmente Deus –, procurem os hereges o que explicar nesta passagem.

Aquele que foi visto por Agar, porquanto foi apresentado como Deus, identifica-se ou não com o Pai? Longe de nós, porém, que Deus Pai seja chamado de anjo: não aconteça que ele esteja subordinado a outro de quem viesse a ser um anjo. Mas dirão que foi um anjo. Se foi um anjo, como então será Deus, uma vez que este nome jamais se concedeu aos anjos? A não ser porque, levando em conta ambos os lados da questão, a verdade nos cerca nessa resolução, a saber, que devemos entender que era o Filho de Deus, o qual, com razão é Deus, porque provém de Deus, pois foi chamado de Filho de Deus, e porque está submetido ao Pai, qual anunciador da vontade paterna, e foi proclamado “Anjo do grande Conselho”.^[258]

18,104 Logo, se tal passagem não convém à pessoa do Pai, para que ele não venha a ser identificado com um anjo, nem à pessoa de um anjo, para que não seja este proclamado Deus, convém, porém, à pessoa de Cristo, tanto pelo fato de ele ser Deus, porque é Filho de Deus, como pelo fato de ser anjo, porque é anunciador da disposição paterna. Devem compreender que agem contra as Escrituras aqueles hereges que, dizendo crer que Cristo é também um anjo, não querem proclamar igualmente Deus ao que leem ter vindo amiúde, no Antigo Testamento, visitar o gênero humano.

18,105 Moisés acrescentou ainda que Deus apareceu a Abraão “no carvalho de Mambré, quando ele estava sentado na entrada da tenda, no maior calor do dia”^[259] e, não obstante, tendo visto Abraão três homens, a um deles chamou Senhor. Tendo-lhes lavado os pés, oferece-lhes pães assados sob a cinza com manteiga e abundância do próprio leite, exortando aos hóspedes ali retidos que se alimentassem.^[260] Depois disso, ouve que seria pai; descobre que Sara, sua esposa, havia de dar à luz um filho dele; é informado a respeito do desenlace dos habitantes de Sodoma; reconhece as coisas que eles mereciam padecer, e ouve dizer também que Deus tinha descido em razão do clamor dos habitantes de Sodoma.^[261]

Se os hereges querem que o Pai tenha sido visto então, nesta passagem, em companhia de dois anjos e recebido como hóspede, creram que o Pai é visível. Se, porém, querem que tenha sido um anjo, por que, ao ter sido um dos três anjos chamado de Senhor, é dito – o que não costuma acontecer – que um anjo é Deus? Não será senão porque, para restituir a Deus Pai a invisibilidade que lhe é própria e dar ao anjo a inferioridade que lhe corresponde, não se deve crer senão que o Filho de Deus, que também é Deus, tenha aparecido a Abraão e tenha sido recebido em hospedagem? Feito

hóspede de Abraão, ele tinha em vista, no mistério, aquilo que haveria de suceder: que ele estaria entre os filhos de Abraão, cujos pés haveria de lavar, testemunhando que ele mesmo devolveria então nos filhos o direito da hospitalidade que, noutra tempo, o pai lhe tinha tributado.

18,106 Daí que, para que não houvesse qualquer dúvida de que ele mesmo tinha sido até hóspede de Abraão, se afirme, quando do fim dos habitantes de Sodoma: “O Senhor fez chover sobre Sodoma e Gomorra enxofre e fogo vindos do Senhor”.^[262] Assim, pois, também disse o profeta, falando em nome de Deus: “Eu vos derrubei como Deus derrubou Sodoma e Gomorra”.^[263] O Senhor derrubou Sodoma, isto é, Deus derrubou Sodoma. Porém, na destruição dos habitantes de Sodoma, o Senhor fez chover fogo vindo do Senhor. Ora, este Senhor aparece a Abraão^[264] como Deus, o Deus que é hóspede^[265] de Abraão certamente aparece porque foi tocado. Mas porque o Pai, pelo fato de ser invisível, com certeza não terá aparecido naquele então, o que costuma ser tocado e visto foi quem apareceu, foi recebido nos hóspedes e neles compreendido.

Este, porém, é o Filho de Deus, “o Senhor” que “fez chover, sobre Sodoma e Gomorra, enxofre e fogo vindos do Senhor”.^[266] Ele, por outro lado, é o Verbo de Deus, “o Verbo” de Deus “se fez carne e habitou entre nós”.^[267] Ele é Cristo. Por conseguinte, o Pai não foi hóspede junto a Abraão, mas Cristo o foi, nem foi visto então o Pai, mas o Filho; Cristo foi visto, pois. Com razão, portanto, Cristo não só é Senhor, como também é Deus, ele que apareceu a Abraão não por outra razão senão porque, antes do próprio Abraão,^[268] a Palavra de Deus foi gerada de Deus Pai.

18,107 Moisés diz^[269] também que o mesmo anjo e Deus consola e visita Agar, posta em fuga da casa de Abraão junto com o menino. De fato, ao ter ela abandonado a criança no deserto, porque a água do odre tinha acabado, e ao ter aquele menino gritado, elevando o seu choro e o seu pranto, a Escritura afirma: “Deus ouviu os gritos da criança”.^[270]

Tendo narrado que Deus é quem ouviu a voz da criança, acrescenta: “E o anjo de Deus, do céu, chamou Agar”,^[271] afirmando ser um anjo aquele que tinha dito ser Deus e proclamando ser Senhor aquele que tinha estabelecido que era um anjo. E aquele, anjo e Deus, promete ainda maiores consolações à própria Agar, dizendo: “Não temas, pois ouvi os gritos do menino do lugar onde ele está. Ergue-te, levanta a criança e segura-a firmemente, porque eu farei dela uma grande nação”.^[272]

Por que a esse anjo, se é que era tão somente um anjo, se atribui que possa dizer: “Eu farei dela uma grande nação”,^[273] quando, sem dúvida, um tal poder pertence a Deus e não pode ser de um anjo? Daqui também se confirma que é Deus o Deus que isto pode fazer, uma vez que, para que tal coisa se comprove, acrescenta-se logo, por meio da Escritura: “Deus abriu os olhos de Agar e ela enxergou um poço de água viva. Foi encher

o odre e deu de beber ao menino. Deus esteve com ele”^[274]

Se esse Deus estava com o menino, tendo aberto os olhos a Agar, para que ela visse o poço e tirasse água em vista da urgente necessidade da sede, e esse Deus, por outro lado, chama-a do céu e é dito anjo, quando, precedentemente, a ouvir a voz do menino que gritava estivesse, na verdade, Deus, entende-se que não outro que este anjo é, ao mesmo tempo, também Deus.

18,108 Não podendo isto ser conveniente nem apropriado ao Pai, que é tão somente Deus e podendo ser, porém, conveniente a Cristo, que não é tão somente Deus, mas também foi proclamado anjo, aparece claramente que ali o Pai não tinha então falado a Agar, mas, antes, Cristo o tinha feito, ao ser ele Deus e aquele a quem também convém o nome de anjo, visto que foi feito “Anjo do grande Conselho”^[275] e que anjo é, além disso, ao revelar a intimidade do Pai, conforme anuncia João.^[276]

Se o próprio João, pois, diz que o mesmo Verbo que revela a intimidade do Pai se fez carne,^[277] a fim de que pudesse revelar a intimidade do Pai, Cristo, com razão, não é apenas homem, mas também anjo, nem tão somente anjo, mas, pelas Escrituras se mostra e por nós é crido, também é Deus. Não aconteça que, se não quisermos aceitar que Cristo então tenha falado a Agar, ou a um anjo façamos Deus, ou enumeremos entre os anjos a Deus Pai todo-poderoso.

19,109 E que dizer se lemos também, noutra lugar e de modo semelhante, que se afirma que Deus é um anjo? De fato, quando Jacó reclamava junto a suas esposas Lia e Raquel acerca da injustiça do pai delas, dizendo que já desejava regressar à própria terra, juntava a isso igualmente a autoridade de um sonho seu,^[278] em cuja ocasião menciona que um anjo de Deus lhe tinha dito através do sonho: “Jacó’, e eu – diz – respondi: ‘Sim’. Ele disse: ‘Ergue os olhos e vê: todos os bodes que cobrem as fêmeas são listrados, malhados ou mosqueados, pois eu vi tudo o que te fez Labão. Eu sou o Deus que te apareceu em Betel, onde ungiste uma estela e me fizeste um voto. Agora levanta-te, sai desta terra e retorna à tua pátria [e eu estarei contigo]’”^[279]

As manifestações do Filho a Jacó

19,110 Se um anjo de Deus fala tais coisas a Jacó e, assim, o próprio anjo se apresenta, dizendo: “Eu sou o Deus que te apareceu em Betel”,^[280] vemos, sem hesitação alguma, que ele não é dado apenas como um anjo, mas também como Deus. E ele diz que um voto lhe tinha sido feito por Jacó “no lugar de Deus”,^[281] [isto é, em Betel,] e não diz “no meu lugar”. Logo, existe um lugar de Deus e quem o fala é também Deus. Porém, aí se diz simplesmente “no lugar de Deus”^[282] e não “no lugar do anjo e de Deus”, mas só “de Deus”.^[283] Ora, aqui se atesta que aquele que promete essas coisas é Deus e anjo, para que, com razão, seja feita uma distinção entre aquele que é dito tão somente Deus e aquele que não é simplesmente Deus, mas também se proclama anjo.

19,111 Portanto, se nesta passagem não se pode aceitar que uma autoridade tão grande pertença a nenhum outro anjo, a ponto de ele também se declarar Deus e atestar que um voto lhe tenha sido feito, a não ser apenas a Cristo, a quem não por ser apenas anjo, mas porque é Deus, um voto pode ser feito, claro está que o Pai não pode ser aqui entendido, mas sim o Filho, que é Deus e anjo.

Por outro lado, se este é Cristo, como de fato é, periga de modo gritante quem afirma que ele ou é apenas um homem ou apenas um anjo, subtraindo-lhe a potestade do nome divino, que ele tantas vezes recebeu do testemunho das Escrituras celestes, as quais dizem amiúde que ele é um anjo e que é Deus.

19,112 A tudo isso se junta ainda que, assim como a Escritura divina apresentou-o diversas vezes tanto como Deus quanto como anjo, assim também o apresenta tanto como homem quanto como Deus, expressando a mesma Escritura divina o que ele haveria de ser e descrevendo já então, em imagem, o que ele tinha de ser na verdade da realidade.

“E Jacó ficou só” – diz o texto. “E alguém lutou com ele até surgir a aurora. Vendo que não o dominava, tocou-lhe na articulação da coxa, e a coxa de Jacó se deslocou enquanto lutava com ele. Ele disse: ‘Deixa-me ir, pois já rompeu o dia’. Mas Jacó respondeu: ‘Eu não te deixarei se não me abençoares’. Ele lhe perguntou: ‘Qual é o teu nome?’ – ‘Jacó’, respondeu ele. Ele retomou: ‘Não te chamarás mais Jacó, mas Israel, porque foste forte contra Deus e contra os homens, e tu prevaleceste’”.^[284] E ainda acrescenta: “Jacó deu a este lugar o nome de Fanuel, ‘porque’, disse ele, ‘eu vi a Deus face a face e a minha vida foi salva’. Nascendo o sol, ele tinha passado Fanuel e manquejava de uma coxa”.^[285]

19,113 Diz-se que um homem lutava com Jacó. Se tiver sido apenas um homem, quem é ele? Donde vem? Por que se enfrenta com Jacó e luta com ele? O que ocorrera

entre eles? O que se tinha passado? Qual é a razão dessa tão grande contenda e de tanta luta? Além disso, por que Jacó, que se revela mais forte para reter consigo o homem com quem lutava, pede a bênção daquele que detinha – pois já rompia o dia, por isso se afirma que a pediu – a não ser porque se prefigurava a contenda que haveria de existir entre o Cristo e os filhos de Jacó e que, no Evangelho, se diz consumada?

Contra este homem, de fato, o povo de Jacó combateu e, no combate, mostrou-se mais poderoso, visto que contra Cristo conseguiu a vitória da própria iniquidade. Neste momento, por causa do crime cometido, o povo começou, inconstante e pouco firme, a manquejar muito intensamente; um povo que, embora se tivesse mostrado superior condenando o Cristo, via-se privado, porém, da misericórdia e da bênção dele.

19,114 Mas o homem que tinha lutado com Jacó lhe disse: “Não te chamarás mais Jacó, mas Israel”.^[286] Se Israel significa o “homem que vê a Deus”, o Senhor mostrava elegantemente que quem lutava então com Jacó não era tão somente um homem, mas também Deus. Jacó certamente via a Deus com quem lutava, ainda que retivesse na luta o semblante humano dele. E para que não pudesse haver já dúvida alguma, ele próprio interpretou o significado do nome, dizendo: “Porque foste forte contra Deus e contra os homens, e tu prevaleceste”.^[287]

Por essa razão, o mesmo Jacó, entendendo já a importância do mistério e vendo claramente a autoridade daquele com quem tinha lutado, nomeou aquele lugar em que lutara como “visão de Deus”. Acrescentou, além disso, mais razões para desenvolver a interpretação que Deus tinha dado: “Disse ele, ‘eu vi a Deus face a face e a minha vida foi salva’”.^[288]

Ora, ele viu a Deus, com quem tinha lutado como se com homem tivesse lutado; mas também, sem dúvida, viu um homem, o qual reteve como vencedor; pediu, porém, a bênção, como inferior, como se de Deus a pedisse. Assim, combateu com Deus e com um homem.

E se essa luta foi ali, certamente, prefigurada, ela, no Evangelho, porém, se consumou entre Cristo e o povo de Jacó. Nela, ainda que o povo se tenha mostrado superior, descobriu-se que era inferior, ao demonstrar-se culpado. Quem hesitará em reconhecer que o Cristo, em quem se consumou esta imagem da luta, não é apenas um homem, mas também Deus, visto que a própria imagem da luta parece ter demonstrado que ele é homem e Deus?

19,115 Contudo, também depois de tais fatos, a mesma Escritura divina não cessa, indistintamente, de chamar a Deus de anjo, nem de proclamar que um anjo é Deus. Pois quando o mesmo Jacó estava para abençoar Manassés e Efraim, filhos de José, tendo postas suas mãos^[289] cruzadas sobre as cabeças dos meninos, disse: “Que o Deus que foi meu pastor desde que eu vivo até hoje, que o Anjo que me salvou de todo mal abençoe estas crianças”.^[290]

19,116 De tal forma, porém, Jacó manifestava que aquele mesmo que dissera ser Deus era um anjo, que tomou no singular, ao final do seu discurso, a pessoa da qual falava, dizendo: “Abençoe estas crianças”.^[291] Se tivesse querido que outro fosse entendido como anjo, teria abarcado as duas pessoas com o número plural. Mas colocou na bênção o número singular de uma única pessoa e, por esse motivo, quis que a mesma fosse reconhecida como Deus e como anjo.

Ora, Deus Pai não pode ser tomado como tal; pode-o, contudo, Cristo, que Jacó indicou como sendo também o autor desta bênção, ao colocar suas mãos cruzadas sobre as crianças, como se o Cristo fosse o pai delas, mostrando tal posição de mãos uma imagem e a forma futura da paixão.^[292] Por conseguinte, como ninguém hesita em designar Cristo como anjo, assim também ninguém hesite em proclamá-lo Deus, ao entender ter sido ele mesmo invocado como Deus e como anjo, por meio do mistério manifestado na figura das mãos dispostas para a bênção das crianças.

Certamente Cristo é Deus

20,117 E mesmo se algum herege, combatendo de maneira pertinaz contra a verdade, quiser, em todos esses exemplos, entender a noção de anjo em sentido próprio ou pretender que ela assim há de ser entendida, é necessário que nisso também seja abatido pela força da verdade. Pois se todas as coisas celestes, terrenas e infernais^[293] foram submetidas a Cristo, inclusive os próprios anjos, com todos os outros seres que foram submetidos^[294] a Cristo recebem o nome de deuses,^[295] com todo direito também Cristo é Deus. E se qualquer anjo submetido a Cristo pode ser chamado de deus, e se isso for dito sem blasfêmia, certamente muito mais pode convir ao próprio Cristo, Filho de Deus, que seja proclamado Deus. Pois se um anjo submetido a Cristo é designado deus, muito mais consequentemente se dirá que Cristo, a quem estão submetidos todos os anjos, é Deus.

De fato, não convém à natureza que aquelas prerrogativas que se concedem às realidades menores sejam negadas às maiores. Desse modo, se um anjo é menor que Cristo e, por outro lado, o anjo é chamado de deus, mais convenientemente se dirá que Cristo é Deus, ele que se revela maior e mais excelente não apenas que um só, mas sim que todos os anjos.^[296]

20,118 E se “Deus preside, na assembleia divina, em meio aos deuses ele julga”,^[297] Cristo, por outro lado, pôs-se de pé algumas vezes na assembleia^[298] sinagoga; logo, como Deus, Cristo pôs-se de pé na sinagoga, julgando, evidentemente, os deuses a quem diz: “Até quando julgareis falsamente?”,^[299] isto é, acusando, logicamente, os homens da sinagoga que não praticavam julgamentos justos.

Além disso, se aqueles que são repreendidos e acusados de culpa parecem, porém, por algum motivo, obter tal denominação sem incorrer em blasfêmia, a saber, que sejam chamados deuses,^[300] muito mais, com certeza, será considerado Deus o próprio Cristo, que se diz não apenas ter-se posto de pé qual Deus dos deuses, mas também que se revela, a partir da mesma autoridade da leitura, discernindo e julgando os deuses.

20,119 E se aqueles que caem “como qualquer dos príncipes”^[301] são, contudo, chamados deuses,^[302] muito mais se dirá que é Deus quem não só não cai como um dos príncipes, como também vence o próprio príncipe e autor da malícia.

20,120 Ora, qual é a razão, ó desgraça, para que, tendo sido dada esta denominação também a Moisés, ao dizer-se: “Eis que te fiz como um deus para o Faraó”,^[303] ela seja negada a Cristo, que se revela ter sido constituído, não como um deus para o Faraó, mas como Senhor e como Deus para toda criatura?

E em Moisés, por certo, deu-se esse nome com moderação, em Cristo prolixamente;

naquele, em certa medida; neste, absolutamente acima de toda medida – “sem medida”, se diz, o Pai dá ao Filho, pois “o Pai ama o Filho”^[304] –; naquele, por um tempo; neste, sem limitação temporal, pois ele recebeu o poder do nome divino sobre todas as coisas e em todo tempo. E se aquele que recebeu o poder sobre um único homem, na estreiteza deste poder conferido, alcançou, porém, sem hesitação, tal denominação de deus, quanto mais se crerá que aquele que tem poder sobre o próprio Moisés terá alcançado a autoridade desse nome?

O templo do corpo de Cristo

21,121 E eu podia, sem dúvida, joeirar um tratado de todas as Escrituras celestes, a respeito desse tema da divindade de Cristo, e, como disse, abalar uma ingente selva, contudo não me foi proposto discorrer sobre esta heresia, mas sim expor brevemente a regra da verdade acerca da pessoa de Cristo.

Embora eu me apresse a passar a outros assuntos, não penso que se deva deixar de lado o que o Senhor expressou no Evangelho, para indicação da sua majestade, dizendo: “Destruí este santuário, e em três dias eu o levantarei”,^[305] ou o que afirma noutra lugar e tratando de outro assunto: “Tenho poder de entregar [a minha vida] e poder de retomá-la; esse é o mandamento que recebi do meu Pai”.^[306]

21,122 Quem é, portanto, aquele que diz que pode entregar a sua vida e, novamente, retomá-la, porque tal mandamento teria recebido do Pai? Ou quem diz que, destruído o templo do seu corpo, pode ressuscitá-lo de novo e reedificá-lo, senão porque é aquela Palavra, que procede do Pai e está junto do Pai,^[307] por meio de quem “tudo foi feito e sem a qual nada foi feito”?^[308] Aquele que é imitador das obras e prodígios paternos,^[309] “imagem do Deus invisível”,^[310] “que vem do céu e dá testemunho do que viu e ouviu”.^[311] Aquele que não veio para fazer sua própria vontade, mas, antes, para fazer a vontade do Pai, pelo qual fora enviado exatamente para isso,^[312] a saber, para revelar-nos, tornado “Anjo do grande Conselho”,^[313] as leis dos mistérios celestes e que, Verbo feito carne, habitou entre nós.^[314]

De nossa parte, provado está que este Cristo não é tão somente um homem por ser filho do homem, mas é também Deus por ser Filho de Deus.

Cristo: primogênito de toda criatura

21,123 E se Cristo é chamado pelo apóstolo de “primogênito de toda criatura”,^[315] como pôde sê-lo, senão porque, conforme a sua divindade, a Palavra procedeu de Deus Pai antes de toda criatura? Se os hereges não o tiverem interpretado desta forma, serão obrigados a demonstrar que Cristo homem é o primogênito de toda criatura, coisa que não poderão fazer. Por conseguinte, ou ele existe antes de toda criatura, para que seja primogênito de toda criatura, e não é apenas um homem, pois o homem existe depois de toda criatura; ou é apenas um homem e existe depois de toda criatura.

Como ele é primogênito de toda criatura? Não será senão porque se fez carne aquele Verbo que existe antes de toda criatura e por isso é primogênito de toda criatura, e habita entre nós, isto é, assume este homem que existe depois de toda criatura e, deste modo, com ele e nele, habita entre nós, a fim de que nem se subtraia a Cristo a humanidade nem se lhe negue a divindade?

Pois se existe apenas antes de toda criatura, subtraiu-se-lhe a humanidade. Se, por outro lado, é apenas um homem, tirada foi sua divindade, anterior a toda criatura. Logo, ambas as realidades acham-se em Cristo unidas, ligadas e conexas. Ao existir nele algo que supera a criatura, mostra-se, com razão, que há aí concórdia assegurada da divindade e da humanidade. Por esse motivo, descobre-se que aquele de quem se diz ter sido constituído “mediador entre Deus e os homens”^[316] juntou em si Deus e homem.

21,124 Se o mesmo apóstolo refere, a respeito de Cristo, que “despojado da carne, humilhou os Principados e as Autoridades, expondo-os em espetáculo em face do mundo, levando-os em cortejo triunfal”,^[317] não o apresentou em vão, certamente, despojado da carne, senão porque quis que, na ressurreição, se entendesse que ele de novo estaria revestido. Quem é, pois, esse que foi despojado e, novamente, revestido? Investiguem-no os hereges. Pois nós sabemos que a Palavra de Deus revestiu-se da substância da carne e que ela novamente despojou-se da mesma matéria do corpo que, mais uma vez, recebeu na ressurreição e reassumiu como se fosse indumentária. Mas não teria Cristo se despojado da natureza humana, nem a teria revestido, se ele fosse apenas um homem.

De fato, jamais alguém se despoja de si mesmo ou se reveste. É necessário que haja qualquer outra realidade diferente, da qual se despoje ou se revista. Por isso, com razão, a Palavra de Deus foi quem se despojou da carne e, na ressurreição, novamente a revestiu: despojou-se, porém, porque também no nascimento tinha sido revestida.

Assim, em Cristo, é Deus quem se reveste, e convém que seja também ele quem se despoja, porque é necessário que também se despoje quem igualmente se reveste. Reveste-se, pois, e despoja-se do homem como se de certa túnica do corpo tecido. Por isso, como dissemos, a Palavra de Deus é, por conseguinte, quem se achou, num momento, revestida, noutra despojada.

21,125 Isso também predisse [a Escritura] nas bênçãos: “Lava sua roupa no vinho, seu manto no sangue das uvas”.^[318] Se a roupa, em Cristo, é a carne e o manto o próprio corpo, investigue-se quem quer que seja aquele cujo corpo é um manto e cuja carne é uma roupa – claro está para nós que a carne e o corpo foram a roupa e o manto do Verbo. Investigue-se quem a lavou no sangue, isto é, no vinho, a substância do corpo, purificando com a paixão a matéria da carne tomada do homem assumido. Por isso, visto que se lava, é homem, pois o manto que se lava é a carne; quem lava, porém, é o Verbo de Deus que, para lavar o manto, fez-se sustentáculo do manto. Com razão, mostra-se o homem através daquela substância que foi assumida para que se lavasse; mostre-se, do mesmo modo, partindo da autoridade do Verbo, que quem a lavou é Deus.

O autoesvaziamento de Deus-Filho

22,126 Embora demonstremos ter pressa de discutir outro argumento, por que passaríamos ao largo daquela passagem do apóstolo: “Ele, estando na forma de Deus, não usou de seu direito de ser tratado como um deus, mas se despojou, tomando a forma de escravo. Tornando-se semelhante aos homens e reconhecido em seu aspecto como um homem, abaixou-se, tornando-se obediente até a morte, a morte sobre uma cruz. Por isso Deus soberanamente o elevou e lhe conferiu o nome que está acima de todo nome, a fim de que ao nome de Jesus todo joelho se dobre nos céus, sobre a terra e sob a terra, e toda língua proclame que o Senhor é Jesus Cristo para a glória de Deus Pai”?^[319]

22,127 O texto diz: “Estando na forma de Deus”.^[320] Se Cristo fosse apenas um homem, teria sido dito que ele estava na imagem de Deus, não na forma de Deus. Sabemos, com efeito, que o homem foi feito à imagem,^[321] não à forma de Deus. Quem é, portanto, esse, que, como dissemos, foi feito na forma de Deus? Um anjo? Mas sequer vemos que haja forma de Deus nos anjos, a não ser nesse, que é o principal e o de natureza mais nobre entre todos, o Filho de Deus, o Verbo de Deus, imitador de todas as obras paternas, ao agir também ele assim como seu Pai,^[322] sendo forma, como afirmamos, de Deus Pai.

Com acerto se disse que estava na forma de Deus: estando ele também sobre todas as coisas e obtendo o poder divino sobre toda criatura, a exemplo do Pai, ele é igualmente Deus – isto, porém, a saber, que seja Deus e Senhor de tudo, ele obteve de seu próprio Pai – e, tendo sido gerado e proferido pelo próprio Pai, é Deus segundo a forma de Deus Pai.

22,128 Portanto, ele, embora estivesse na forma de Deus, “não usou de seu direito de ser tratado como um deus”.^[323] Conquanto recordasse ser Deus e provir de Deus Pai, jamais se comparou a Deus Pai, nem se equiparou a ele, lembrando-se de que existia a partir de Deus Pai e possuía aquilo mesmo que ele era porque o Pai lho tinha dado. Daí que, enfim, não só antes da assunção da carne, mas também depois da assunção do corpo e, além disso, depois da própria ressurreição, ele tenha prestado e preste ao Pai toda obediência em todas as coisas. Prova-se, por isso, que ele nunca tenha usado de seu direito a certa prerrogativa divina, equiparando-se a Deus Pai, e até, pelo contrário, que, obediente e submisso a todo poder e a toda vontade do Pai, de bom grado assumisse a forma de escravo, isto é, que se fizesse aquele homem e aquela substância de carne e corpo que tomou ao nascer e que provinha, segundo a natureza humana, da escravidão dos pecados paternos.

22,129 Despojou-se, naquele então, a si mesmo, ao não recusar assumir a

fragilidade humana dessa condição. Porque, se tivesse nascido apenas homem, não se teria, portanto, despojado. De fato, ao nascer, um homem desenvolve-se, não se despoja, uma vez que, ao começar a existência que não pôde ter quando não existia, como dissemos, não se despoja, mas, antes, desenvolve-se e enriquece-se.

Se Cristo se despoja por nascer e tomar a forma de escravo, como é que ele é apenas um homem, de quem se disse muito verdadeiramente que, no momento em que nascesse, ter-se-ia enriquecido e não despojado, a não ser porque, para assumir o homem, a autoridade do Verbo divino abaixou-se e humilhou-se, repousando entrementes e não exercendo seus poderes, ao levar consigo o homem que assumiu? Despoja-se ao resignar-se ante injúrias e afrontas, ao ouvir coisas indizíveis, ao suportar coisas indignas.

22,130 Apresentou-se, contudo, sem demora, o fruto eminente desta sua humildade, pois ele recebeu um “nome que está acima de todo nome”,^[324] nome que, por certo, não entendemos ser outro senão o de Deus. Pois, se estar acima de tudo é próprio de Deus apenas, segue logicamente que esteja sobre tudo aquele nome que é próprio de quem está sobre tudo, ou seja, de Deus. Logo, existe um nome que está acima de todo nome, por conseguinte é o nome daquele que, tendo estado na forma de Deus, não usou de seu direito de ser tratado como um deus.^[325] Se Cristo, pois, não fosse também Deus, tudo o que existe, dentre os seres celestes, terrestres e infernais,^[326] não dobraria o joelho ao seu nome, nem estaria submetida ou posta aos pés de um homem a criação inteira,^[327] as realidades visíveis ou invisíveis de todas as coisas, as quais sabiam ter existido antes que o homem.

22,131 Por conseguinte, ao se dizer que Cristo estava na forma de Deus,^[328] ao se mostrar que, em seu nascimento segundo a carne, ele se despojou,^[329] ao se afirmar que ele recebeu do Pai esse nome que está acima de todo nome,^[330] ao se revelar que, a seu nome, todo joelho das criaturas celestes, terrestres e infernais se dobra e inclina^[331] e ainda, ao se dizer que isso mesmo ocorre para a glória de Deus Pai,^[332] ele não será apenas um homem pelo fato de que se tenha feito “obediente até a morte, a morte sobre uma cruz”,^[333] mas, igualmente pelas coisas ditas acima e que cantam a divindade de Cristo, demonstra-se que o Senhor Jesus Cristo é também Deus, coisa que os hereges não querem.

As próprias heresias provam a divindade de Cristo

23,132 Ser-me-á permitido, neste ponto, procurar argumentos também do lado de outros hereges. É sólido o tipo de prova que se recebe inclusive do adversário, de modo que a verdade seja demonstrada até por meio dos próprios inimigos da verdade. Com efeito, nas Escrituras, está de tal modo claro que se ensina que Cristo é também Deus, que um grande número de hereges, impressionados pela grandeza e pela verdade da divindade dele e dilatando as suas honras além da medida, ousou concluir e pensar que ele não era o Filho, mas o próprio Deus Pai.

Embora tal pensamento seja contrário à verdade das Escrituras, trata-se, porém, de argumentação grande e de muito peso a favor da divindade de Cristo, que de tal maneira é Deus – mesmo que como Filho de Deus, nascido de Deus – que muitos hereges, como dissemos, tomaram-no como Deus a ponto de pensarem que não deviam proclamá-lo Filho, mas Pai. Avaliem, portanto, se é Deus aquele cuja autoridade move tanto a alguns a ponto de pensarem, como dissemos acima, que ele é o próprio Deus Pai, e confessarem desenfreada e mui precipitadamente que nele está a divindade, obrigando-os a isso a manifesta divindade de Cristo, a saber, a que pensassem ser o Pai aquele que viam ser o Filho, ao percebê-lo Deus.

23,133 Outros hereges, também, de tal modo acolheram a manifesta divindade de Cristo, que disseram que ele existiu sem carne, subtraindo-lhe toda a humanidade assumida, para não diminuir nele o poder do nome divino ao associar-lhe, como pensavam, um nascimento humano. Nós, porém, não aprovamos isso, mas aduzimos o argumento: de tal modo Cristo é Deus que alguns, eliminada a humanidade, pensaram que ele fosse apenas Deus; outros ainda creram que ele fosse o próprio Deus Pai, ao passo que o sentido e a organização proporcionada das Escrituras celestes mostram que Cristo é Deus, como Filho de Deus, e que se deve crer que também é homem, tendo sido também o filho do homem assumido por Deus.

23,134 Posto que ele vinha ao homem porque devia ser “mediador entre Deus e os homens”,^[334] foi conveniente que estivesse com o homem e que o Verbo se fizesse carne,^[335] para ligar, em si mesmo, a concórdia das realidades terrenas e das celestes, juntando em si testemunhos de ambas as partes, unindo tanto Deus ao homem como o homem a Deus, de modo que, com razão, o Filho de Deus, pela assunção da carne, pudesse fazer-se filho do homem e o filho do homem, pela recepção do Verbo de Deus, pudesse tornar-se Filho de Deus. Esse mistério profundíssimo e oculto,^[336] destinado, antes dos séculos, à salvação do gênero humano,^[337] acha-se realizado no Senhor Jesus Cristo, Deus e homem, para que a condição do gênero humano pudesse ser conduzida ao fruto da salvação eterna.

24,135 Penso que a substância desse erro dos hereges se deva ao fato de que considerem que não há diferença alguma entre o Filho de Deus e o filho do homem, a fim de que não se prove facilmente, uma vez feita essa distinção, que Jesus Cristo é tanto homem como Deus.

De fato, eles querem que o mesmo homem, ou seja, o que é filho do homem, apareça, ele também, como Filho de Deus, a ponto de dizer-se que o homem, a carne, aquela frágil substância, ela mesma, é o Filho de Deus. Daí que, ao não se fazer distinção alguma entre o filho do homem e o Filho de Deus, mas ao se postular que o próprio filho do homem seja o Filho de Deus, se afirme que o mesmo Cristo e Filho de Deus é tão somente um homem. Para tanto, eles se esforçam em não admitir que o “Verbo se fez carne e habitou entre nós”^[338], nem que “o chamarão com o nome de Emanuel, o que traduzido significa: Deus está conosco”.^[339]

24,136 Eles propõem, pois, e alegam aquilo que se afirmou no Evangelho de Lucas, a partir do qual tentam sustentar não o que é, mas apenas o que querem que seja: “O Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo vai te cobrir com a sua sombra; [também] por isso o Santo que nascer [de ti] será chamado Filho de Deus”.^[340] Ora, dizem eles, se o anjo de Deus diz a Maria: “O Santo que nascer [de ti]”, de Maria procede uma substância de carne e corpo.

Ele afirmou, porém, que esta substância, ou seja, o Santo que dela foi gerado, é o Filho de Deus. Dizem que o próprio homem e aquela carne do corpo, aquilo mesmo que foi chamado Santo é o Filho de Deus, de modo que, quando a Escritura o chama *Santo*, entendamos referir-se ao homem Cristo, filho do homem, e quando o designa como Filho de Deus, devamos compreendê-lo não como Deus, mas como homem.

24,137 Entretanto, a Escritura divina facilmente refuta e põe a descoberto quer as fraudes quer os ardis dos hereges. Pois, se o texto fosse apenas assim: “O Espírito virá sobre ti e o poder do Altíssimo vai te cobrir com a sua sombra; por isso, o Santo que nascer [de ti] será chamado Filho de Deus”, talvez devêssemos refutá-los de outra forma, outros os argumentos a ser procurados por nós e outras as armas a tomar, com que venceríamos as insídias e as artimanhas deles. Mas como a própria Escritura, transbordante da plenitude celeste, se desembaraça das calúnias desses hereges, apoiamo-nos facilmente naquilo mesmo que está escrito e superamos esses erros sem vacilação alguma.

24,138 Com efeito, como já afirmamos, ela não disse: “Por isso o Santo que nascer [de ti] será chamado Filho de Deus”, mas acrescentou uma conjunção: “[também] por isso o Santo que nascer [de ti] será chamado Filho de Deus”,^[341] para que isso mostrasse que o Filho de Deus não é principalmente este Santo que de Maria nasce, ou

seja, esta substância de carne e corpo, mas o é em consequência e em segundo lugar. Mas em princípio, o Filho de Deus é o Verbo de Deus encarnado por meio daquele Espírito do qual afirma o anjo: “O Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo vai te cobrir com a sua sombra”. [\[342\]](#)

Ele é, portanto, o legítimo Filho de Deus, que provém do próprio Deus e que, ao assumir este Santo, ata a si o filho do homem, arrebatando-o a si e o eleva, concedendo-lhe, com sua ligação e mistura partilhada, que também ele seja feito Filho de Deus, o que por natureza não foi. Deste modo, a primazia desse nome de Filho de Deus está no Espírito do Senhor que desceu e veio, a fim de que o efeito do mesmo esteja no Filho de Deus e do homem, e então, com razão, seja este constituído Filho de Deus, não o tendo sido em princípio.

24,139 Por isso, conhecendo o anjo tal disposição e explicando esse plano do mistério, não de modo a tudo confundir como se algum vestígio de distinção estabelecesse, enunciou uma distinção dizendo: “[também] por isso o Santo que nascer [de ti] será chamado Filho de Deus”. [\[343\]](#)

Caso não tivesse repartido essa distribuição de forma equilibrada, deixando-a, porém, confusamente misturada, teria oferecido, na verdade, uma oportunidade aos hereges, os quais deveriam proclamar que o filho do homem, como homem, é o mesmo Filho de Deus e do homem.

Agora, por outro lado, expondo por partes, enunciou com evidência o plano e a razão de tão grande mistério, dizendo: “[também] por isso o Santo que nascer [de ti] será chamado Filho de Deus”, [\[344\]](#) provando que desceu o Filho de Deus, o qual, ao receber em si o filho do homem, fê-lo, por conseguinte, Filho de Deus, uma vez que o Filho de Deus o uniu e o associou a si a fim de que, aderindo-se o filho do homem ao Filho de Deus por nascimento, tivesse ele como emprestado e disposto aquilo que, por própria natureza, não poderia possuir.

24,140 Assim, à voz do anjo, fez-se a distinção, que os hereges não querem, entre o Filho de Deus e o do homem, obrigando-os, contudo, com a união de ambos, a entenderem que Cristo, o homem filho do homem, é também Filho de Deus, e a aceitarem que o homem que é Filho de Deus, isto é, o Verbo de Deus, como está escrito, é Deus. Por meio da verdade da Escritura, portanto, que diz exatamente isso, reconheçam eles o Senhor Jesus Cristo como homem e como Deus, formado por ligação de ambos, por assim dizer, tecido e composto de ambos e, na mesma harmonia de ambas as substâncias, unido por vínculo recíproco de mútua aliança.

Cristo morre, mas não morre

25,141 “Logo, dizem eles, se Cristo não é apenas um homem, mas também Deus, e a Escritura afirma, por outro lado, que Cristo morreu por nós e ressuscitou, então a Escritura nos ensina a crer que Deus morreu. Ou, se Deus não morre e, porém, se relata que Cristo morreu, Cristo não será Deus, visto que não se pode aceitar que Deus tenha morrido.”

25,142 Se alguma vez entendessem eles ou tivessem entendido o que leem, jamais teriam falado tão perigosamente. Mas é própria do erro a temerária loucura e não é novidade que os que abandonaram a legítima fé desçam ao nível das afirmações perigosas. De fato, se a Escritura propusesse que Cristo é tão somente Deus e nele não existisse misturada junção alguma da humana fragilidade, com razão, alguma coisa valeria a torcida argumentação deles: “Se Cristo é Deus, e Cristo, porém, morreu, logo Deus morreu”.

Mas porque a Escritura o apresenta não apenas como Deus, conforme já demonstramos muitas vezes, porém também como homem, segue daí que se deve sustentar que o que é imortal permaneceu incorrupto. Pois quem não entende que a divindade é impassível e que a fragilidade humana, ao contrário, é passível? Logo, tendo-se de entender que Cristo se acha composto e é formado tanto daquilo que é Deus como também daquilo que é homem, pois o “Verbo se fez carne e habitou entre nós”, [\[345\]](#) quem não reconhece facilmente, por si mesmo e sem qualquer mestre ou intérprete, que não morreu em Cristo aquilo que é Deus, mas que morreu nele o que é homem?

25,143 Por que estranhar se, em Cristo, a divindade não morre, mas é a substância da carne somente que se extingue, quando também nos outros homens, que não são tão somente carne, mas carne e alma, é apenas a carne, na verdade, que sofre o embate do aniquilamento e da morte, ao passo que a alma se reconhece, porém, incorrupta, não sujeita às leis da destruição e da morte? Pois isso é o que o próprio Senhor dizia, exortando-nos ao martírio e ao desprezo de todo poder humano: “Não temais os que matam o corpo, mas não podem matar a alma”. [\[346\]](#) E se, em qualquer outro ser humano, a alma imortal não pode ser morta ou aniquilada, mas apenas o corpo e a carne podem ser exterminados, quanto menos em Cristo de forma alguma puderam morrer o Verbo de Deus e Deus, quando só a carne e o corpo morreram!

Pois, se em qualquer homem, a alma possui essa nobreza da imortalidade de modo que não possa morrer, muito mais a nobreza do Verbo de Deus detém tal faculdade de não poder morrer. Com efeito, se o poder dos homens não é suficiente para aniquilar o sagrado poder de Deus e se a crueldade humana não consegue matar a alma, muito menos deverá conseguir matar o Verbo de Deus. Quando a própria alma, que foi feita por meio do Verbo de Deus, não é morta pelos homens, muito mais se crerá,

certamente, que o Verbo de Deus não pode ser morto. E se a cruenta violência de homens contra homens não pode mais que matar tão somente o corpo, quanto menos poderá matar, por certo, em Cristo, senão tão somente o mesmo corpo, e desse modo conclui-se por isso que em Cristo não foi morto senão o homem, mostrando-se com evidência que a Palavra não foi conduzida à condição mortal.

25,144 Se, pois, está claro que Abraão, Isaac e Jacó, que consta terem sido apenas homens, vivem – “todos, com efeito, vivem para ele”,^[347] isto é, para Deus – e a morte, que seus corpos dissolveu, não aniquilou neles a alma, a morte, que pôde exercer, portanto, seu poderio sobre os corpos, não conseguiu exercê-lo sobre as almas.

Alguma coisa era neles mortal e, por isso, morreu. Outra coisa era neles imortal e entende-se, então, que não se extinguiu. Proclamou-se e afirmou-se, por causa disso, que eles vivem para Deus. Ora, muito mais, em Cristo, a morte pôde prevalecer apenas, certamente, contra a matéria do corpo e não pôde ocupar-se da divindade da Palavra. Quebra-se, pois, o poderio da morte onde intervém a autoridade da imortalidade.

Cristo é Deus, mas não é o Pai

26,145 A partir do momento, porém, em que se demonstra, com os testemunhos sagrados das divinas Escrituras, que Cristo não é apenas um homem, mas também Deus, surgem outros hereges, que tentam subverter o posicionamento da religião com respeito a ele, querendo mostrar que Cristo é Deus Pai, pelo fato mesmo de que se afirma que ele não é apenas homem, e se conclua que é também Deus. Pois assim dizem: “Se se declara que Deus é um só e Cristo é Deus, logo”, concluem, “se o Pai e Cristo são o único Deus, dir-se-á que Cristo é o Pai”. Nisso se prova que erram e que não conhecem o Cristo, mas que reconhecem o som de um nome. Não querem, pois, que ele seja a segunda pessoa após o Pai, mas que seja o próprio Pai.

26,146 Porque a estes facilmente se responderá, poucas coisas se dirão. Quem há que não reconheça que a pessoa do Filho é a segunda após o Pai, ao ler que foi dito pelo Pai, logicamente, ao Filho: “Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança”?^[348] Quem há que não reconheça que, depois disso, se afirmou: “Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou”?^[349] Ou ao ter entre as mãos: “O Senhor fez chover sobre Sodoma e Gomorra enxofre e fogo vindos do Senhor”?^[350] Ou ao ver que se disse a Cristo: “Tu és meu Filho, eu hoje te gerei; pede, e eu te darei as nações como herança, os confins da terra como propriedade”?^[351] Ou quando até aquele amado escriba disse: “Oráculo do Senhor ao meu Senhor: ‘Senta-te à minha direita, até que eu ponha teus inimigos como escabelo de teus pés’”?^[352] Ou ao achar escrito assim, explicando as profecias de Isaías: “Assim diz o Senhor ao seu ungido”?^[353] Ou ao ler: “Pois desci do céu não para fazer minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou”?^[354] Ou ao achar escrito: “O Pai é maior do que eu”?^[355] Ou ao perceber que está escrito: “Subo a meu Pai e vosso Pai; a meu Deus e vosso Deus”?^[356] Ou ao achar expresso, entre outras coisas: “Está escrito na vossa Lei que o testemunho de duas pessoas é válido. Eu dou testemunho de mim mesmo e também o Pai, que me enviou, dá testemunho de mim”?^[357] Ou quando a voz do céu se manifesta: “Eu o glorifiquei e o glorificarei novamente”?^[358] Ou ao ver que por Pedro é respondido e dito: “Tu és o Filho do Deus vivo”?^[359] Ou quando, ao ser reconhecido pelo próprio Senhor o mistério desta revelação, vê que é dito: “Bem-aventurado és tu, Simão, filho de Jonas, porque não foi carne ou sangue que te revelaram isso, e sim meu Pai que está nos céus”?^[360] Ou quando é pronunciado pelo próprio Cristo: “Glorifica-me, Pai, junto de ti, com a glória que eu tinha junto de ti antes que o mundo existisse”?^[361] Ou quando é dito por ele mesmo: “Pai, eu sabia que sempre me ouves, mas digo isso por causa da multidão que me rodeia, para que creiam que me enviaste”?^[362] Ou quando a definição da regra é colocada pelo próprio Cristo e se diz: “Ora, a vida eterna é esta: que

eles te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e aquele que enviaste, Jesus Cristo. Eu te glorifiquei na terra, concluí a obra que me encarregaste de realizar”?[363] Ou quando é também afirmado e dito por ele mesmo: “Tudo me foi entregue por meu Pai”?[364] Ou quando é reconhecido, tanto por profetas como por apóstolos, que ele está sentado à direita do Pai?[365]

26,147 Agirei prolixamente se me esforçar por reunir absolutamente todos os testemunhos sobre esse assunto, visto que a Escritura, não só do Antigo Testamento como também do Novo, em todos os lugares, mostra que Cristo nasceu do Pai, que “tudo foi feito por meio dele e que, sem ele, nada foi feito”,[366] que sempre obedeceu[367] e obedece ao Pai, tendo sempre o poder sobre todas as coisas, mas um poder entregue,[368] um poder concedido, um poder que lhe foi cedido por seu próprio Pai. Com efeito, o que pode ser tão evidente como o fato de não ser ele o Pai, mas o Filho, já que se apresenta em atitude de obediência a Deus Pai, para que não se venha a crer que ele é o Pai e se diga, então, que o Cristo estaria submetido a outro Deus Pai?

Como entender a unidade do Pai e do Filho

27,148 Mas porque frequentemente nos objetam aquela passagem que diz: “Eu e o Pai somos uma coisa só”,^[369] nós os venceremos também nisso, de modo igualmente fácil. Pois se Cristo era o Pai, como os hereges pensam, devia-se dizer: “Eu, o Pai, sou um só”. Mas quando Cristo diz “Eu”, logo acrescenta o Pai, dizendo: “Eu e o Pai”; separa a propriedade da sua pessoa, isto é, de Filho, da autoridade paterna, e distingue não apenas a partir do som do nome, mas também a partir da categoria de poder disposto.^[370] Ele teria podido dizer: “Eu, o Pai”, se tivesse consciência de que era o Pai.

27,149 E dado que disse: “uma coisa só”, entendam os hereges que não disse “um só”. De fato, a expressão “uma coisa só”, posta no gênero neutro, manifesta não a unidade de pessoa, mas a concórdia da união. Diz-se, pois, “uma coisa só”,^[371] e não “um só”,^[372] porque não se faz referência ao número, mas se mostra a união com outro.

27,150 Por fim acrescenta: “somos”, e não “sou”, a fim de mostrar por meio disso – por ter dito “somos” e por ter acrescentado “e o Pai” – que duas são as pessoas. Por outro lado, a expressão “uma coisa só”,^[373] que ele diz, mostra que faz referência à concórdia, ao mesmo pensar e à mesma união de caridade, de modo que, com razão, o Pai e o Filho perfazem uma unidade pela concórdia, pelo amor e pela dileção. Permanece, porém, a distinção, porque seja quem for que provenha de Pai é Filho, e assim por Pai não seja tido o que é Filho, nem por Filho o que é Pai. Com efeito, não teria acrescentado “somos” se tivesse tido a consciência de ser o único e solitário Pai tornado Filho.

27,151 Enfim, o apóstolo Paulo também conhece esta unidade de concórdia com distinção, contudo, de pessoas. Escrevendo, pois, aos Coríntios, ele diz: “Eu plantei; Apolo regou, mas é Deus quem fazia crescer. Assim, pois, aquele que planta nada é; aquele que rega, nada é; mas importa somente Deus, que dá o crescimento. Aquele que planta e aquele que rega são uma coisa só”.^[374]

Quem há que não entenda que Apolo é um e Paulo é outro, que eles não são, ao mesmo tempo, a idêntica e mesma pessoa? Mencionaram-se até, por fim, os diferentes ofícios de cada um deles: pois um é aquele que planta, outro o que rega. Contudo, o apóstolo Paulo não disse que esses dois fossem um só indivíduo,^[375] mas que eram uma coisa só,^[376] de modo que um deles, certamente, é Apolo e o outro, Paulo, no que concerne à distinção de pessoas. No que se refere à concórdia, por outro lado, ambos são uma coisa só.^[377]

De fato, quando o parecer de dois indivíduos é um só, a verdade uma só, a fé uma só, a religião é uma só e a mesma, e o temor de Deus é também um só. Por mais que eles

sejam dois, constituem uma só coisa, uma mesma coisa, ao recenderem isso mesmo. O aspecto religioso torna a unir aqueles a quem o aspecto pessoal divide entre si. Ainda que não sejam eles a mesma e idêntica realidade; ao sentirem a mesma coisa, são a mesma coisa. Sendo dois, são uma coisa só, tendo comunhão na fé, por mais que tragam a diversidade em suas pessoas.

Pai e Filho são um, mas são duas pessoas diferentes

27,152 Em suma, tendo-se perturbado a ignorância dos judeus ao ouvir tais palavras do Senhor e tendo, temerariamente, recorrido inflamada até às pedras, chegando a dizer: “Não te lapidamos por causa de uma boa obra, mas por blasfêmia, porque, sendo apenas homem, tu te fazes Deus”,^[378] o Senhor distinguiu, ao responder-lhes, o modo como se dizia Deus ou como queria que eles o tivessem por tal. “Àquele que o Pai consagrou e enviou ao mundo dizeis: ‘Blasfemas!’, porque disse: ‘Sou Filho de Deus!’”.^[379] Também aqui disse que tinha um Pai. Logo, é Filho, não Pai. Teria confessado ser Pai se tivesse consciência de sê-lo. Afirma que foi consagrado por seu Pai. Logo, ao ter recebido do Pai a consagração, é menor que o Pai: é menor que o Pai; por conseguinte, não é o Pai, mas o Filho. Se fosse o Pai, teria dado a consagração e não a teria recebido. Por outro lado, agora, anunciando que recebeu do Pai a consagração, ele prova, por isso mesmo, que é menor que o Pai, tendo recebido dele a consagração, tendo mostrado que é o Filho, não o Pai.

27,153 Além disso, diz que foi enviado, a fim de que, por meio desta obediência, pela qual Cristo Senhor veio como enviado, se mostre que ele não é o Pai, mas o Filho, o qual, se Pai fosse, certamente teria enviado alguém. O enviado, então, não foi o Pai, para que não se provasse que o Pai estaria submetido a outro Deus, ao ser enviado por ele.

27,154 Depois dessas palavras, porém, acrescentou o que dissolveria absolutamente toda ambiguidade e extinguiria toda controvérsia do erro. Ele diz, pois, na última parte da fala: “dizeis: ‘Blasfemas!’, porque disse: ‘Sou Filho de Deus!’”.^[380] Logo, se o Senhor atesta, de modo evidente, que é o Filho e não o Pai, é exemplo de grande temeridade e ingente loucura suscitar uma controvérsia sobre a divindade e o culto contra o testemunho do próprio Cristo Senhor, e dizer que Cristo Jesus é o Pai, tendo-se verificado que ele comprovou não ser o Pai, mas o Filho.

Conhecer o Pai em Cristo

28,155 Enquanto regozija-se o herege, tendo como que perdido a visão da própria verdade e da luz da inteligência, acrescentarei ainda um argumento em base ao qual possa vir a reconhecer a total cegueira do seu erro.

Por várias vezes, pois, e amiúde, ele objeta que se tenha dito: “Há tanto tempo estou convosco e tu não me conheces, Filipe? Quem me vê, vê o Pai”.^[381] Aprenda, porém, o que não entende. Por certo, reprova-se Filipe, com direito e com razão, porque ele disse: “Senhor, mostra-nos o Pai e isso nos basta!”.^[382] Mas, em que momento ouvira ou aprendera de Cristo tal coisa, a saber, que ele fosse o Pai, quando, pelo contrário, tinha ouvido com frequência e aprendido que ele era o Filho e não o Pai?

Com efeito, o que o Senhor disse: “Se me conheceis, também conhecereis meu Pai. Desde agora o conheceis e o vistes”,^[383] não teria dito deste modo se quisesse que o tivessem por Pai, mas porque aquele que se aproximou, profunda e plenamente, do Filho de Deus, com toda a fé e piedade, de todas as maneiras, por meio do próprio Filho em quem assim creu, há de chegar ao Pai e de vê-lo. “Ninguém”, diz, “vem ao Pai a não ser por mim”.^[384] Por isso, tal pessoa não só irá a Deus Pai e conhecerá o próprio Pai, mas também deve perceber, desse modo, e assim presumir, com o coração e a mente, que já conheceu o Pai e, igualmente, que o viu.

28,156 De fato, a Escritura divina, com frequência, anuncia as coisas ainda não realizadas como se tivessem ocorrido, porque assim ocorrerão; e não anuncia as realidades que, de todos os modos, hão de suceder como se ainda viessem a ocorrer, mas como se tivessem acontecido. Numa palavra, não tendo o Cristo nascido ainda, nos tempos do profeta Isaías, este dizia: “Porque um menino nos nasceu”.^[385] E não tendo ele ainda se aproximado de Maria, o profeta dizia: “Em seguida, me acheguei à profetisa e ela concebeu e deu à luz um filho”.^[386] E não tendo Cristo ainda revelado o seio do Pai, o profeta afirmava: “e lhe foi dado este nome: Conselheiro maravilhoso”.^[387] E não tendo ainda padecido, Isaías proclamava: “Como cordeiro [foi] conduzido ao matadouro”.^[388] E não tendo existido ainda, em parte alguma, a cruz, dizia: “Todos os dias estendi as mãos a um povo rebelde”.^[389] E não lhe tendo sido dado ainda de beber de modo injurioso, foi dito: “Na minha sede, serviram-me vinagre”.^[390] E não tendo sido ainda despojado de suas vestes, dizia-se: “Repartem entre si as minhas vestes e posso contar meus ossos todos, furaram minhas mãos e meus pés”.^[391]

28,157 Em previsão, pois, a Escritura divina diz que ocorreram as coisas que sabe que ocorrerão e afirma que se realizaram as que tem por futuras e que, sem dúvida, acontecerão. É por isso que o Senhor dizia na passagem em questão: “Desde agora o

conheceis e o vistes”.^[392] Dizia que o Pai haveria de ser visto por quem quer que tivesse seguido o Filho, não como se o próprio Filho fosse o Pai visto, mas porque qualquer um que quisesse segui-lo e tornar-se seu discípulo conseguiria o prêmio de poder ver o Pai. Pois o Filho é, igualmente, a imagem do Pai. A isso se acrescenta também que assim como o Pai age, age do mesmo modo o Filho, que é imitador de todas as obras paternas,^[393] daí que cada um considere como se já tivesse visto o Pai ao ver aquele que, em todas as ações, imita sempre o Pai invisível.

28,158 Quanto ao mais, se Cristo é o próprio Pai, como é que logo acrescenta e diz: “Quem crê em mim fará as obras que eu faço e fará até maiores do que elas, porque vou para o Pai”?^[394] E junta ainda: “Se me amais, observareis meus mandamentos, e rogarei ao Pai e ele vos dará outro Paráclito”.^[395] Depois disso, acrescenta também: “Se alguém me ama, guardará minha palavra e meu Pai o amará e a ele viremos e nele estabeleceremos morada”.^[396] E ainda adiciona mais abaixo: “O Paráclito, o Espírito Santo que o Pai enviará [em meu nome], vos ensinará tudo e vos recordará tudo o que vos disse”.^[397]

28,159 Oferece ainda à nossa consideração o seguinte ponto, para mostrar com ele que é Filho, dizendo, com razão, um pouco mais abaixo: “Se me amásseis, ficaríeis alegres por eu ir para o Pai, porque o Pai é maior do que eu”.^[398] Por que, por outro lado, também junta o que segue: “Eu sou a verdadeira videira e meu Pai é o agricultor. Todo ramo em mim que não produz fruto ele o corta, e todo o que produz fruto ele o poda, para que produza mais fruto ainda”?^[399] Ainda insiste em acrescentar: “Assim como o Pai me amou também eu vos amei. Permaneci no meu amor. Se observais meus mandamentos permaneceréis no meu amor, como guardei os mandamentos, de meu Pai e permaneço no seu amor”.^[400] Ainda acrescenta dizendo: “Mas vos chamo amigos, porque tudo o que ouvi de meu Pai vos dei a conhecer”,^[401] e agregando isto também: “Mas tudo isso eles farão contra vós, por causa do meu nome, porque não conhecem quem me enviou”.^[402]

28,160 Nunca teria o Senhor acrescentado tais palavras, depois de testemunhar, com evidência, que ele não é o Pai, mas sim o Filho, se tivesse consciência de ser o Pai ou se quisesse ser tido por Pai. A menos que expressasse que, daí em diante, cada um deve considerar que viu também o Pai, ao ver a imagem de Deus Pai por meio do Filho, uma vez que, vendo o Filho, cada um se exercita na contemplação da imagem a fim de que, habituado a ver a divindade na imagem, possa progredir e crescer até chegar à perfeita contemplação de Deus Pai todo-poderoso.

Portanto, quem tiver assimilado isto, com coração e mente, e tiver crido a respeito de

tudo isso que assim haverá de ser, é como se tivesse visto já, de alguma maneira, o Pai que haverá de ver, e assim considere já aqui como se já possuísse o que sabe com certeza que haverá de possuir.

28,161 No mais, se Cristo fosse o Pai, por que prometia como prêmio futuro o que já tinha concedido e dado? Pois, do fato de que tenha dito: “Felizes os puros no coração, porque verão a Deus”^[403] depreende-se que tenha prometido a contemplação e a visão do Pai. Logo, ainda não a tinha concedido. Por que, então, prometeria se já a tivesse concedido? Tê-la-ia concedido, de fato, se ele fosse o Pai, pois era visto e tocado. Quando, porém, ao ser tocado e visto, o próprio Cristo promete e diz que os que forem puros no coração verão a Deus, por isso mesmo prova não ser ele o Pai, ele que, então presente, ao ser visto, prometia que todo aquele que fosse puro no coração haveria de ver o Pai.

O Filho era, portanto, quem prometia essas coisas, e não o Pai, porque era o Filho quem prometia o que havia de ser visto. Sua promessa seria vã, não fosse ele o Filho. Com efeito, por que prometia aos puros no coração que veriam o Pai, se já então os que ali se achavam presentes viam o Cristo que era Pai? Mas porque era o Filho, e não o Pai, certamente então o Filho é que era visto, pois ele é imagem de Deus, prometendo-se e indicando-se aos puros no coração^[404] que o Pai seria visto, pois ele é invisível.

28,162 Bastam, portanto, estas poucas considerações dentre as muitas que se poderiam tecer também contra tal herege. De fato, abrir-se-ia certamente um campo largo e amplo se quiséssemos atacá-lo mais profundamente, visto que, privado dessas duas passagens, espécie de olhos que vazaram, ele fica totalmente superado na cegueira da sua doutrina.

O Espírito Santo e sua atividade

29,163 Uma vez expostos ordenadamente as palavras e os escritos do Senhor, o encadeamento do raciocínio e a autoridade da fé admoestam-nos, depois disso, a crer também no Espírito Santo, outrora prometido à Igreja, mas concedido na ocasião determinada dos tempos.

Ele foi prometido, com efeito, por meio do profeta Joel, mas foi concedido por meio de Cristo. O profeta diz: “Sucederá nos últimos dias que derramarei do meu Espírito [...] sobre meus servos e sobre minhas servas”.^[405] E, por outro lado, o Senhor [diz]: “Recebi o Espírito Santo. Aqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados; aqueles aos quais retiverdes, ser-lhes-ão retidos”.^[406]

29,164 O Cristo Senhor chama, porém, algumas vezes, esse Espírito Santo de Paráclito;^[407] outras vezes, proclama que ele é o Espírito da verdade.^[408] Ele não é novo no Evangelho, embora tenha sido dado de modo novo. Pois ele mesmo não só acusou o povo nos profetas, como também ofereceu, nos apóstolos, sua assistência aos gentios. De fato, aqueles mereciam ser acusados porque tinham desprezado a lei, ao passo que os que creem, provenientes do paganismo, merecem ser sustentados pelo patrocínio do Espírito porque desejam ardentemente chegar à lei evangélica.

29,165 No Espírito há, sem dúvida, diferentes tipos de funções,^[409] dado que, ao longo dos tempos, existe diferente disposição de causas para a sua ação. Nem por isso, contudo, é diferente quem realiza tais coisas, nem é outro ao agir assim, porém um só e o mesmo, que distribui suas funções de acordo com os tempos, circunstâncias e momentos.

Diz, enfim, o apóstolo Paulo: “Tendo o mesmo espírito de fé a respeito do qual está escrito: ‘Acreditei, por isso falei’, cremos também nós, e por isso falamos”.^[410] Logo, um só e mesmo Espírito age tanto nos profetas como nos apóstolos, embora naqueles por um tempo e nestes para sempre. Além disso, nos profetas, não agiu de modo a estar neles para sempre; nos apóstolos agiu, porém, para sempre permanecer neles. Naquele primeiro momento, foi distribuído moderadamente; neste último, totalmente derramado; dado ali de modo parco, concedido aqui com largueza.

29,166 Contudo, não se manifestou antes da ressurreição do Senhor, mas, por meio da ressurreição de Cristo, foi outorgado. De fato, dizia o Senhor: “Rogarei ao Pai e ele vos dará outro Paráclito para que convosco permaneça para sempre, o Espírito da verdade”,^[411] e também: “Quando vier o Paráclito, que vos enviarei de junto do Pai, o Espírito da verdade, que vem do Pai”,^[412] e: “Se eu não for, o Paráclito não virá a vós. Mas se for, enviá-lo-ei a vós”,^[413] e ainda: “Quando vier o Espírito da verdade, ele vos

guiará para a verdade plena”.^[414]

Dado que o Senhor se retiraria para os céus, ele necessariamente dava aos discípulos o Paráclito, para não deixá-los como órfãos,^[415] o que não convinha de forma alguma, nem abandoná-los sem advogado, nem sem uma espécie de tutor.

29,167 O Espírito fortaleceu-lhes os corações e as mentes, esclareceu-lhes os mistérios do Evangelho, foi quem neles iluminou as realidades divinas e por meio de quem foram confirmados os que não temeram nem os cárceres nem as cadeias pelo nome do Senhor. E ainda mais, pisaram eles as próprias potestades do mundo e os tormentos, armados já, como estavam, e fortalecidos por meio dele, trazendo em si mesmos os dons que, quais ornamentos, o mesmo Espírito reparte e distribui à Igreja, esposa de Cristo.

Ele é, portanto, quem constitui na Igreja os profetas, instrui os mestres, organiza o dom de línguas, realiza prodígios e curas, produz obras maravilhosas, dá o discernimento dos espíritos, fornece o poder de governo,^[416] sugere os conselhos, compõe e reparte quaisquer outros dons de carismas, e, assim, torna perfeita e consumada a Igreja do Senhor sob todos os aspectos e em todas as coisas.

29,168 Esse Espírito, depois que o Senhor fora batizado, veio sobre ele^[417] em forma de pomba e nele permaneceu,^[418] habitando inteiramente e de modo pleno só em Cristo, sem sofrer diminuição alguma de quantidade ou de porção,^[419] mas tendo sido dado e enviado plenamente em toda a sua riqueza. Desse modo, ao habitar abundantemente o Espírito Santo em Cristo, todos os outros podem obter dele uma como que degustação de graças. Enquanto em Cristo permanece a fonte de todo o Espírito Santo, dele fluem torrentes de dons e de prodígios.

De fato, Isaías já o dizia, profetizando: “Sobre ele repousará o Espírito do Senhor, Espírito de sabedoria e de inteligência, Espírito de conselho e fortaleza, Espírito de conhecimento [e de piedade]; no temor do Senhor estará a sua inspiração”.^[420] Ele mesmo o afirma também noutra lugar, falando em nome do próprio Senhor: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu; enviou-me a anunciar a Boa-nova aos pobres”.^[421]

De modo semelhante, anunciou-o Davi: “Eis por que Deus, o teu Deus, te ungiu com o óleo da alegria, como a nenhum dos teus companheiros”.^[422] A respeito disso, também o apóstolo Paulo disse: “Quem não tem o Espírito de Cristo, não pertence a ele”;^[423] e ainda: “Onde se acha o Espírito do Senhor, aí está a liberdade”.^[424]

29,169 Esse Espírito realiza, a partir das águas, um segundo nascimento, sendo ele uma espécie de semente da divina geração que consagra o nascimento celeste, “penhor da herança”^[425] prometida e como uma garantia assinada da salvação eterna. Ele faz de

nós templo^[426] de Deus, convertendo-nos em sua morada.^[427] Ele interpela os ouvidos divinos “por nós com gemidos inefáveis”,^[428] cumprindo os ofícios de advogado e ostentando os encargos de defensor, dado como para inabitar os nossos corpos e realizar a santidade.

Agindo assim o Espírito Santo em nós, conduz os nossos corpos à eternidade e à ressurreição da imortalidade, acostumando-os em si mesmo a misturar-se com o poder celeste e a associar-se com a sua divina eternidade. Os nossos corpos são, pois, instruídos nele e por meio dele para avançar em direção à imortalidade, enquanto aprendem a temperar-se, guiando-se conforme os seus decretos.

29,170 Esse Espírito deseja contra a carne, já que a carne o aborrece.^[429] Ele é quem põe um freio nas concupiscências insaciáveis, quebra os desejos imoderados, extingue os ardores ilícitos, vence os impulsos ardentes, rejeita as ebriedades, repele as avarezas, foge às orgias luxuriosas, fortalece os laços da caridade, estreita os afetos, afasta de si as seitas, esclarece a regra da verdade, refuta os hereges, expulsa os maus e guarda os Evangelhos.

29,171 A respeito dele, afirma igualmente o apóstolo: “Não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que vem de Deus”.^[430] Exulta nele e diz: “Julgo que também eu possuo o Espírito de Deus”.^[431] Dele diz também: “O Espírito dos profetas está submisso aos profetas”.^[432] Dele afirma: “O Espírito diz expressamente que nos últimos tempos alguns renegarão a fé, dando atenção a espíritos sedutores e a doutrinas demoníacas, por causa da hipocrisia dos mentirosos, que têm a própria consciência como que marcada por ferro quente”.^[433]

Sob a influência desse Espírito, “ninguém diz: ‘Anátema seja Jesus!’”,^[434] ninguém negou Cristo como Filho de Deus nem rejeitou o Deus Criador, ninguém lança qualquer palavra sua contra as Escrituras, ninguém estabelece preceitos sacrílegos e diversos, ninguém prescreve normas diferentes. Qualquer um que contra ele blasfemar, “não lhe será perdoado, nem nesta era, nem na outra”.^[435]

29,172 Ele dá testemunho de Cristo nos apóstolos, mostra a fidelidade constante da religião nos mártires, encerra nas virgens a admirável continência de uma caridade intacta, guarda nos outros, incorruptos e incontaminados, os princípios da doutrina do Senhor, destrói os hereges, corrige os perversos, refuta os infiéis, desmascara os fingidos, castiga a cada um dos maus, conserva a Igreja incorrupta e inviolada^[436] na santidade da verdade e da perpétua virgindade.

Unidade e divindade dos três

30,173 Essas coisas que dissemos, certamente de modo breve, a respeito do Pai, do Filho e do Espírito Santo, foram expostas sucintamente e desenvolvidas numa não longa argumentação. Poderiam, com efeito, ter-se desenvolvido de modo mais amplo, estendendo-se assim por argumentação mais pesada, visto que se podiam aduzir tanto o Antigo como o Novo Testamento inteiros, em testemunho de que assim é a verdadeira fé.

Mas porque os hereges, opondo-se sempre à verdade, costumam suscitar controvérsia acerca da genuína tradição e da fé católica, escandalizados contra Cristo porque, por meio das Escrituras, se afirma que é também Deus – e nós devemos crer que o seja –, com razão temos de demonstrar que Cristo é também Deus, a fim de afastar da nossa fé toda calúnia herética, e de modo tal que a isso não obstem nem a verdade da Escritura nem mesmo a nossa fé, já que tanto por meio das Escrituras se afirma como por nós se sustenta firmemente e se crê que existe um único Deus.

30,174 Pois tanto aqueles que dizem que Jesus Cristo é o próprio Deus Pai como os que quiseram que ele fosse tão somente um homem tiraram as origens e as causas do seu erro e da sua perversidade do seguinte: tendo notado estar escrito que existe um só Deus, pensaram não poder sustentar tal sentença de outro modo senão pensando que se devesse crer ou que Cristo é apenas um homem ou que é, certamente, Deus Pai. De fato, acostumaram-se de tal forma a amontoar suas calúnias, que se esforçam por demonstrar o próprio erro.

30,175 Por certo, os que dizem que Jesus Cristo é o Pai alegam o seguinte: “Se Deus é um só, e, por outro lado, Cristo é Deus, Cristo é o Pai, dado que Deus é um só. Se Cristo não é o Pai, e sendo Cristo o Deus Filho, parecem ter sido introduzidos dois deuses contra o testemunho das Escrituras”.

Os que reclamam que Cristo é tão somente um homem argumentam, por sua vez, contrariamente: “Se o Pai é um e o Filho é outro, e, por outro lado, o Pai é Deus e Cristo é Deus, logo não há um só Deus, mas são introduzidos paralelamente dois deuses: o Pai e o Filho. E se Deus é um só, por conseguinte Cristo é homem, para que o Pai, com razão, seja o único Deus”. Na verdade, como entre dois ladrões crucifica-se^[437] o Senhor, tal como suspenso fora uma vez, e assim ele recebe, de ambos os lados, os sacrílegos gritos injuriosos desses hereges.

30,176 Nem as Escrituras santas, porém, nem nós mesmos lhes oferecemos motivos de perdição e cegueira, se eles não querem ou não podem ver o que, de modo evidente, se acha posto nos escritos divinos. Com efeito, nós sabemos, lemos, cremos e temos como verdade firme que há um só Deus que fez o céu e, igualmente, a terra, já

que não conhecemos outro e jamais poderemos conhecê-lo, porque outro não há.

Ele diz: “Eu, eu sou Deus, e fora de mim não há nenhum Salvador”;^[438] e, noutra passagem: “Eu sou o primeiro e o último, fora de mim não há Deus. Quem é como eu?”.^[439] E: “Quem conseguiu avaliar a extensão dos céus a palmos, medir o pó da terra com o alqueire e pesar os montes na balança e os outeiros nos seus pratos?”.^[440] E disse Ezequias: “Todos os reinos da terra saibam que só tu és Deus”.^[441] Além disso, o próprio Senhor afirmou: “Por que me perguntas sobre o que é bom? O Bom é um só”.^[442] Também o apóstolo Paulo diz: “O único que possui a imortalidade, que habita uma luz inacessível, que nenhum homem viu nem pode ver”,^[443] e noutro lugar: “Ora, não existe mediador quando se trata de um só, e Deus é um só”.^[444]

30,177 Mas assim como nós temos firmemente, lemos e cremos tudo isso, da mesma forma não devemos passar por alto parte alguma das Escrituras celestes, visto que não devemos recusar de modo algum aqueles argumentos em favor da divindade de Cristo que também se acham postos nelas: não seja que, corrompendo a autoridade das Escrituras, venhamos a ser culpados de ter corrompido a integridade da santa fé.

Portanto, creiamos também nisto, posto que digno de toda aceitação,^[445] a saber, Jesus Cristo, o Filho de Deus, é nosso Senhor e nosso Deus, porque “no princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. No princípio, ele estava com Deus”.^[446] “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós.”^[447] E: “Meu Senhor e meu Deus!”^[448] E ainda: “Aos quais pertencem os patriarcas, e dos quais descende o Cristo, segundo a carne, que é, acima de tudo, Deus bendito pelos séculos”.^[449]

30,178 O que diremos, portanto? Por acaso a Escritura nos propõe dois deuses? Como então diz que “Deus é um só”?^[450] Ou por acaso Cristo não é também Deus? Como então se disse a Cristo: “Meu Senhor e meu Deus”?^[451] A não ser que mantenhamos tudo isso com a veneração apropriada e o legítimo raciocínio, seremos considerados, com razão, como quem ofereceu aos hereges ocasião de escândalo, não certamente por defeito das Escrituras celestes, que nunca enganam, mas pela presunção do erro humano, com a qual os hereges quiseram viver.

30,179 Em primeiro lugar, há de se rebater o argumento contra esses que conjecturam fazer-nos a objeção dos dois deuses. Está escrito, e não podem negá-lo, que “há um só Senhor”.^[452] Ora, o que pensam a respeito de Cristo? Que ele é Senhor ou que, absolutamente, não o é? Não duvidam de modo algum que ele seja Senhor. Logo, se o raciocínio deles for verdadeiro, já há dois Senhores. Como, pois, se, conforme as Escrituras há um só Senhor?

30,180 E Cristo é dito “o único Mestre”,^[453] todavia lemos que também o apóstolo Paulo é mestre.^[454] Concluimos, portanto, que já não há um Mestre, mas dois mestres, conforme tais afirmações. Como então, segundo as Escrituras, há um só Mestre, que é Cristo?^[455] Nas Escrituras, foi dito que Deus é o único Bom,^[456] mas nelas foi escrito igualmente que Cristo também é bom.^[457] Logo, se concluírem retamente, não há um bom, mas sim dois bons. Como então se afirma, segundo a fé das Escrituras, que há um só bom?

30,181 Mas se, por alguma razão, eles não pensam que possa constituir obstáculo à afirmação de que haja um só Senhor o fato de que também Cristo seja Senhor, nem à afirmação de que haja um só Mestre, o fato de que também Paulo seja mestre, ou àquilo de que haja um só bom, o fato de que também Cristo seja chamado de bom, pela mesma razão, entendam eles que o fato de que haja um só Deus não pode obstar a que também Cristo seja proclamado Deus.

Recapitulação conclusiva

31,182 Há, portanto, Deus Pai, Criador e autor de todas as coisas, o único que desconhece origem, invisível, imenso, imortal, eterno, único Deus, a cuja grandeza, a cuja majestade e a cujo poder realidade alguma pode, não diria eu, antepor-se, mas nem sequer comparar-se.

31,183 A partir dele, quando ele o quis, nasceu a Palavra, o Filho, que não se percebe no som de um golpe de ar ou no tom da voz impelida das entranhas, mas se reconhece na substância do poder proferido por Deus. O mistério do seu sagrado e divino nascimento nem o apóstolo aprendeu, nem o profeta descobriu, nem o anjo conheceu, nem criatura alguma compreendeu, mas é claro para o Filho apenas, que conheceu os segredos do Pai.^[458]

31,184 De fato, tendo sido ele gerado pelo Pai, sempre está no Pai. Por outro lado, de tal modo digo “sempre”, que não o faço no sentido de considerá-lo não nascido, mas sim nascido. Mas deve ser dito que sempre esteve no Pai aquele que existe antes de todo e qualquer tempo, pois não pode ser atribuído tempo a quem existe antes do tempo. Sempre esteve, portanto, no Pai: não se pense que o Pai não tenha sido sempre Pai.

31,185 Pois o Pai também o precede, dado que é, como Pai, necessariamente anterior a ele. É necessário que aquele que desconhece origem anteceda o que tem origem, e, ao mesmo tempo, que este seja menor que aquele, ao saber que existe nele e, em certo modo, por meio dele, tendo origem porque nasce, e que, mesmo que tenha origem porque nasce, seja próximo a ele em virtude do nascimento, ao nascer daquele Pai, o único que não tem origem.

31,186 Com efeito, quando o Pai quis, ele procedeu do Pai e o que esteve no Pai porque existiu a partir do Pai, esteve em seguida com o Pai, dado que procedeu do Pai, como aquela, por assim dizer, substância divina, cujo nome é Verbo, por meio do qual “tudo foi feito e sem o qual nada foi feito”.^[459]

31,187 Todas as coisas existem, de fato, depois dele, posto que existem “por meio dele”,^[460] e, com razão, ele existe antes de tudo,^[461] embora depois do Pai, ao ter sido tudo feito por meio dele. Ele procedeu daquele a partir de cuja vontade todas as coisas foram feitas, é certamente Deus que procede de Deus, formando uma segunda pessoa após o Pai pelo fato de ser o Filho, mas sem arrebatá-lo ao Pai sua condição de único Deus.

31,188 De fato, se ele não tivesse nascido, pondo-se no mesmo patamar daquele que não tinha nascido, mostrada a igualdade entre ambos, estabeleceria dois não nascidos e, portanto, dois deuses. Se não tivesse sido gerado, equiparando-se com o que não foi gerado e ambos achados iguais, com razão os não gerados teriam manifestado que haveria dois deuses e, assim, Cristo teria revelado dois deuses. Se ele fosse sem origem como o Pai, também ele, como o Pai, seria reconhecido qual princípio de todas as coisas e, estabelecendo dois princípios, conseqüentemente, ter-nos-ia revelado a existência de dois deuses.

Ou então, se ele mesmo não fosse Filho, mas Pai, gerando de si mesmo outro filho, pondo-se, com razão, em pé de igualdade com o Pai e sendo designado tal, teria formado dois pais e, portanto, proclamado também dois deuses. Se fosse invisível, comparando-se com o que é invisível e revelando-se igual a ele, teria manifestado dois invisíveis e, portanto, comprovado também que há dois deuses. Se fosse incompreensível ou qualquer outro dos atributos que são do Pai, dizemos que, com razão, teria suscitado a controvérsia dos dois deuses que esses hereges forjam.

31,189 Agora, porém, tudo aquilo que ele é, não o é por si mesmo, posto que não é desprovido de nascimento, mas procede do Pai, dado que foi gerado. Quer como Verbo, quer como poder, quer como sabedoria, quer como luz, quer como Filho, ou qualquer desses atributos, ao não provir de outro que do Pai, como já dissemos acima, deve ao Pai a sua origem.

Aquele que, nascendo, tomou origem de quem é o único Deus não pôde ocasionar o desacordo a respeito da divindade com relação ao número de dois deuses. Dessa maneira, ao ser unigênito, é também primogênito daquele que, por não ter origem, é o único princípio e cabeça de todas as coisas. Por isso, proclamou^[462] que há um só Deus, o qual ele provou não estar sob princípio ou início algum, mas, antes, ser início e princípio de todas as coisas.

31,190 O Filho, além disso, nada faz por sua própria vontade, nem por sua própria decisão, nem vem de si mesmo,^[463] mas obedece a todas as ordens e preceitos paternos,^[464] de modo que, embora seu nascimento prove que ele é Filho, ele afirma, com sua dócil submissão, que é ministro da vontade paterna, da qual procede.

Assim, ao se mostrar em tudo obediente ao Pai, embora seja também Deus, revela, com a sua própria obediência, que o Pai é o único Deus, de quem recebeu ele também a origem. Logo, aquele que recebeu de quem não tem origem o princípio do nascimento antes de todo tempo não pôde estabelecer dois deuses, porque tampouco teve duas origens. Pois, ao ser princípio das outras coisas o que não nasceu – que é, unicamente, Deus Pai, permanecendo além de toda origem da qual provém o que nasceu – quem dele nasce, com razão provém do que não tem origem, demonstrando que aquele é princípio do qual ele mesmo provém. Mesmo que o nascido seja Deus, revela que há um só Deus,

o qual ele mesmo, que nasceu, provou carecer de origem.

31,191 Portanto, ele é Deus, mas gerado para isto mesmo, para que fosse Deus. É também Senhor, mas para isto mesmo nascido do Pai, para que fosse Senhor. É também anjo, mas destinado como anjo da parte de seu Pai, para anunciar o grande desígnio de Deus.^[465] Sua divindade é-lhe de tal modo entregue que não parece ter manifestado que haja dois deuses, nem pela discordância, nem pela igualdade da divindade.

Uma vez submetidas, pois, a ele, como a Filho, todas as coisas pelo Pai, ao submeter-se então ele mesmo, com tudo o que lhe foi submetido, a seu Pai, prova, certamente, que é Filho e ministro de seu Pai e mostra-se, por outro lado, como Senhor e Deus dos outros seres.

31,192 Daí que, ao serem entregues a este que é Deus todas as coisas submetidas e ele, por sua vez, submetendo-se ao Pai,^[466] com aquelas coisas que a ele foram submetidas, remete outra vez ao Pai, por sua própria submissão, toda a autoridade da divindade. O Pai se mostra qual único, verdadeiro e eterno Deus, do qual unicamente foi emitida esta potência da divindade, entregue e dirigida também ao Filho, a qual novamente se volta ao Pai por meio da submissão do Filho.

O Filho, por certo, se revela como Deus, a quem diz respeito uma divindade entregue e estendida, e, contudo, se demonstra que o Pai é o único Deus, uma vez que aquela majestade, aquela divindade, reverte e retorna gradativamente ao Pai que a concedera, emitida novamente pelo próprio Filho e perfazendo um trajeto de ida e volta. Assim, com razão, Deus Pai é, com razão, o Deus de todas as coisas e princípio também de seu próprio Filho, gerado por Ele como Senhor. Por outro lado, o Filho é Deus de todos os outros seres, porque Deus Pai, que o gerou, a todos o prepôs.

31,193 Destarte, o “Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus”,^[467] tendo, como Deus, o poder sobre toda criatura que fora sujeita a si por seu próprio Pai, e sendo reconhecido, com a criação inteira que lhe fora submetida, como em concorde união com Deus, seu Pai, mostrou, de modo breve e também ao submeter-se ele próprio igualmente, que o seu Pai subsiste como único, um só e verdadeiro Deus.

OS ESCRITOS ÉTICOS E AS CARTAS DE NOVACIANO

Heres Drian de O. Freitas

Embora Jerônimo atribua nove títulos a paternidade de Novaciano, reconhece, todavia, que o presbítero romano compôs “muitas outras”,^[1] entre as quais os estudiosos^[2] situam dois dos pequenos tratados oferecidos neste volume, afinal – supérfluo dizê-lo –, nem o *De spectaculis* nem o *De pudicitia* figuram no elenco jeronimiano.

O fato de Novaciano ter sido cismático – movido por divergência em questões disciplinares e por ambições pessoais^[3] – ofuscou suas obras a ponto de quase se perderem por completo. Aquelas, porém, que se conservaram circularam sob nomes como o de Tertuliano e o de Cipriano,^[4] talvez por operação de um discípulo de Novaciano para conservá-las após a condenação deste último,^[5] já que tais obras não contêm problemas dogmáticos.^[6] Na verdade, dogmático é somente o *De Trinitate*, as cartas e os escritos aqui apresentados são acentuadamente morais e disciplinares, éticos, se se preferir.

Os estudiosos situam a composição dos escritos éticos e das cartas depois do *De Trinitate*. Os textos de Novaciano que chegaram até nós como escritos – assim já conhecidos por Jerônimo, parece ser^[7] – originalmente eram cartas,^[8] que a tradição manuscrita nos legou como opúsculos,^[9] escritas por Novaciano quando ausente de sua comunidade.^[10]

Acreditou-se, por algum tempo, que a referida ausência tivesse sido ocasionada por uma das perseguições – ou a de Galo ou a de Valeriano. Nesse caso, as obras de que nos ocupamos seriam posteriores ao cisma (251) e destinadas a uma comunidade cismática – o que se aplicaria, de fato, somente a *O bem da castidade (De pudicitia)*.^[11] Estudos mais recentes apontam a possibilidade de ter havido, de fato, ausências, das quais a primeira estaria relacionada à organização da “diocese” romana por obra do Papa Fabiano (236-250), que a dividiu em sete diaconias.^[12] Novaciano, ordenado por Fabiano,^[13] teria sido destinado a uma dessas diaconias,^[14] tendo, então, deixado sua comunidade de origem. Nesse caso, *O alimento dos judeus (De cibis iudaeorum)* e *Os espetáculos (De spectaculis)*^[15] seriam anteriores à perseguição de Décio, anteriores, portanto, a 250.

Os escritos éticos

Em *Os alimentos dos judeus*, na introdução (1,1-7), Novaciano saúda sua comunidade e anuncia seu objetivo: expor algo quanto às prescrições alimentares judaicas (1,7) para que essa guarde “a única tradição e doutrina de Cristo”, em oposição ao que é apresentado por hereges e judeus (1,5). Mesmo se em *De Trinitate* nosso autor tem hereges sob mira, não é esse o caso na obra de que nos ocupamos. Todo o opúsculo, de fato, confronta alegoricamente as referidas prescrições alimentares. É possível que Novaciano tenha procedido também com exegese alegórica anteriormente, já que diz ter escrito sobre a circuncisão e sobre o sábado, para demonstrar que os judeus não tinham entendimento adequado de sua própria Lei (1,6).

O núcleo do breve tratado parte do princípio de que a Lei é espiritual (2,1; 2,5; 3,1), de modo a não se entender que Deus condene o que criara como bom (2,3-4; 2,15-17; 3,5-6), já que o que é imundo não o é por criação divina, mas é posterior e não mancha o Criador (2,3; 3,1; 3,6), nem torna as criaturas impuras em si (3,6; 4,1). Tem-se, então, brevemente traçado um panorama da evolução da alimentação humana (2,6-9). Em seguida, passa a prescrições da Lei quanto aos animais puros e impuros (2,10-13). Tais prescrições não visam, de fato, condenar algo da criação irracional como impuro, mas condenar os vícios da criatura racional (3,4-5; 3,7). As prescrições legais ou as razões para que um animal seja considerado impuro representam, todas, vícios humanos (3,8-24).

Concluída a interpretação alegórica das prescrições judaicas quanto aos alimentos permitidos e proibidos, Novaciano pareceria quase defender que certo pudor humano seja preparatório para as realidades religiosas (4,1-5). Em seguida, apresenta o Cristo como superação dos antigos elementos legais (5,1-18), não sendo mais necessário observar a antiga preceituação (5,6), pois importantes mesmo são a retidão da fé, a pureza da consciência e a inocência da alma (5,7), a vida em justiça e a conformidade com a vontade divina (5,12,-18), que excluem o entregar-se a vícios (6,1-9).

Ao concluir seu texto (7,1-3), o autor recorda que, não obstante a liberação cristã do velho ritualismo judaico, vige, todavia, uma proibição: a de comer do que se oferece aos deuses, porque o que é imolado aos ídolos demoníacos (7,2) põe em comunhão com esses, não com Deus (7,3).

Além desse último preceito, ainda válido para estes nossos dias, a interpretação alegórica de Novaciano também nos é útil: para o cristão, conhecer o que um texto veterotestamentário diz é insuficiente; é preciso lê-lo à luz do Cristo, para descobrir o que quer dizer com aquilo que diz.

Não há indícios internos que apontem a motivação da obra, e até o momento também carecemos de indícios externos a esse respeito. Não é impossível, contudo, que Novaciano tenha sido consultado por sua comunidade acerca da matéria tratada em suas cartas^[16] quanto a questões veterotestamentárias, dado o contato – e discussões, muito possivelmente – que essa teria tido com a comunidade judaica romana.

Quanto a *Os espetáculos*, porém, a situação pode ser algo distinta. A frequência de

fiéis a espetáculos pagãos, justificada a partir das Escrituras (1,3; 2,2), consiste em motivação interna suficiente para a confecção do texto. Há, todavia, quem tenha encontrado também motivos externos para sua composição: certo compromisso entre o cristianismo e a cultura pagã,^[17] em cuja vida se participaria particularmente pela frequência aos espetáculos em que se celebrava todo tipo de festividade cívico-religiosa. Tal compromisso, então, só seria pensável antes da ascensão de Décio (250), isto é, durante o império de Filipe, o Árabe (244-249).^[18] Novaciano escreveria *Os espetáculos* para opor-se a isso, sobremaneira por haver quem o justificasse com as próprias Escrituras (1,3; 2,1).

Na saudação inicial a sua comunidade (1,1-4), Novaciano diz haver, entre os fiéis cristãos, quem defenda vícios e o faça a partir das próprias Escrituras (1,3). Daí, o texto de *Os espetáculos* segue em duas seções que poderíamos designar como *pars destruens* (2,1-8,3) e *pars construens* (9,1-10,3).

A primeira parte (2,1-8,3) – e, evidentemente, maior –, começa com a indignação de Novaciano com o fato de haver fiéis que frequentam a idolatria dos espetáculos pagãos, pervertendo a disciplina das Escrituras (2,1-4). Os textos sacros, com efeito, destinam-se à edificação dos fiéis nas virtudes (3,1-2). Usá-las diversamente é perversão diabólica (3,3); e, naquilo que não é expressamente proibido, é preciso recorrer à austeridade e à razão (3,4) em relação à profissão de fé, que não admite o que é indecoroso (3,5). Em seguida, o autor expõe como os mais diversos espetáculos (4,1-8,3) pagãos sejam idolátricos (4,1-5), cruéis (5,1-2), inúteis (5,3-4) – e frequentados com a Eucaristia! (5,5) –, vergonhosos (6,1-6), evocadores de males passados (7,1-3), vaidosos (8,1-2), nutrientes de vícios (8,3).

Em contrapartida, na segunda parte (9,1-3) – e bastante breve –, Novaciano indica quais os espetáculos que os cristãos não só podem, como também devem frequentar. Esses são melhores que os dos pagãos (9,1): a criação, a sucessão temporal, as estações, a vida... (9,1-2), realidades divinas às quais nada do que é humano se pode igualar (9,3; 10,1.4). Há também os milagres reportados pelas Escrituras (10,1-2), a vitória do Cristo sobre o mal e a salvação por ele aportada (10,3); espetáculo “visível” – e Novaciano conclui – mesmo para quem não tem a visão (10,4).

Inegavelmente, esta obra é de grande atualidade enquanto exortação a certas sensibilidades contemporâneas que buscam conciliar a disciplina evangélica com práticas “paganizantes”.

Já no que diz respeito a *O bem da castidade*, sua composição é mais tardia; Novaciano o escreve como bispo.^[19] A obra é, então, posterior a 251. Não há, contudo, indícios de polêmica, o que significa que o cisma já se teria consolidado. Neste caso, a ausência de Novaciano seria para “ganhar” outras comunidades eclesiais para sua causa.^[20] A introdução (1,1-5), porém, desta carta pastoral, parece apontar que o autor não tem outra preocupação senão o bem espiritual de sua comunidade (1,3-5), neste caso, mediante a guarda da castidade (ou pudicícia, no sinônimo preferido por nosso tradutor) (2,1), já observada pelos fiéis (2,3-5).

O desenvolvimento da matéria começa com a razão para se custodiar a castidade (2,1-5): o ser templos do Espírito (2,1), o ser Igreja, esposa de Cristo (2,2). Em seguida, Novaciano, partindo do elogio à castidade (3,1-2), aponta que, mesmo quem não a tem, a estima (3,2), pois a impudícia é detestável (3,3). Com rápida, mas lúcida e válida, percepção psicológica, indica a possibilidade de desfecho mortal para pecados de incontinência (3,4) e condena a extravagância das relações contra a natureza (3,5).

Especifica, então, que a castidade é um bem para todos os estados de vida, mesmo para quem é casado (4,1-2) – ainda que a virgindade consagrada seja superior (7,1). Mas lembra que guardá-la é dom divino (4,3; 14,3), mesmo que a custódia da castidade seja prescrita desde o início da humanidade (5,1-3). A esse respeito, a interpretação de Novaciano merece destaque: a mulher é criada do homem e a ele “devolvida” por Deus para ressaltar a unidade do casal (5,2-3); uma unidade natural (5,4), que nosso autor lê também em Paulo: “a cabeça da mulher é o homem” (1Cor 11,3). Mas faz um significativo acréscimo: a união entre a cabeça e o corpo é natural e de amor mútuo, como mútuo é o amor entre Cristo e a Igreja: o que a mulher deve ao homem, o homem deve à mulher (5,5-6).

Estando às Escrituras, não só é prescrita a castidade, como também é condenada a impudícia (6,1-6), mas não o matrimônio; por isso, quem não é casado não pode desculpar-se por ser impudico (6,7). O passo seguinte do autor consiste numa longa – em relação a todo o texto – indicação de alguns bens da castidade (7,1-11,7): ela obtém vitória sobre a carne (7,2), não comporta perdas (7,3), é liberdade que não pode ser subjugada (7,4), confere o prazer da vitória sobre o prazer (11,1), aponta a força da vitória sobre si mesmo, vitória maior que a que se poderia ter sobre outrem (11,2), não exige conhecimento técnico e está ao alcance de qualquer um (11,6-7).

Dois somente, entre infindáveis (9,6) exemplos – mas que se há ter sempre em mente (10,4) – são oferecidos: o de José (Dn 39,7-41,41, em 8,1-9) e o Suzana (Dn 13, em 9,1-5). Mediante esses exemplos, mostra que Deus não abandona quem é casto (8,8-9; 9,5) e que a castidade é superior a atrativas promessas efêmeras e a ameaças (10,1-3).

A castidade diz respeito não só ao corpo, mas também à mente (12,1), a disposições do espírito e à moderação quanto ao que se usa, aos adornos, às pinturas (12,2.4-7), à vontade de ser vista (12,3). Mesmo se forte, deve ser cultivada com pequenas atitudes que a favorecem (13,1-14,2). Ser casto exige, então, empenho; mas, é preciso também, conclui Novaciano, rezar a Deus para se conservá-la (14,3).

Importante, ao concluirmos esta seção, sublinhar que muito daquilo que Novaciano refere às mulheres, vale igualmente para homens de nossos dias.

As cartas

Neste volume, apresentadas depois dos escritos éticos de Novaciano, as cartas a seguir, quanto a sua datação, por-se-iam, de fato, entre as duas obras precedentes, isto é, depois da composição de *Os espetáculos* e antes da de *O bem da castidade*. Tais cartas tampouco circularam sob nome de Novaciano; isso, porém, desde sua origem.

No *corpus* epistolar de Cipriano, há três cartas que, mesmo se escritas em nome do colégio presbiteral romano, têm redação de Novaciano; são as cartas 30, 31 e 36. Aqui, como alhures,^[21] tais cartas aparecem, respectivamente, como 1, 2 e 3. Sua datação é certa: são do período de vacância da Sé Romana, por ocasião da morte de Fabiano na perseguição de Décio, sendo, portanto, do ano 250, “provavelmente dos meses de agosto e setembro”.^[22]

Se escritas em nome do colégio presbiteral romano e não subscritas por Novaciano, como sabemos que as referidas cartas são dele?

O primeiro a noticiar a autoria novaciana da carta 1 foi o próprio Cipriano.^[23] Tendo julgado “o conteúdo e o estilo” das outras duas, os estudiosos concluíram que estas últimas são perfeitamente concordantes com o conteúdo e o estilo da primeira,^[24] sendo atribuíveis, então, a Novaciano.

Diversamente dos escritos apresentados acima, as cartas têm conteúdo mais disciplinar e vertem, as três, sobre uma questão enfrentada então igualmente por Roma e por Cartago: a readmissão dos lapsos.^[25] A esse respeito, essencialmente indicam as decisões provisórias das referidas dioceses: a readmissão de algum lapso à comunhão, naquele momento de perseguição, seria concedida somente em caso extremo, isto é, sob risco iminente de se perder a vida. Para quaisquer outros casos, Cartago esperará pelo retorno de seu bispo e Roma, pela eleição do seu.

Cheias de afabilidade e profunda reverência, as cartas não refletem coisa alguma do rigorismo que caracterizará Novaciano após a eleição de Cornélio. Pelo contrário, mostram uma postura bastante moderada, pode-se dizer, por parte do clero romano. Nas três, porém, há insistência na observação da severidade da disciplina evangélica. Isso, porém, é insuficiente para se apresentar como indício do rigorismo novaciano, afinal, tal insistência encontra-se também em Cipriano.

Acerca dessa severidade e da moderação que se acaba de indicar, há quem as tenha lido como táticas tanto de Cipriano como de Novaciano. Cipriano, com problemas com o laxistas, teria esperança de receber apoio do severo presbitério romano representado por Novaciano. Novaciano, por outro lado, com problemas com os moderados, teria esperança de receber apoio do já famoso bispo de Cartago, que compartilharia de suas concepções.^[26]

OS ALIMENTOS DOS JUDEUS

Novaciano

A atenção para com os discípulos de Cristo

1,1 Novaciano ao povo que permanece firme no Evangelho, saudação.

Conquanto aquele dia tão fortemente desejado, em que recebo, irmãos santíssimos, vossas cartas e escritos, tenha de consignar-se para mim entre os mais importantes e felizes – com efeito, que outra coisa me faz agora mais contente? –, penso que também se há de computar entre os excelentes o dia não menos insigne em que, rendendo-vos os semelhantes afetos da devida caridade, com o mesmo desejo vos escrevo igualmente uma carta.

1,2 Nada há, de fato, irmãos santíssimos, que me constrinja com tantos grilhões, nada que me provoque e inquiete com tantos agulhões de cuidados e preocupações, como o receio de que penseis ter-vos sido imposta certa perda com minha ausência. Esforço-me para remediá-lo, empenhando-me em mostrar-me presente entre vós através de frequentes cartas.

1,3 Posto que a obrigação do dever, o cargo que aceitei e a própria responsabilidade ministerial imposta requeiram de mim essa necessidade de escrever cartas, vós a aumentais ainda mais, provocando-me com reiterada correspondência a responder-vos, e impelindo-me a fazê-lo com maior intensidade, por mais inclinado que eu seja a essa usança de caridade, ao mostrardes sem cessar que permanecéis firmes no Evangelho.

1,4 Conclui-se daí que eu, com minha carta, não só instrua os eruditos, como também estimule os bem-dispostos; pois os que não só conservais um Evangelho^[1] genuíno e expurgado de toda mancha de doutrina perversa, mas que também o defendeis animosamente, não andais à procura de um mestre humano, uma vez que vos mostrais, por vossas próprias ações, discípulos de Cristo.

1,5 Exorto, portanto, os que correis,^[2] atijo os que vigiais,^[3] dirijo a palavra aos que combateis “contra os espíritos de maldade”^[4] e impulsiono os que avançais “para o prêmio da vocação do alto em Cristo”,^[5] a fim de que, menosprezando e rejeitando quer as calúnias sacrílegas dos hereges, quer as fábulas ociosas dos judeus, guardeis a única tradição e doutrina de Cristo, de modo a poderdes atribuir-vos condignamente a autoridade do Seu nome.

1,6 Por outro lado, demonstramos amplamente, segundo penso, quão perversos são os judeus, quão alheios ao entendimento de sua Lei, em duas epístolas anteriores, nas quais ficou provado que eles ignoram por completo o que é a verdadeira circuncisão e o que é o verdadeiro sábado; e sua cegueira, até ao presente, é repetidamente confutada.

1,7 Exponha-se também brevemente, na presente epístola, algo acerca de seus alimentos, pois, com base nisso, eles se consideram os únicos santos, enquanto tomam todos os outros por impuros.

Não se entenda literalmente o que na Escritura não condiz com a dignidade de Deus

2,1 Em primeiro lugar, fique estabelecido que a Lei é espiritual. Se negam que ela seja espiritual, certamente blasfemam; se, para evitar a blasfêmia, confessam-na espiritual, que a leiam de modo espiritual. Realidades divinas hão de ser acolhidas divinamente; realidades santas, santamente afirmadas, por certo.

2,2 Incorre-se, de resto, em culpa grave se se produz, com escritos sagrados e espirituais, uma doutrina terrestre e humana. Tome-se o cuidado de evitá-lo.

2,3 Pode-se ter, por outro lado, a cautela de averiguar se o que foi prescrito por Deus se expõe de modo a harmonizar-se com Deus, a não ofuscar, mas a revelar, a Sua majestade; se coisas inconvenientemente acrescentadas não diminuem a Sua autoridade; se, enquanto certas realidades, que são posteriores, dizem-se imundas, a própria criação delas não tornaria infame o Criador.

2,4 Ao reprovar o que fez, parecerá, com efeito, que Deus teria condenado as próprias obras que aprovara como boas,^[6] e assim se provará, como querem certos hereges, que Deus Se manifesta inconstante em qualquer das duas decorrências possíveis, pois, a saber, ou teria abençoado o que não era puro, ou reprovado depois, como coisa não boa e, portanto, não pura, o que abençoara como puro e bom.

2,5 Por conseguinte, permanecerá a perpétua controvérsia de tal irregularidade, caso persista essa doutrina judaica, que se há de desbastar com todas as forças, de modo tal que, ao tomar-se o que por eles nos foi irregularmente entregue, revele-se o apropriado ordenamento a Deus de Suas obras, e se forneça disso uma explicação espiritual, congruente com a Lei divina.

2,6 Para começar pelo princípio das coisas, que é de onde convém partir, o primeiro alimento dado aos homens foi unicamente o produto das árvores e seus frutos.^[7] Em seguida, com efeito, a culpa^[8] levou ao uso do pão, passando o próprio estado do corpo a testemunhar a condição da consciência; pois a inocência ergueu às alturas homens que ainda conservavam uma boa consciência e haviam de tomar seus alimentos das árvores, enquanto o delito cometido prostrou-os à terra, ao solo, para ajuntarem grãos de trigo.

2,7 Mais tarde, introduziu-se ainda o uso da carne,^[9] à medida que a divina graça oferecia às necessidades humanas os gêneros adequados de alimentos nos tempos

oportunos.

De fato, um alimento mais mole devia nutrir homens ainda tenros e rudes, enquanto outro, não sem algum esforço preparado, nutriria os culpados para que se emendassem, isto é, para que não lhes viesse a agradar novamente o delito, ao não serem admoestados à inocência pelo trabalho imposto.

2,8 E porque já não é o paraíso que se deve custodiar, mas se há de cultivar o mundo inteiro, oferece-se ao homem um alimento mais consistente, de carne, de modo que algo se acrescentasse às forças dos corpos humanos, para proveito da tarefa agrícola.

2,9 Tudo isso, como disse, por graça e disposição divina, a fim de que não se fizessem menos robustos a ponto de, acabrunhados, definharem ante os trabalhos, nem tão tenros que, oprimidos, não os pudessem suportar, segundo a medida de suas forças.

2,10 A Lei, por sua vez, tendo-se seguido logo depois, moderou com discernimento os alimentos à base de carne. Proporcionou certos animais, concedendo-os ao uso, como se fossem puros; proibiu outros como se puros não fossem e houvessem de manchar os que deles comessem.

2,11 E assinalou o seguinte conjunto de traços que caracterizariam os puros: “aqueles que ruminam e têm o casco fendido”.^[10] Impuros são os que não possuem nenhuma das duas características ou possuem apenas uma.

2,12 Somente no caso dos peixes são puros também os “cobertos de escamas e armados de barbatanas”,^[11] ao passo que os que assim não forem, são impuros.

2,13 Introduziu também um critério para as aves,^[12] por meio do qual se pode julgar se cada uma delas é infame ou pura.

2,14 Assim, a Lei propiciou tremenda agudeza de espírito para se proceder à separação dos animais, o que uma disposição antiga resumiu numa única fórmula de bênção.

2,15 O que diremos, pois? Ora, que são impuros – que outra coisa significa dizer “não puros”? – os animais que a Lei separou dos usos alimentares? E então? E o que já dissemos? Em tal caso, Deus seria o Criador de animais não puros e a culpa das criaturas recairia sobre o artífice, que teria produzido seres não puros?

2,16 É, certamente, de uma extrema e supina demência afirmá-lo, acusar Deus de ter criado seres impuros, imputar um crime à divina majestade, como se Deus tivesse produzido animais infames, e mais, quando estes foram até declarados “muito bons”^[13] e, por serem bons, obtiveram do próprio Deus a bênção de crescer e multiplicar-se.^[14]

2,17 Além disso, por preceito do Criador, foram resguardados na arca de Noé em vista de sua descendência,^[15] de modo que se demonstra serem necessários, ao serem custodiados, e bons, ao serem necessários, por mais que ali também se tenha feito uma distinção. De qualquer maneira, pelo menos então, a criação desses animais não puros poderia ter sido inteiramente aniquilada, caso devesse ser abolida por razão de sua impureza.

Animais puros e impuros representam costumes humanos

3,1 Visto que, pois, como demonstramos por autoridade do Apóstolo, essa Lei, que é espiritual, há de ser tomada espiritualmente. Para que seja dada, então, uma interpretação divina e verdadeira da Lei, o primeiro que tem de permanecer firme é o seguinte: tudo o que foi criado por Deus é puro. E não se há de reprovar o que é puro em virtude da própria garantia que deriva da criação, a fim de que a culpa não venha a recair sobre o seu Autor.

3,2 Ademais, a Lei foi dada aos filhos de Israel para que, por meio dela, progredissem e voltassem aos bons costumes que, tendo sido por eles recebidos de seus pais, corromperam no Egito entre as práticas de uma nação bárbara.

3,3 Enfim, nada novo ensinam aqueles dez preceitos inscritos em tábuas, mas inculcam o que fora esquecido a fim de reavivar no povo a justiça adormecida à maneira dos fogos, e contando para isso como que com o sopro da Lei.

3,4 Podiam, por outro lado, ajudar no entendimento dos vícios que se hão de evitar ainda mais entre os homens, aqueles que a Lei condenasse igualmente nos animais.

De fato, quando um animal irracional é rejeitado por algum motivo, tal motivo é condenado ainda mais no homem, que é racional. E se se censura naquele o fato de ter algo por natureza como imundície, mais culpável é encontrar tal coisa no homem, contra a [sua] natureza.

3,5 Logo, animais foram declarados culpados para que os homens se emendassem, ou ainda, em outras palavras, para que os homens que tivessem os mesmos vícios fossem tidos em conta de animais. Isso estabelecido, fez-se possível que os animais não fossem condenados por culpa de seu Criador e que os homens, por eles instruídos, pudessem regressar à natureza imaculada de sua própria criação.

Consideremos, pois, como a Lei distingue os animais puros e os que não o são. Os puros, determina, “ruminam e têm o casco fendido”;^[16] os impuros não têm nenhuma dessas duas características ou têm apenas uma delas. O único artífice criou-os, porém, a todos, tendo abençoado Ele próprio o que fez.

3,6 Observo, portanto, a criação pura de ambos os grupos, tanto porque quem os criou é santo, quanto porque os seres criados carecem de culpa, na medida em que são como foram feitos. Ora, jamais a natureza, mas uma vontade perversa é quem abre as portas ao pecado.

3,7 O que dizer então? Nos animais, acham-se representados costumes humanos, seus atos e suas vontades, em virtude dos quais os próprios homens se tornam quer puros, quer impuros: puros, se ruminarem, isto é, se conservarem sempre na boca, como uma espécie de alimento, os preceitos divinos.

3,8 Terão o casco fendido se, com o passo firme da inocência, trilharem os caminhos de uma vida de justiça e de toda virtude. Com efeito, o caminhar dos que têm o pé dividido em duas unhas é andadura sempre vigorosa, na medida em que o que vacila numa das partes de unha é sustentado pela robustez da outra e conservado na solidez da passada.

3,9 Destarte, os que não se caracterizam por nenhum desses traços consideram-se impuros: seu caminhar nas virtudes não é firme, nem sequer o alimento dos divinos preceitos resiste muito tempo em sua boca por causa de alguma rinação.

3,10 Tampouco são puros os que possuem apenas uma dessas características, ao serem frágeis com respeito à outra e não perfeitos em ambas.

3,11 Os homens, por sua vez, dividem-se entre aqueles em que se observam ambas as características, como os fiéis, que são puros; aqueles em que se observa apenas uma, como os judeus e hereges, que estão corrompidos; e ainda aqueles em que nenhuma dessas características se observa, como os pagãos, que são, por conseguinte, impuros.

3,12 Assim, por meio da Lei, constituiu-se nos animais como que um espelho da vida humana, no qual se podem ver imagens dos atos, a fim de que seja mais condenado, entre os homens, o que se cometer contra a natureza, quando isso se censura entre os animais, mesmo estando aí naturalmente regulado.

3,13 Com efeito, que, entre os peixes, sejam tidos como puros os ásperos em escamas deve-se a que se aprovam os ásperos, duros, hirtos, sólidos e graves costumes dos homens; ao passo que o fato de serem impuros os que delas se veem desprovidos decorre da reprovação que paira sobre costumes levianos, escorregadios, infiéis e efeminados.

3,14 O que quer a Lei ao afirmar: “Não comerás o camelo”,^[17] senão condenar, a partir do modelo de um animal, a vida informe e tortuosa por causa dos pecados?

3,15 Ou [o que quer] quando proíbe o consumo do porco?^[18] A Lei repreende,

certamente, a vida lamacenta e lodosa, que se alegra na sujeira dos vícios e coloca o seu bem não na generosidade da alma, mas apenas na carne.

3,16 Ou quando proíbe a lebre?^[19] Acusa os varões transformados em mulher.

3,17 Quem há, por outro lado, que tome o corpo da doninha como alimento?^[20] Mas todo o mundo repreende os furtos.

3,18 Quem há que coma um lagarto? Mas todos odeiam a inconstante mutabilidade da vida.

3,19 Quem come um estelião? Mas não há quem não excre as manchas das mentes.

3,20 Quem come um açor, um milhafre ou uma águia?^[21] Mas qualquer um odeia os salteadores, gente que vive do crime violento.

3,21 Quem come um abutre? Mas se execram os que andam atrás de despojos da morte alheia.

3,22 Ou quem come um corvo?^[22] Mas se detestam as vontades impuras e sombrias.

3,23 Ao proibir também o pardal, a Lei demonstra como errônea a intemperança. Quando impede que se coma uma coruja,^[23] manifesta sua antipatia pelos que fogem da luz da verdade. Quando interdita o cisne,^[24] declara rejeitar os soberbos de cerviz erguida. Quando proscreeve a tarambola,^[25] condena a excessivamente loquaz intemperança da língua. Quando proíbe o morcego, manifesta detestar os que procuram as trevas do erro, semelhantes à noite.

3,24 Como se dizia, a Lei execra nos animais essas coisas e outras semelhantes, que neles, certamente, não são pecaminosas, porque nasceram assim, mas no homem são reprováveis, uma vez que se dão contra a [sua] natureza, tendo-se adquirido não por obra da criação, mas do erro.

As proibições da antiga Lei são figura da reprovação dos vícios

4,1 Encontrando-se os homens em tal estado, acrescentaram-se também outros motivos pelos quais muitos tipos de alimento foram subtraídos aos judeus. E para que isso se desse, muitos alimentos foram declarados impuros, não para que fossem condenados, mas para que fossem os homens corrigidos.

4,2 Com efeito, aos que haviam de servir a Deus, porque escolhidos para isso, convinham a frugalidade e a moderação da gula, as quais, como se depreende, sempre estão próximas da religião, ou melhor, são, por assim dizer, consanguíneas e parentas dela; a luxúria é, de fato, inimiga da santidade. Ora, como se preservará com ela a religião, uma vez que não se preserva o pudor?

4,3 A luxúria não aceita o temor de Deus, uma vez que, por meio de prazeres arruinadores, é levada apenas àquela temeridade das cobiças. Cresce à rédea solta, tal como o fogo, tendo aplicado as despesas à guisa de alimento, e devorando o patrimônio juntamente com o pudor ou como uma torrente inexaurível a cair dos montes, não só passa por cima do que se lhe opõe, mas arrasta consigo os mesmos obstáculos para a ruína de outros.

4,4 Para corrigir, portanto, a intemperança do povo, buscaram-se tais remédios, de modo a extirpar a luxúria na medida em que se suscitasse os bons costumes.

4,5 Que outra coisa mereciam, pois, os que ousaram preferir os abomináveis manjares dos egípcios aos banquetes divinos do maná, escolhendo as carnes suculentas de seus inimigos e senhores mesmo depois de terem alcançado a liberdade, senão a restrição do uso de todos os prazeres dos alimentos? Mereciam, sem dúvida, que uma desejada escravidão distinguisse aqueles aos quais desagradara maldosamente um alimento ao mesmo tempo melhor e livre.

Alimento puro é aquele que não perece: O culto a Deus pela reta fé e pelas virtudes

5,1 Existiu, pois, um tempo antigo, em que deviam ser observadas essas sombras ou figuras relativas à abstinência de alimentos que a criação, por certo, recomendara, mas a Lei vedara.

5,2 Contudo, já veio Cristo, “a finalidade da Lei”,^[26] iluminando todas as obscuridades da Lei e tudo o mais que a Antiguidade cobrira com as névoas dos mistérios. Insigne Mestre, Doutor celeste e Instrutor da verdade consumada, sob cuja autoridade, com razão se diz: “Para os puros, todas as coisas são puras; mas, para os impuros e descrentes, nada é puro: tanto a mente como a consciência deles estão corrompidas”.^[27]

5,3 Igualmente, noutra passagem, [diz]: “Tudo o que Deus criou é bom, e nada é desprezível, se tomado com ação de graças, porque é santificado pela Palavra de Deus e pela oração”.^[28]

5,4 E ainda noutro trecho: “O Espírito diz expressamente que nos últimos dias alguns se afastarão da fé, dando atenção a espíritos sedutores e a doutrinas de demônios, envoltos na hipocrisia dos mentirosos, que têm sua consciência como que cauterizada, proíbem o casamento e exigem a abstinência de certos alimentos, quando Deus os criou para serem recebidos com ação de graças pelos fiéis e por aqueles que conhecem a Deus”.^[29]

5,5 Ainda, noutro lugar: “Tudo o que se vende no mercado, comi-o sem levantar dúvidas por motivo de consciência”.^[30]

5,6 A partir de tais testemunhos, é coisa evidente que todos esses alimentos foram restituídos às suas bênçãos, uma vez que a Lei chegou a seu fim, e que não se há de recorrer mais às formalidades legais alimentares, impostas por um motivo determinado, mas suprimidas já pela liberdade evangélica, tendo sido revogado aquele motivo em virtude da manumissão.

5,7 O Apóstolo clama: “O bem não consiste em bebida e comida, mas é justiça, paz e alegria”.^[31] E igualmente noutra passagem: “Os alimentos são para o ventre e o ventre para os alimentos, e Deus destruirá aqueles e este. Mas o corpo não é para a fornicção, e sim para o Senhor, e o Senhor é para o corpo”.^[32]

5,9 Não se presta culto a Deus com o ventre, nem com os alimentos. O Senhor declara que tais realidades perecem e, por lei natural, dissolvem-se na fossa.^[33]

Quem, portanto, tributa culto a Deus por meio dos alimentos está prestes a ter por Deus o próprio ventre.

5,10 O alimento verdadeiro, santo e puro, digo eu, é uma fé reta, uma consciência imaculada e uma alma inocente.

5,11 Quem quer que assim se alimente tem por comensal a Cristo, quem assim se banqueteia é conviva de Deus, pois são esses os banquetes que nutrem os anjos, as refeições que geram os mártires.

5,12 Daí que ressoe aquela sentença da lei: “O homem não vive apenas de pão, mas de toda palavra que procede da boca do Senhor”.^[34]

5,13 E que se ouça aquela de Cristo: “Meu alimento é fazer a vontade d’Aquele que me enviou e consumir a Sua obra”.^[35]

5,14 E ainda: “Vós me procurais, não porque vistes sinais, mas porque comestes dos meus pães e vos saciastes. Trabalhai, não pelo alimento que se perde, mas pelo alimento que permanece até a vida eterna, alimento este que o Filho do Homem vos dará, pois Deus, o Pai, O marcou com Seu selo”.^[36]

5,15 Tributa-se culto a Deus, acrescento, com a justiça, com a continência e as demais virtudes.

5,16 De fato, também o refere Zacarias: “E quando comeis e bebeis, não sois, acaso, vós que comeis e bebeis?”^[37] – declarando que os alimentos e as bebidas não chegam a Deus, mas ao homem, pois Deus não é feito de carne, de modo a deleitar-Se com carne, nem Se deixa mover por esses prazeres, a ponto de alegrar-Se com os nossos alimentos.

5,17 Deus só Se regozija com a nossa fé, com a inocência, com a verdade, com as nossas virtudes, que habitam não no ventre, mas na alma, e que o temor divino, a celeste reverência – e não o alimento terreno – nos granjeiam.

5,18 Por isso, com razão, o Apóstolo reprovava os escravos de superstições que dizem

respeito a anjos, “inchados de vão orgulho” – diz ele – “em sua mente carnal, ignorando a Cabeça, que é Cristo, pela qual todo o Corpo, coeso pelas juntas, ligado e composto, no vínculo da caridade, por membros que de parte a parte se correspondem, realiza seu crescimento no Senhor”.^[38] Reprova aqueles que observam o “não pegueis, não toqueis, coisas que têm, na verdade, aparência de religião, ao não pouparem o corpo”,^[39] porém não representam absolutamente crescimento algum de justiça para nós, na medida em que somos reconduzidos, em voluntária escravidão, aos elementos para os quais morremos em virtude do batismo.

A permissão dos alimentos outrora proibidos não é permissão para os vícios

6,1 Não se há de concluir tão depressa, porém, que a luxúria teria sido permitida, pelo simples fato de se ter concedido liberdade com respeito aos alimentos, nem que o Evangelho, por tratar-nos mais liberalmente, teria abolido a continência.

6,2 Com isso, digo, não se atendeu às necessidades do ventre, mas se demonstrou qual é a realidade dos alimentos. Mostrou-se o que é de direito, não como meio para precipitar-se na voragem da concupiscência, mas para oferecer-se uma explicação da Lei.

6,3 Além disso, nada há que tenha coibido tanto a intemperança como o Evangelho, nem existe alguém que tenha dado leis tão estritas com respeito à gula como Cristo, que proclamou, como se lê:^[40] “Bem-aventurados os pobres, felizes os que têm fome e sede; mas miseráveis os ricos,^[41] que servem ao império do ventre e da gula”. A mãe dos prazeres jamais poderia deixá-los, sua escravidão jamais poderia cessar, ao considerarem prova de sua felicidade o fato de desejarem o mais que podem; o que, na verdade, não indica senão que podem menos do que desejam.

6,4 Pois, ao preferir Lázaro, no meio de sua fome, de suas próprias feridas e dos cães, àquele rico,^[42] Cristo corrigia com exemplos o ventre e a gula, algozes da salvação.

6,5 O Apóstolo também, ao dizer: “Se temos alimento e vestuário, contentemo-nos com isso”,^[43] dava-nos um preceito de frugalidade e de continência. Pensando que pouco aproveitaria o que escrevera, oferecia-se a si mesmo como exemplo daquilo que tinha escrito, inserindo, não sem razão, que a avareza é a raiz de todos os males,^[44] pois ela segue a luxúria, que se lhe antecipa. O que quer que esta tenha consumido pelos vícios, aquela restitui pelos delitos, como num círculo de crimes, para que a luxúria consuma, uma vez mais, o que a avareza acumulara.

6,6 E não falta, contudo, em nossos dias, quem ostente o nome de cristão e dê exemplos e lições de intemperança. Seus vícios chegaram a tal ponto que bebem em jejum, de manhã cedo, pensando não ser cristão beber depois das refeições, mas sim que o vinho se derrame em suas veias ainda vazias e ocas imediatamente após o sono, pois parece que os que bebem saboreiam menos, se o vinho ingerido é misturado com os alimentos.

6,7 Digo-o para que vejas, portanto, que esses tais se inscrevem numa nova categoria: ainda jejuam e já se mostram ébrios; não correm à taberna, levam-na consigo, porém,

por todo e qualquer lado. Se um deles cumprimenta alguém, não lhe dá um beijo, mas bebe à sua saúde. O que fazem, depois da refeição, os que o alimento primeiro encontrou ébrios? Ou como os deixa o sol ao entardecer, se ao amanhecer já os contempla entorpecidos pelo vinho?

6,8 Ora, ações detestáveis não nos devem ser propostas como exemplos. Não de tomar-se tão somente aqueles por meio dos quais nosso espírito se aprimora; e por mais que se nos tenha restituído sob todos os aspectos o uso dos alimentos, tal restituição se entende, contudo, juntamente com a lei da frugalidade e da continência.

6,9 Essas virtudes são sobremaneira convenientes aos fiéis que se dispõem a dirigir a Deus suas orações e a dar-Lhe graças não somente durante o dia, mas inclusive durante a própria noite. Isso não poderá ser feito se a mente entorpecida por causa do alimento e do vinho não for capaz de banir aquele pesado sono, aquele fardo de alguma maneira imposto ao peito.

Quaisquer alimentos são permitidos, exceto os da comunhão com os deuses pagãos

7,1 No que concerne ao uso dos alimentos, deve-se observar talvez principalmente o seguinte: cuide-se qualquer um de pensar que essa liberalidade seja tão ampla a ponto de permitir livre acesso até ao que se imolou aos ídolos.

7,2 Ora, pelo que diz respeito à criação de Deus, todas as coisas são puras. Mas quando algo tiver sido imolado aos demônios,^[45] fica profanado para Deus até o momento em que não for mais oferecido aos ídolos.

7,3 O que foi oferecido, logo em seguida ao ato sacrificial, já não pertence a Deus, mas ao ídolo. O que então for tomado como alimento nutre para o demônio aquele que o ingere, e não para Deus; fá-lo conviva do ídolo, e não de Cristo, como pensam, com acerto, também os judeus.

Uma vez que examinamos com atenção a natureza dos seus alimentos, consideramos o propósito da Lei, conhecemos o benefício da graça evangélica, observamos o rigor da temperança e rejeitamos a imundície do que se sacrificou aos ídolos, guardando em tudo a regra da verdade, devemos render graças a Deus por meio de Jesus Cristo, Seu Filho e nosso Senhor, a quem sejam dados louvor, honra e glória nos séculos dos séculos.

OS ESPETÁCULOS

Novaciano

Difícilmente se extirpa um mal que se torna costume com aprovação da multidão

1,1 Novaciano ao povo que permanece firme no Evangelho, saudação.

Como muito me contrista e aflige gravemente o meu espírito que não se me ofereça ocasião alguma de escrever-vos – é, de fato, prejuízo meu o não conversar convosco –, assim, nada me restitui tão grande alegria e contentamento como quando o ensejo de fazê-lo se apresenta outra vez. Julgo estar em vossa presença quando convosco falo por carta.

1,2 Conquanto eu saiba que estais certos de que o que digo corresponde à realidade, e que em nada duvidais da verdade de minhas palavras, ainda assim, a argumentação assevera a sinceridade do tema. Ora, ao não se deixar passar absolutamente ocasião alguma, demonstra-se a afeição.

1,3 Ainda que, por outro lado, eu esteja seguro de que sois não menos dignos no proceder da vossa vida do que fiéis no professar a fé, não faltam defensores lisonjeiros, nem advogados indulgentes, que dão justificativa aos vícios e, o que é pior, transformam a censura das Escrituras celestes em respaldo de crimes, como se, sem qualquer culpa, um desejo inocente de espetáculos apetecesse tão somente a distração do espírito. A tal ponto se enfraqueceu, aliás, o rigor da disciplina eclesiástica e, em meio a toda a lassidão dos vícios, cada vez mais se degrada, que já não se lhes dá uma escusa, mas se lhes confere autoridade.

Aprouve-me, portanto, não digo instruir-vos agora com estas poucas palavras, mas admoestar-vos aos que já sois instruídos, a fim de que as feridas, por terem sido mal suturadas, não rebentem a cicatriz de uma cura superficial.

1,4 Com efeito, mal algum é tão dificilmente extirpado como o que mais facilmente se repete, pois tanto se respalda no consenso da multidão, como se atenua por escusas.

Cuidado para não desviar as citações da Escritura da edificação na virtude para a justificativa dos vícios

2,1 Homens fiéis, que reivindicam a autoridade do nome cristão, não se envergonham, repito, não se envergonham de defender, a partir das celestes Escrituras, as vãs superstições dos gentios, que se mesclam com os espetáculos, nem de conferir autoridade divina à idolatria.

2,2 Quando, pois, o que os pagãos fazem em honra de algum ídolo é frequentado, no espetáculo, por fiéis cristãos, não apenas se afirma a idolatria pagã, mas também se conculca a religião verdadeira e divina em afronta a Deus. O pudor dificulta-me relatar seus subterfúgios e justificativas nesta matéria.

2,3 “Onde” – perguntam eles – “tais coisas foram escritas? Onde foram proibidas? De qualquer modo, tanto Elias é o auriga de Israel,^[1] como o próprio Davi saltou diante da arca”.^[2] “Lemos que se mencionam saltérios, liras, tímpanos, flautas, cítaras e coros.”^[3] “O Apóstolo que combate também no pugilato e na luta corpo a corpo^[4] propõe-nos um certame contra as realidades espirituais de nossa malícia. E ainda, ao tomar exemplos do estádio, estabelece igualmente coroas como prêmios.”^[5] “Por que, então, não é lícito ao fiel cristão assistir a coisas que licitamente se consignaram nas Escrituras divinas?”

2,4 A esta altura, diria eu – e não sem razão – que, para eles, não conhecer Escritura alguma teria sido, de longe, melhor do que lê-la dessa forma, pois transformam palavras e exemplos que se escreveram para levar à prática da virtude evangélica em justificativas de vícios. Esses escritos não têm a intenção de levar-nos ao espetáculo, mas de fazer brotar em nossas almas uma aplicação maior a coisas proveitosas, enquanto tanta aplicação existe, entre os pagãos, a coisas que em nada aproveitam.

O que a Escritura não proíbe é determinado pela consciência diante da profissão de fé

3,1 Trata-se, pois, de um motivo para estimular a virtude, e não de permissão ou liberdade para assistir ao erro pagão, para que, por meio disso, o espírito mais se inflame em conseguir a virtude evangélica por causa dos prêmios divinos, quando se esforça, através do flagelo de todas as fadigas e das dores, para alcançar ganhos terrenos.

3,2 O fato de que Elias seja auriga de Israel, com efeito, não legitima que se deva assistir a jogos circenses, visto que ele não correu em circo algum. E ainda que Davi tenha liderado um coro de dança na presença de Deus, isso não justifica os fiéis cristãos que comparecem ao teatro, pois, sem torcer membro algum em movimentos obscenos, ele não representou o enredo da lascívia grega. Saltérios, liras, tímpanos, flautas e cítaras ressoaram para Deus, não para um ídolo. Não se prescreve, portanto, que se assista a coisas ilícitas.

3,3 Por artifício do diabo, realidades santas transformaram-se em ilícitas. Oponha-se a elas, então, o pudor, mesmo se as Escrituras santas não podem fazê-lo.

Ora, há certas coisas que a Escritura proibiu ainda mais ao não censurar. Em atenção ao pudor, ela mais interditou por calar-se, receando que, caso descesse ao baixo nível de tais realidades, fosse muito mal entendida por parte de seus fiéis. Com maior utilidade, calam-se, pois, algumas coisas nos preceitos.

3,4 De fato, quando expressamente proibidas, são amiúde estimuladas. Assim mesmo, conquanto tenham sido silenciadas e não se achem escritas nas Escrituras divinas, fala a austeridade em lugar dos preceitos e a razão ensina o que a Escritura silenciou.

3,5 Delibere cada um tão somente consigo mesmo, fale em consonância com a sua profissão de fé: jamais fará nada que seja indecoroso. Mais excelente será a consciência que não se vir obrigada por qualquer outro, mas por si própria.

A idolatria é a mãe dos espetáculos pagãos

4,1 O que a Escritura vedou? Ora, proibiu assistir àquilo que proíbe fazer. Condenou, afirmo, todas essas classes de espetáculos quando aboliu a idolatria, mãe de todos os jogos, da qual vieram essas bizarras de vaidade e de futilidade.

4,2 Que espetáculo se apresentam sem um ídolo? Que jogo se celebra sem um sacrifício? Que certame há que não seja consagrado a um morto? Qual dessas coisas faz um fiel cristão, se foge da idolatria? Por que quem já é santo experimenta prazer em realidades pecaminosas? Por que aprova superstições contrárias a Deus, superstições que, não obstante, ama, na medida em que a elas assiste?

4,3 Além disso, saiba que todas essas coisas são invenções dos demônios, não de Deus. Na igreja, [o fiel] exorciza descaradamente os demônios, cujos prazeres louva nos espetáculos. E ainda que tenha renunciado ao diabo uma vez no batismo, tudo fica anulado quando se encaminha, depois de professar a Cristo, ao espetáculo do diabo: renuncia a Cristo tal como fizera com relação àquele.

4,4 A idolatria é, conforme já disse, a mãe de todos os jogos e, para que a ela acorram os fiéis cristãos, afaga-os pelo prazer da vista e dos ouvidos. Rômulo foi o primeiro a consagrar os jogos circenses a Conso, tido por deus do conselho, em vista do rapto das sabinas; outros os consagraram às restantes divindades.

Quando a fome assolou a urbe, instituíram-se, para consolação do povo, os jogos cênicos dedicados a Ceres, a Baco e, posteriormente, a outros ídolos e mortos.

4,5 Já aqueles certames gregos – quer digam respeito a poesias, quer a instrumentos de corda, quer a coros, quer a demonstrações de força – têm diversos demônios como protetores. E se se investigar sobre a origem e a instituição de qualquer outra coisa que move os olhos ou cativa os ouvidos dos espectadores, mostrar-se-á como causa um ídolo, ou um demônio, ou um morto. Destarte, por saber o demônio-artífice que a pura idolatria é por si horrível, misturou-a aos espetáculos a fim de que pudesse ser amada pela via do prazer.

Os espetáculos pagãos, ociosa ocupação

5,1 Que necessidade há de prosseguir descrevendo os diversos tipos monstruosos de sacrifícios que ocorrem nos jogos? Nesse ambiente, por vezes, até um homem se imola à velhacaria do sacerdote, quando o sangue da sua jugular, ainda quente, é aparado numa taça espumante e, lançado ao rosto de um ídolo, por assim dizer, sedento, é cruelmente dado a beber.

Em meio às delícias dos espectadores, mandam-se alguns à morte, a fim de se aprender a raiva, por meio de um espetáculo cruento, como se para o homem fosse pouco sentir sua raiva em privado, caso também não se encorajasse a manifestá-la publicamente.

5,2 Uma fera raivosa, destinada à punição do homem, é nutrida com cuidado de modo a enfurecer-se, sob os olhares dos espectadores, com mais crueldade ainda. Treina-se uma besta ágil, que menos feroz seria se, talvez, um domador ainda mais impiedoso não a tivesse adestrado para maltratar.

5,3 Isso para não falar de tudo quanto a idolatria ainda aprova: de como são fúteis os seus próprios certames, seus combates por cores, suas contendas sobre carros, seus aplausos a honrarias, alegrar-se por um cavalo ter sido mais veloz, entristecer-se por outro ter sido mais lento, contar a idade de uma besta, inteirar-se de quem eram os cônsules de então, aprender seus diversos períodos, definir sua linhagem, recordar até seus avós e demais antepassados.

5,4 Quão ociosa é toda essa ocupação, aliás, quão torpemente ignominiosa! Se perguntares a uma pessoa dessas, digo eu, que calcula de cabeça toda a linhagem da geração de um equino e declama rapidamente e sem erro a sua posição, quem foram os pais de Cristo, ela ignora, ou será mais infeliz se o souber.

Se eu ainda perguntar a um desses por que caminho terá chegado àquele espetáculo, confessará que pelo dos lupanares, pelos corpos nus das prostitutas, pelo desejo sensual, pela infâmia pública, pela vulgar lascívia e pelo desprezo comum de todas as coisas.

5,5 Por mais que eu não lhe atire em rosto o que talvez tenha cometido, ele certamente viu o que não se deveu cometer e, por meio do desejo desordenado, dirigiu o olhar ao espetáculo da idolatria. Ousaria levar consigo ao lupanar o que é santo, caso pudesse, esse infeliz que, ao se apressar em dirigir-se ao espetáculo, mal tendo saído da igreja e ainda trazendo consigo, como é costume, a Eucaristia, levou o santo corpo de Cristo por entre os impuros corpos das meretrizes, mais merecedor de condenação pelo caminho que empreendeu do que pelo prazer do espetáculo.

Os espetáculos pagãos nutrem memórias vergonhosas

6,1 Passe eu agora, porém, aos descarados ditos espirituosos do palco. Envergonho-me de relatar o que ali se diz; envergonho-me até de repreender o que ali se faz: os artifícios dos enredos, as falácias dos adúlteros, as imoralidades das mulheres, as brincadeiras desprezíveis, os sórdidos parasitas; os próprios chefes de família a envergar suas togas, ora estúpidos, ora obscenos, mas sempre faltos de discernimento e, sob certos aspectos, devassos.

6,2 E conquanto nenhum dos homens seja poupado pelos patifes num texto como esse – seja qual for sua categoria social ou sua profissão –, gente de todas as procedências frequenta o espetáculo. A desonra comum, evidentemente, faz deleitável quer o reconhecimento dos próprios vícios, quer o aprendizado dos alheios. Corre-se em conjunto àquele lupanar da vergonha pública, àquela cátedra de obscenidade: não se venha a praticar secretamente menos do que se aprende em público. Ensina-se, nas próprias leis, a fazer tudo quanto se proíbe pelas leis.

6,3 O que faz, em meio a tudo isso, um fiel cristão, a quem não é lícito nem mesmo pensar em vícios? Por que se deleita em representações lascivas de modo a, uma vez deposta sua vergonha diante delas, tornar-se mais audacioso para cometer crimes? Enquanto se acostuma a vê-los, aprende também a fazê-los. Ora, aquelas que a própria infelicidade prostitui, submetendo à escravidão da licenciosidade pública, enquanto lhes oculta o lugar e a desonra, consolam-se no seu esconderijo. Mesmo as que venderam seu pudor roborizam-se ao serem vistas.

6,4 Mas essa monstruosidade pública desenrola-se à vista de todos e ultrapassa a obscenidade das prostitutas.

6,5 Procurou-se modo de cometer-se adultério com os olhos!

6,6 A essa desonra acrescentou-se desonra condigna: um homem efeminado em todos os seus membros, um varão depravado para além da delicadeza feminina, cujo talento é o de expressar palavras com as mãos. Por causa de uma criatura cuja natureza desconheço, visto que não é homem, nem mulher, toda uma cidade se agita ao ver representadas as legendárias lascívia das antigas eras. Ama-se de tal modo tudo quanto não é lícito, que a memória reapresenta ante os olhos até o que o passar do tempo se encarregara de esconder.

Os espetáculos pagãos revivem vergonhas passadas

7,1 Não basta à lascívia fazer uso de seus males presentes, mas é preciso que se aproprie, por meio do espetáculo, daquilo em que uma época anterior também se perdera. Não se permite, digo eu, aos fiéis cristãos que presenciem isso. Não se permite, absolutamente, tampouco àqueles que, para linimento dos ouvidos, a Grécia envia, em qualquer lugar, a todos os que se instruíram em suas artes vãs.

7,2 Um trata de imitar os roucos clangores bélicos da trombeta, outro modula sons lúgubres ao soprar as flautas. Outro ainda, na presença de coros e de homens de voz melodiosa, esforça-se por mandar o sopro haurido das próprias entranhas às superiores partes do corpo, enquanto mede os pequenos orifícios das flautas. Assim, por meio de um bafejo expelido, ora recluso e reprimido, ora emitido por determinados orifícios e lançado fora, na medida em que interrompe o som de modo semelhante ao que ocorre nas divisões de um discurso, ele trabalha exaustivamente para falar com os dedos, demonstrando-se ingrato para com o Artífice que lhe deu a língua.

7,3 Por que falaria acerca dos inúteis esforços cômicos e daquelas grandes insanidades da linguagem trágica? Por que diria algo sobre cordas tangidas com estrépito? Ainda que tais coisas não fossem consagradas aos ídolos, não deveriam ser frequentadas nem vistas por fiéis cristãos, pois, mesmo sem conter um pecado, contêm em si uma vaidade que é não só muito grande, mas também pouco conveniente a fiéis.

Os espetáculos pagãos são vaidade

8,1 Uma segunda demência por parte de outros é aquela manifesta ocupação que se dá a homens ociosos: em seu próprio detrimento, o sujeito engorda o corpo para, mais robustamente, ferir a outrem ou levar, ele mesmo, uma surra. Sua primeira vitória é ter conseguido sentir fome para além da medida do ventre humano. Sob o pretexto de alcançar a coroa de comilão no infame mercado, um rosto infeliz expõe-se a golpes para que um ventre ainda mais infeliz engorde.

8,2 Quão repugnantes são, por outro lado, esses combates: um homem que jaz debaixo de outro é agarrado por abraços desonestos e enroscamentos. Num certame assim, ficará aberta a questão de quem se poderia considerar vencedor, enquanto o pudor, esse sim, foi vencido.

Eis que contemplos um homem nu a saltar, outro a lançar com esforço para o ar um globo de bronze. Tal é a glória da demência. Em suma, remove dali o espectador e porás a descoberto a vaidade de tudo aquilo.

Conforme já dissemos muitas vezes, os fiéis cristãos hão de fugir de todas essas coisas, de tão vãos, de tão perniciosos, de tão sacrílegos espetáculos, dos quais se hão de resguardar tanto nossos olhos como nossos ouvidos.

8,3 Habitamo-nos rapidamente ao que ouvimos, e mais rapidamente ainda ao que vemos. Ora, se a mente humana por si só já se deixa arrastar aos vícios, o que fará se tiver exemplos? O que fará a natureza escorregadia do corpo, que espontaneamente vem abaixo, se for impulsionada? O espírito tem de tomar distância disso.

Espetáculo do cristão, as obras divinas

9,1 Tem o cristão melhores espetáculos se quiser; encontra prazeres verdadeiros e proveitosos uma vez recolhido em si mesmo. E, para não mencionarmos aquelas realidades que ainda não se podem contemplar, tem essa beleza do mundo para ver e admirar-se: que contemple um nascer do sol e, depois, um ocaso, que fazem sair os dias e as noites em mútua alternância. Que olhe o globo da lua, a marcar o curso dos tempos com seus incrementos e decréscimos. Que observe os coros cintilantes dos astros, refulgindo sem interrupção do alto de sua sublime mobilidade.

9,2 Que perscrute as partes de um ano a suceder-se, os próprios dias e as noites, distribuídos por espaços de horas; a massa da terra, equilibrada por meio das montanhas; os rios generosos com suas fontes; os extensos mares com suas ondas e praias, e, enquanto isso, o ar intermediário, que permanece igualmente constante em suma harmonia, estendido por meio de laços de concórdia, vivificando tudo em razão de sua sutileza: ora derramando as chuvas através de nuvens fechadas, ora trazendo de volta a serenidade, uma vez restabelecida sua ligeireza. E que perceba, em todos esses elementos, a existência de habitantes próprios: no ar, a ave; na água, o peixe; na terra, o homem.

9,3 Que todas essas coisas, digo, e, da mesma forma, as outras obras divinas sejam espetáculos para os fiéis cristãos. Que teatro construído por mãos humanas poderá comparar-se com elas? Conquanto se construa com grandes massas de pedra, mais altos são os cimos dos montes; ainda que seus tetos artesoados reluzam pelo ouro, serão superados pelo fulgor dos astros. Jamais se admirará com obras humanas quem quer que se reconheça filho de Deus. Precipita-se do alto de sua nobreza aquele que pode admirar-se com alguma coisa depois de Deus.

Nas Escrituras, os maiores espetáculos dos cristãos

10,1 Que se aplique, insisto, o fiel cristão às Sagradas Escrituras: ali encontrará os espetáculos condignos da fé. Verá a Deus, que cria o Seu mundo^[6] e que produz, com os demais animais, também os homens, aquela construção admirável e superior.^[7] Contemplará o mundo em seus delitos, as justas destruições,^[8] que constituem prêmios para os piedosos e castigos para os ímpios, bem como mares que se secam em benefício de um povo^[9] e mares que, em favor do povo, por outro lado, jorram da pedra.^[10]

Observará messes a descer do céu,^[11] que não provieram das eiras, nem penetraram a terra por meio do arado.

10,2 Olhará rios a exhibir passagens secas, uma vez refreada a marcha das águas.^[12] Verá, em alguns, a fé em luta com o fogo,^[13] e feras vencidas pela força da piedade, sendo reduzidas à mansidão.^[14] Avistará ainda almas que já foram chamadas de volta da própria morte,^[15] considerará também as admiráveis vidas de seus mesmos corpos já tornados perfeitos, reconduzidas até dos sepulcros.^[16]

10,3 E em tudo isso, verá espetáculo ainda maior: aquele diabo que triunfara sobre o mundo inteiro a jazer sob os pés de Cristo. Quão belo é esse espetáculo, irmãos! Quão alegre e quão necessário é ter sempre em vista a esperança que ele nos dá, é abrir os olhos para a salvação que nos traz!

10,4 Esse é um espetáculo a que se assiste mesmo tendo-se perdido a visão, um espetáculo não exibido por um pretor, nem por um cônsul, mas por Aquele que é único, anterior a tudo e superior a tudo, ou melhor, de quem tudo provém, o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, a quem sejam dados o louvor e a honra nos séculos dos séculos.

Desejo, irmãos, que estejais bem.

O BEM DA CASTIDADE

Novaciano

O que se escreve seja útil à salvação dos fiéis

1,1 Vós mesmos sabeis que, estando eu presente junto de vós, nunca deixei de lado qualquer parcela de meus deveres, esforçando-me sempre, e principalmente através de exposições por vezes cotidianas acerca dos Evangelhos, para proporcionar-vos, com o auxílio do Senhor, um crescimento na fé e na ciência.

1,2 Ora, o que de mais útil se faz na Igreja do Senhor? O que de mais adequado aos deveres de um bispo se pode achar, do que o fato de os fiéis poderem chegar, por meio da doutrina por ele transmitida e ensinada no tocante às palavras do Senhor, ao prometido Reino dos céus? Faço grandes esforços, por certo, para observar essa consagrada ocupação cotidiana, tanto de meu trabalho, como de meu cargo e, ainda que ausente, tento fazer-me presente entre vós por meio epistolar.

1,3 Ao interpelar-vos na fé, segundo o modo acostumado, com exortações enviadas, vou, por esta razão, ao vosso encontro, a fim de permanecerdes de pé, consolidados na firmeza da raiz evangélica e sempre armados contra todos os combates do diabo. Não pensarei estar ausente, se estiver seguro disso.

1,4 Tudo o que utilmente se expõe, entretanto, tudo o que define ou promete, com explicações, o estado da vida eterna, somente dá bom fruto se, para chegar ao lucro do trabalho, recebe ajuda das forças da divina misericórdia.

1,5 Não proferimos apenas palavras que provêm das fontes das Sagradas Escrituras, mas associamos a elas nossas preces ao Senhor e nossos votos, para que Ele abra, tanto a nós como a vós, os tesouros dos Seus mistérios, concedendo-nos forças para cumprirmos cada palavra que conhecemos. Com efeito, maior é o perigo de quem, tendo conhecido a vontade do Senhor, negligenciou a sua prática.

Elogio à castidade é quem a vive

2,1 Ora, por mais que eu vos exorte sempre, como bem o sabeis, a praticar diversas obras, segundo os preceitos da divina lição – que outra coisa pode ser desejada ou mais importante para mim do que o ficardes firmes em Deus, sendo perfeitos em tudo? –, admoesto-vos, contudo, principalmente, a guardar a fortaleza da pudicícia, o que já fazeis, sabendo que sois templo do Senhor, membros de Cristo, morada do Espírito Santo, eleitos para a esperança, consagrados para a fé, destinados à salvação, filhos de Deus, irmãos de Cristo, consortes do Espírito Santo e que nada já deveis à carne, uma vez que renascestes da água.

2,2 E a pudicícia, que devemos querê-la para que seja nossa, está além da vontade,^[1] sendo concedida por causa da redenção, a fim de que não possa corromper-se a carne consagrada por Cristo. Pois, se o Apóstolo chama a Igreja de esposa de Cristo,^[2] eu vos pergunto, quanta pudicícia se exige no momento em que, dentre as mulheres casadas, a Igreja se distingue como esposa virgem?

2,3 Na verdade, a não ser porque me propus admoestar-vos brevemente, penso que poderia ter tecido louvores bem abundantes e ricos à pudicícia, mas julguei, por muito tempo, supérfluo fazê-lo às pessoas que a cultivam.

2,4 Ao praticá-la, com efeito, vós a elogiáis e mais louvores a ela pronúciais na medida em que a exercitais, tornando-vos ornamentos dela, enquanto ela se torna o vosso, com uma beleza mútua, que há de enriquecer-se reciprocamente.

2,5 A pudicícia vos sugere a disciplina dos bons costumes, vós lhe proporcionais o serviço das obras santas. Através de vós, ela manifestou, por um lado, tudo quanto poderia fazer; e ela própria, por outro lado, mostrou e ensinou aquilo a que aspirais, unificando o duplo bem dos preceitos e das obras, de modo a que este não parecesse mutilado caso faltassem os preceitos ao serviço das obras, ou o serviço das obras aos preceitos.

Os perigos da impudícia

3,1 A pudicícia é a honra dos corpos, o ornamento dos costumes, a santidade dos sexos, o vínculo dos matrimônios, a proteção da descendência, o baluarte do pudor, a fonte da castidade, a paz da casa, da concórdia o princípio. A pudicícia é solícita a não agradar senão a si própria. É sempre discreta, sendo mãe da inocência. Adorna-se sempre e tão somente com o pudor, sendo bem consciente de sua própria beleza, especialmente quando desagrada aos perversos.

A pudicícia não anda a procura de ornamento algum, pois é ela mesma o seu enfeite.

3,2 Ela nos torna agradáveis ao Senhor, une-nos a Cristo. Arranca-nos dos membros todos os ilícitos combates dos desejos, trazendo a paz a nossos corpos. Sendo ela própria bem-aventurada, bem-aventurados faz todos aqueles junto dos quais se digna habitar. Estes jamais a podem censurar, mas tampouco o podem os que não a têm: até aos olhos de seus inimigos é ela venerável, pois muito mais a admiram os que não a podem vencer.

3,3 Assim, porém, como essa virtude é sempre estimada nos homens, e a todo momento se há de desejar pelas mulheres, sua inimiga, a impudícia, é sempre detestável, ao fazer do ludíbrio obsceno o seu instrumento, e ao não poupar corpos nem almas.

3,4 Com efeito, uma vez debelados os costumes mais arraigados, atira o homem todo por ela dominado ao triunfo da lascívia. Num primeiro momento, é suave, a fim de causar mais dano à medida que deleita, dissipando o patrimônio juntamente com o pudor. Inimiga da continência, ela é um furor encarniçado de desejos que amiúde chega ao derramamento de sangue.

Ela é o incêndio da boa consciência, a mãe da impenitência, a ruína da melhor época da vida. É o prejuízo da descendência, ao destruir a garantia do sangue e da família, enxertando os próprios filhos em relações afetivas que lhes seriam estranhas e introduzindo o fruto de uma geração ignorada e corrompida em testamentos alheios.

3,5 Arde geralmente por ultrapassar o uso natural do sexo que, ao não conter-se um homem entre os limites do permitido, considera-se pouco satisfeito, a menos que busque também nos corpos masculinos não um prazer novo, mas extraordinário e extravagante contra a própria natureza, e coleciona atos monstruosos de varões com varões.

Em cada estado de vida há lugar para a castidade

4,1 A pudicícia, por sua vez, encontra sua primeira morada entre as virgens, a segunda, entre os continentes, e a terceira, nos matrimônios. Em todos esses estados, porém, é gloriosa, seja qual for o lugar que ocupe.

4,2 Pois também é digno de louvor conservar a fidelidade matrimonial entre tantos combates movidos pelo corpo. Próprio de virtude ainda maior é ter imposto ao matrimônio o limite da continência, na medida em que se renuncia até ao que é lícito.

4,3 Certamente, o fato de se ter conservado a santidade desde o ventre materno, guardando-se como criança até a velhice, por todos os períodos da vida, é algo que se deve a um domínio admirável, a menos que, para maior felicidade, não se tenham conhecido as sedutoras leis do corpo. Tê-las vencido, porém, uma vez conhecidas, é algo que se deve à virtude, mas à virtude que provém de um dom de Deus, por mais que se mostre aos homens nos seus membros.

Castidade, unidade, caridade

5,1 Os preceitos que nos recomendam a pudicícia são antigos, irmãos. Por que digo eu que são antigos? Pois foram instituídos com os próprios homens.

5,2 De fato, a mulher provém do seu varão para que, fora dele, não conheça outro. E ao varão foi dada a mulher para que, uma vez que se lhe ajuntou o que lhe fora tomado, não ande à procura do alheio.

5,3 “Assim os dois”, diz-se, “serão uma só carne”,^[3] de modo que se torne uma unidade o que fora uno, e uma separação sem reconciliação não se justifique de parte de nenhum dos dois.

5,4 Daí que o Apóstolo tenha dito que “a cabeça da mulher é o homem”,^[4] a fim de fazer reconhecer a pudicícia pela união dos dois. Com efeito, como uma cabeça estranha não se pode adaptar a membros que não são seus, assim tampouco membros estranhos a uma cabeça alheia. A cabeça convém, portanto, aos membros e os membros à sua cabeça, reunindo-se cabeça e membros por liame natural, em concórdia mútua, a fim de que não venha a surgir qualquer discórdia e não se rompa, com a divisão dos membros, o pacto de uma aliança divina.

5,5 [O Apóstolo] acrescenta ainda: “Quem ama a sua mulher ama-se a si mesmo, pois ninguém jamais quis mal à sua própria carne, antes, alimenta-a e dela cuida, como também faz Cristo com a Igreja”.^[5]

5,6 Daqui se vê a grande prescrição da caridade unida à pudicícia: se as mulheres não de ser amadas por seus maridos, tal como Cristo amou a Igreja, assim também as mulheres devem amar os maridos, como a Igreja ama a Cristo.

O adultério: impudícia sem desculpa

6,1 Quando Cristo, interrogado, pronunciou a sentença que proíbe despedir a mulher a não ser em caso de adultério,^[6] conferiu uma honra muito grande à pudicícia.

6,2 Daí ter surgido aquele ditame: “Não deixareis viver as adúlteras”.^[7]

6,3 Daí, também, que o Apóstolo diga: “É esta a vontade de Deus, que vos aparteis da fornicação”.^[8]

6,4 E, ainda, diga isto: “Os membros de Cristo não se hão de unir aos membros de uma prostituta”.^[9]

6,5 Por isso é que se entrega a Satanás, para a perda da sua carne, aquele que, tendo calcado aos pés a autoridade da pudicícia, pratica os vícios da carne.^[10]

6,6 Com razão, é por isso que os adúlteros não possuem o Reino dos céus,^[11] e que o Apóstolo diz que todo pecado é exterior ao corpo,^[12] mas só o adultério é pecado que se comete contra o próprio corpo. Daí, enfim, que existam outras sentenças de preceitos, e não seria necessário compilá-las todas agora, principalmente diante de vós que as conheceis e frequentemente as praticais.

6,7 Por mais que tais sentenças ameacem, não pode haver reclamação alguma a seu respeito. De fato, o adúltero não tem escusa: ou tem ou poderia ter tido uma esposa, porque se lhe permitiu que se casasse.

A grandeza da castidade

7,1 Na maneira, porém, em que leis foram prescritas às esposas, estas se veem de tal modo vinculadas que não podem desligar-se do compromisso, enquanto a virgindade, por sua vez, e a continência estão acima de toda e qualquer lei. Nada dentre as leis dos matrimônios diz respeito à virgindade, que, por sua elevação, transcende todas elas, por mais que algumas depravadas ousadas dos homens também tentem ultrapassá-las.

7,2 A virgindade iguala-se aos anjos; aliás, se a considerarmos com atenção, até os supera, na medida em que, exercitada na carne, obtém também uma vitória contra a natureza, coisa que os anjos não fazem.

7,3 O que é a virgindade senão uma gloriosa contemplação da vida futura?

A virgindade não pertence a nenhum dos sexos; trata-se, antes, de uma infância perseverante, do triunfo sobre os prazeres. A virgindade não tem filhos, mas possui algo melhor, a saber, o desprendimento dos filhos. Não tem fecundidade, mas não tem viuvez. É feliz por estar isenta da dor do parto e mais feliz, por outro lado, por não conhecer a desgraça que representa a perda dos filhos.

7,4 Que outra coisa é a virgindade a não ser a única forma de liberdade, ao não estar sujeita a um marido dominador? A virgindade está livre de todas as afeições: não se ordena às obrigações do matrimônio, nem ao mundo, nem aos filhos. Não pode temer a perseguição, enquanto, do alto de sua segurança, pode chegar a provocá-la.

O exemplo de José

8,1 Uma vez que vos foram expostos brevemente os preceitos da pudicícia, demos exemplos dessa virtude. Com efeito, ao se abordar o assunto que nos ocupa, mais se progride e menos se duvida de seu mérito, quando o que se preceitua é confirmado também por exemplos.

8,2 A exemplificação da pudicícia começa por José.^[13] O jovem hebreu, de nobre ascendência e mais nobre ainda por sua inocência, vendido aos ismaelitas pelos irmãos, por causa da inveja que tinham de seus sonhos, chegara à casa de um homem egípcio.

8,3 Por sua obediência, por sua inocência e por sua total lealdade no serviço, atraíra a simpatia e a benevolência de seu senhor, e seu aspecto belo, que a idade e a própria nobreza de caráter fazem agradáveis a todos, foi notado pela esposa de seu senhor de um modo diferente de como convinha.

8,4 Num recanto isolado da casa, esconderijo sem testemunhas e apropriado para o crime, a incontinente e impudica mulher pensou poder vencer, ora com promessas, ora com ameaças, a pudicícia do jovem.

8,5 Tendo ele, porém, sido agarrado pelas vestes ao esforçar-se para fugir, dada a audácia de tão grande pecado, acabou por deixá-las para trás, havendo de ter a integridade de seu corpo nu como testemunha de sua inocência. Ao crime da própria impudicícia, a impudica mulher não hesitou em acrescentar a temeridade da calúnia.

8,6 Arrebatada e impetuosa, por ter sido recusado o seu desejo, mas simulando dor, queixou-se tanto ao marido como aos outros, de que o jovem hebreu teria tentado infligir-lhe a violência que ela própria se empenhara em impor.

8,7 Acendeu-se a fúria do marido, desconhecedor dos fatos e gravemente incitado pela acusação da esposa. O pudico rapaz, porém, por não ter contaminado a consciência com o delito, é arrastado para as profundezas do cárcere.

8,8 A pudicícia, contudo, não fica sozinha na prisão, pois com José está Deus, e os que lhe fizeram o mal são postos em suas mãos, porque ele próprio não fizera mal algum.

8,9 Depois disso, José dissolveu as obscuridades dos sonhos, pois seu espírito vigiava em meio à tentação, e foi libertado das cadeias pelo Senhor. Quem servira como escravo em meio a perigos e em casa menos importante, foi constituído, livre já de qualquer

perigo, senhor do palácio real. Tendo recuperado sua condição nobre sob o Deus que é juiz, recebeu a merecida recompensa da pudicícia e da inocência.

O exemplo de Susana

9,1 Vem-nos da continência feminina outro exemplo semelhante, em parte diferente, mas não menor em importância.

9,2 Existiu, como lemos, certa Susana, filha de Helcias, esposa de Joaquim, mulher de belíssimo aspecto e mais bela pelos costumes.^[14] Sua beleza a fazia valer, mesmo sem qualquer ornamento: era, com efeito, natural. A pudicícia a embelezara e, com a pudicícia, apenas a natureza.

9,3 Começaram a amá-la perdidamente dois dos anciãos, que de nada mais se lembravam: nem do divino temor, nem tampouco de sua própria idade, que já definhava com os anos. Assim, a chama de uma recidiva lascívia fazia-os voltar aos ardentes incêndios da terminada juventude. Armam, então, uma cilada à desditosa mulher, valendo-se de sua simplicidade.

9,4 Os ladrões da pudicícia confessam amor, mas odeiam, ameaçando caluniar aquela que não sucumbe.

Dizem-se acusadores de adultério os que, por seu desejo, eram adúlteros.

9,5 Vendo-se entre aqueles dois escolhos de lascívia, Susana pedia o auxílio do Senhor, porque não tinha condições de defender-se com as forças do corpo. E o Senhor escutou do céu a pudicícia que a Ele clamava: quando, oprimida pela iniquidade, era conduzida ao suplício, a mulher viu, já libertada, a vingança sobre os inimigos. Duas vezes vencedora, tendo sido tantas vezes tão mortalmente assediada durante a provação, ela escapou tanto à lascívia como à morte.

9,6 Se eu prosseguisse com um maior número de exemplos, isso não teria mais fim. Contento-me com esses dois, principalmente porque, por meio deles, a pudicícia é, com todas as forças, defendida.

A força da castidade

10,1 Não os pôde debilitar a involuntária memória de um sangue nobre, que serve, em certas pessoas, ao desregramento da lascívia. Nem a beleza do corpo ou o aspecto de membros adequadamente dispostos que geralmente atiçam, como o faria certa flor velozmente transitória de um tempo que se apressa, nutrindo com o ensejo de um prazer ao alcance da mão. Nem tampouco os anos iniciais de uma idade viçosa e em melhor estado, quando um sangue ainda inculto e em agitação acende as chamas da natureza e, para aliviar-se, derrama nas entranhas ardores dissimulados, que hão de propagar-se mesmo à custa do pudor.

Não os pôde debilitar nem mesmo algum momento de afastamento, longe da presença de testemunhas – como alguns pensam –, e que exerce a maior influência para o cometimento de um crime, na medida em que se apresenta um excesso de liberdade. Nem a obrigação imposta pela autoridade dos que mandavam, dos que tomavam parte na temeridade e dos seus cúmplices, com que amiúde se quebrantam até mesmo as retas resoluções. Nem os próprios prêmios, aos quais aquiescem frequentemente também os bons. Nem acusações, nem ameaças, nem pena, nem morte.

10,2 Nada é tão penoso, tão duro e tão triste quanto o ter caído da alta posição da pudicícia.

10,3 Dignos, então, se fizeram ambos do tão grande prêmio do divino juízo: um deles foi tornado célebre com pouco menos que o trono real, enquanto a outra, dotada da simpatia do marido, foi salva com a morte dos inimigos.

10,4 Esses exemplos e outros semelhantes, a eles equiparáveis, hão de estar sempre diante dos nossos olhos e meditar-se dia e noite.

A castidade, ao alcance da vontade, é vitória superior à que se tem sobre outros males

11,1 Nada deleita tanto o espírito fiel quanto a íntegra consciência de um imaculado pudor. O prazer de ter vencido o prazer é o maior que existe e não há vitória maior do que a que se conquista sobre a concupiscência.

11,2 Quem venceu um inimigo é porque foi mais forte, porém em relação a outrem; mas quem reprimiu a lascívia superou a si próprio em força. Quem prosternou um adversário, golpeou um inimigo externo; mas quem abateu a concupiscência superou um inimigo doméstico.

11,3 Qualquer mal é mais facilmente vencido do que o prazer, pois qualquer que seja o mal, sempre causa horror, ao passo que o prazer é suave. Por motivo algum se é oprimido de forma tão complicada do que por amar-se o que prejudica.

11,4 Quem elimina os desejos, superou também os temores, pois dos desejos é que estes vêm.

11,5 Quem venceu os desejos, triunfou sobre o pecado. Quem venceu os desejos, mostrou-se superior ao próprio mundo. Quem venceu os desejos, provou que é verdadeiro discípulo de Cristo. Quem venceu os desejos, mostrou que a seus pés jaz o antigo mal do gênero humano. Quem venceu os desejos, deu-se a si mesmo uma paz perpétua. Quem venceu os desejos, restituiu-se a si mesmo a liberdade, conquista muito difícil até para quem já nasceu livre.

11,6 Por conseguinte, irmãos, a pudicícia sempre há de ser contemplada por nós, tal como os fatos no-la ensinam, pois se trata de algo que custa muito pouco e não se apoia em conhecimento técnico algum.

11,7 O que a torna perfeita é a vontade e, para que esta não se visse impedida de fazê-lo caso estivesse fora do nosso alcance, se trata de uma faculdade nossa. Assim, não se há de adquirir, mas de obter o proveito de algo que é nosso.

Castidade: no corpo e nas atitudes

12,1 Que outra coisa é, pois, a pudicícia senão a mente honesta consagrada à custódia do corpo, para que o conveniente pudor rigorosamente indicado aos sexos preservasse a autenticidade da estirpe, a partir de uma descendência incorrupta?

12,2 À pudicícia, por outro lado, irmãos, correspondem e são afins, em primeiro lugar, o temor de Deus, a santa meditação dos preceitos, o espírito propenso à fé, a mente cheia de entusiasmo pela sagrada religião; em seguida, o cuidado de que não haja em si adorno além da medida, que se afaste da honestidade, algo que seja dispendioso, pintado com arte, forjado para provocar ou reter os olhares.

12,3 Não é pudica a [mulher] que tenta mover o espírito alheio, ainda que se resguarde a castidade do corpo.

Bem longe estejam aquelas realidades pelas quais a beleza não é ornada, e sim prostituída, pois o cuidado com a beleza é indício de falta de bom senso, assim como de imperfeição.

12,4 Seja livre a natureza dos corpos, e não faça violência às obras divinas. É sempre miserável a [mulher] que não se agrada de como é. Por que se muda a cor dos cabelos? Por que se enegrecem as extremidades dos olhos? Por que adquire o rosto, por meio de artifícios, conformação diferente? Por que, enfim, se consulta o espelho, a não ser por temor de ser quem se é?

12,5 Pudico seja o cultivo da mulher pudica.

A mulher fiel não conheça o adultério nem em seus mais externos aspectos. Misturar o ouro às vestimentas é como corrompê-las por um preço. O que fazem metais rígidos entre os delicados tecidos de estambre, a não ser pressionar ombros vacilantes e mostrar a luxúria de um espírito infelizmente orgulhoso de si mesmo?

12,6 Por que os pescoços se acabrunham e se escondem com pedras exóticas, cujos preços, mesmo sem os trabalhos do artesão, excedem a fortuna de quem quer que seja?

Não é a mulher que se adorna, mas são os vícios da mulher que se exibem.

12,7 Qual o sentido de os dedos, sobrecarregados por tamanha quantidade de ouro, não poderem entrar nem sair dos anéis? É acaso a utilidade que o postula, ou com isso só se demonstra a inane pompa dos patrimônios?

12,8 Situação admirável! As mulheres, para tudo delicadas, são mais fortes do que os

homens quando se trata de levar o fardo dos vícios!

A castidade deve ser cuidada

13,1 Para retornar ao ponto donde parti, diria que sempre se há de cultivar a pudicícia, tanto por homens como por mulheres. Com todo cuidado, deve ser ela conservada detrás de seus baluartes de defesa. Facilmente, ao estar no corpo, se corre um risco decorrente da natureza corpórea, na medida em que a carne, ordinariamente inclinada à queda, a arrebatada consigo.

13,2 Sob o pretexto, por certo, da natureza, que impele sempre os homens aos afetos, com os quais se ressarcem as desventuras de uma raça decaída, e enganando com a sedução do prazer, a carne não leva a dar continuidade à descendência de uma união legítima, mas jactancia-se no pecado.

13,3 Contra tais carnavais insídias, portanto, das quais toma parte o diabo qual companheiro e chefe, é preciso lutar valendo-se de todo o tipo de virtude.

13,4 Assumam-se, conforme o Apóstolo, as obras de Cristo. Recolha-se o espírito, o quanto puder, da associação com a carne. Cada sentido seja resguardado do corpo. Corrijam-se sempre os vícios, para que sejam odiados. Tenha-se ante os olhos aquela vergonha infame e humilhante do pecado, além da própria penitência, com suas dores, que é uma declaração da desonestidade dos crimes cometidos.

13,5 Nada se considere curiosamente em rostos alheios. A palavra seja breve, sóbrio o riso, pois isso é sinal de um espírito simples e sereno. Mantenha-se, pois, distância dos laços, mesmo honestos. Nada seja permitido ao corpo quando o vício corporal é o que se há de evitar. Medite-se quão digno é ter vencido a desonra, e quão indigno é pela desonra ter sido vencido.

No auxílio divino, a força da castidade

14,1 Deve-se dizer ainda que o adultério não é um prazer, mas mútua injúria; e não pode deleitar aquilo que mata tanto a alma como a vergonha.

14,2 O espírito reprima os agulhões da carne, refreie o ímpeto do corpo.

Com efeito, recebeu ele o poder de que seus membros servissem a seu comando, de modo a, como auriga legítimo e perfeito, subjugar, com os açoites dos preceitos celestes, os impulsos da carne que o elevam para além dos lícitos limites do corpo.

14,3 Em meio a tudo isso, porém, ou melhor, antes mesmo de chegar a isso, deve-se pedir o auxílio das forças divinas contra as perturbações e todos os vícios. Só Deus, que Se dignou criar os homens e prestar-lhes completo socorro, é, com efeito, poderoso.

14,4 Pouca coisa eu ditei, pois não me propus escrever tratados, mas sim legar uma exortação. Quanto a vós, contemplai as Escrituras e ajuntai-vos exemplos mais adequados a partir dos próprios preceitos que se referem ao assunto que nos ocupa. Irmãos caríssimos, que estejais bem.

CARTA 1

(= Cipriano, *ep.* 30)

Ao Papa Cipriano saúdam os presbíteros e os diáconos que estão em Roma.^[1]

1,1 Embora um espírito consciente da própria integridade – sustentado pela força da disciplina evangélica e como testemunha verdadeira diante de si mesmo do cumprimento dos decretos celestes – costume satisfazer-se unicamente com o julgamento de Deus, nem deseje louvores ou tema acusações de outros, todavia, são dignos de duplo louvor aqueles que, mesmo sabendo que devam [apresentar] sua consciência unicamente ao julgamento de Deus, desejam, contudo, que seus atos sejam aprovados também por seus próprios irmãos.

1,2 Que tu, irmão Cipriano, ajas assim não causa admiração; tu que, com tua modéstia e inata diligência, quiseste encontrar-nos não tanto como juízes quanto como corresponsáveis de tuas deliberações, de modo que, ao aprová-las, tivéssemos contigo o louvor por teus feitos e nos tornássemos copartícipes de tuas boas realizações, porque também as endossamos. Igualmente, pois, se acreditaria termos todos operado naquilo que todos somos vistos associados, [isto é,] na mesma unanimidade quanto a censura e a disciplina.

2,1 Que há, de fato, de mais coerente em tempo de paz ou de mais necessário na guerra que é a perseguição que conservar a devida severidade da atividade divina? Quem a tiver abrandado, necessariamente errará sempre no instável suceder dos eventos; se arruinará de um lado a outro nas tempestades incertas dos negócios [humanos], e, como que tirado das [suas] mãos o timão do governo,^[2] lançará contra as rochas a nave da salvação que é a Igreja.

É claro, então, que não se pode prover a salvação da Igreja de outro modo senão repelindo aqueles que, como ondas adversas, investem contra essa e conservando sempre a observada norma da própria disciplina, como salutar timão em meio à tempestade.

2,2 Não só agora essa conduta foi considerada por nós. Não nos ocorreram recentemente procedimentos inesperados contra os ímprobos. Na verdade, se lê que essa severidade é antiga entre nós, [como] antiga é a fé, [como] antiga é a disciplina. Pois o apóstolo não teria proferido tantos louvores a nosso respeito, dizendo que “nossa fé é celebrada em todo o mundo”,^[3] a menos que já então esse vigor proviesse das raízes da fé daqueles tempos, das quais degenerar-se do louvor e da glória é o maior crime.

De fato, é menor a vergonha de nunca ter chegado à celebração do louvor do que do alto do louvor ter precipitado. É menor a culpa de não ter sido honrado com um bom testemunho do que a honra dos bons testemunhos ter perdido. É menor a desvantagem de ter morrido sem o anúncio das [próprias] virtudes, desconhecido, sem louvor, que os próprios louvores, deserddado da fé, ter perdido. Pois tudo aquilo que se defere para glória de alguém, a menos que se conserve com vigilante e solícita atenção, eleva-se para ódio de uma culpa maior.

3,1 Que não o digamos falsamente provam-no nossas cartas anteriores, nas quais proferimos nossa opinião com clara exposição tanto contra aqueles que se mostraram infiéis com a ilícita apresentação de execráveis libelos^[4] – como se, com isso, pensassem poder escapar daqueles laços envolventes do diabo, com os quais foram retidos não menos que se tivessem subido aos abomináveis altares por isto mesmo, por tê-lo declarado^[5] – como também contra aqueles que os aceitaram, mesmo não tendo estado presentes quando foram inscritos, já que certamente é como se tivessem estado presentes ao mandar que fossem inscritos.

Com efeito, não está livre de delito quem procurou que se fizesse [para si o libelo], nem está livre de culpa aquele cuja aprovação [do delito], embora não o tenha cometido, é, contudo, lida publicamente. E como se sabe que todo o mistério da fé está contido na confissão do nome de Cristo, negou-o quem busca subterfúgios ilusórios para desculpar-se, e quem quer parecer ter satisfeito éditos ou leis apresentadas contra o evangelho, por isso mesmo já obedeceu o que quis que parecesse ter obedecido.

3,2 Além disso, ainda afirmamos nossa fé e consenso também contra aqueles que mancharam suas mãos e bocas em ilícitos sacrifícios: tendo as próprias mentes manchadas antes, por isso também mancharam suas próprias mãos e bocas.

3,3 Longe, pois, da Igreja romana atenuar seu vigor com tão profana facilidade e abrandar os nervos da severidade com a subversão da dignidade da fé, para que – não só enquanto jazerem, mas também quando caírem as ruínas dos irmãos abatidos – sejam ministrados remédios demasiado precipitados de comunhão, certamente não úteis, e, por falsa misericórdia, novos ferimentos se acrescentem aos ferimentos das transgressões passadas, de modo que também a penitência seja tirada dos infelizes para [sua] maior ruína.

Onde, de fato, poderá ter efeito a medicina da indulgência, se também o próprio médico, com a interrupção da penitência, tolera a enfermidade, se somente cobre a ferida sem permitir que os remédios necessários do tempo fechem a cicatriz? Isso não é curar, mas – se queremos dizer a verdade – matar.

4 Ainda conservarás também uma carta, concordante com a nossa, dos confessores^[6] –

cuja dignidade da confissão encerrou no cárcere até agora e cuja fé já coroou gloriosamente uma vez na confissão para o certame evangélico –, na qual declararam a severidade da disciplina evangélica e revogaram, afastando da honra da Igreja, as ilícitas petições.

Se as tivessem facilmente concedido, não facilmente restaurariam as ruínas da disciplina evangélica, particularmente quando a ninguém mais seria tão adequado conservar o teor do vigor evangélico com ilibada dignidade quanto àqueles que se entregaram a insanos para serem atormentados e torturados pelo Evangelho, para que merecidamente não perdessem a honra do martírio, se na ocasião do martírio tivessem querido ser prevaricadores do Evangelho. Pois aquele que tem algo [mas] não custodia na fonte o que possui, enquanto ultraja a fonte daquilo que possui, perde o que possuía.

5,1 Neste ponto, devemos agradecer-te, e o fazemos máxima e abundantemente, pois iluminaste com tuas cartas as trevas do cárcere dos confessores; porque vieste a eles como pudeste vir; porque revigoraste seus ânimos, [já] robustos por sua fé e confissão, com tuas exortações e cartas; porque, tendo buscado sua felicidade com os devidos louvores, inflamaste o [seu] desejo pela muito mais ardente glória celeste; porque, avançados, os impulsionaste; porque animaste, com a força de tuas palavras, aqueles que – como cremos e esperamos – serão vencedores, de modo que, embora tudo isso pareça provir da fé dos confessores e da misericórdia divina, todavia parece que, em seu martírio, tornaram-se, de algum modo, teus devedores.

5,2 Mas, de volta ao ponto em que o discurso parece ter sido desviado, encontrarás anexa a [cópia da] carta que também enviamos a Sicília.^[7] Ainda se nos impõe a grande necessidade de diferir sobre a questão, porque, depois do passamento de Fabiano,^[8] de nobilíssima memória, ainda não elegemos o bispo, devido às dificuldades dos eventos e dos tempos, que modere tudo isso e possa, com autoridade e discernimento, encarregar-se daqueles que são lapsos.

5,3 Embora, em tão importante matéria, nos agrade o que tu mesmo expuseste, [isto é,] que primeiro a Igreja esteja em paz para, depois, com os bispos, os presbíteros, os diáconos, os confessores e, igualmente, os leigos que permaneceram fiéis, em confronto de pareceres, lidar com a questão dos lapsos.^[9]

De fato, consideramos extremamente odioso e oneroso não ser examinado por muitos o que parece ter sido cometido por muitos, e por um ser proferida a sentença, quando se sabe que tão grande delito foi cometido e difundido por muitos, porque não pode ser um decreto sólido aquele que não considere ter tido o consenso de muitos.

5,4 Observa: quase todo o mundo devastado e destroços e ruínas dos caídos a jazer por toda parte, e, por isso, o quão amplamente propagado se vê ter sido o delito, assim

tão grande consultação é desejada. A medicina não seja menor que a ferida. Não haja menos remédios que mortes, para que, como aqueles que caíram, caíram por isto, porque foram demasiado incautos em cega temeridade, assim aqueles que se batem por regulamentar a questão, valham-se de toda moderação nas deliberações: não se faça o que não é apropriado, para que não seja considerado inválido por todos [os outros].

6,1 Assim, com um único e mesmo entendimento, com as mesmas preces e lágrimas, tanto nós – que aqui, até agora, parecemos ter escapado das devastações deste tempo – como aqueles que se vê terem caído nas calamidades do tempo, invoquemos, suplicantes à majestade divina, a paz para a Igreja. Com recíprocas orações apoiemo-nos, protejamo-nos, fortaleçamo-nos uns aos outros.

6,2 Oremos pelos lapsos, para que se ergam. Oremos pelos que permanecem fiéis, para que não sejam provados até a queda. Oremos para que aqueles que se relata terem cedido entendam, reconhecendo a grandeza de seu delito, que esse requer uma medicina não momentânea nem precipitada. Oremos para que também a penitência dos lapsos consiga o efeito do perdão, para que, reconhecido seu delito, queiram ter paciência conosco por um tempo: não perturbem mais a instável situação da Igreja; não considerem ter inflamado entre nós uma perseguição interna, e o terem sido também inquietos se acrescente ao cúmulo dos [seus] delitos.

De fato, muito mais cabe a modéstia àqueles dos quais o espírito imodesto é condenado nos delitos. Fora, batam seguramente [à porta],^[10] mas certamente sem rompê-la. Aproximem-se do limiar da Igreja, mas certamente sem saltá-lo. Estejam atentos às portas das fortalezas celestes, mas armados da modéstia,^[11] da qual saibam ter sido desertores. Retomem o trompete de suas preces, mas sem soá-lo para a guerra. Armem-se, mesmo, dos dardos da modéstia e retomem o clipeo da fé,^[12] que depuseram ao negá-la por medo da morte; mas agora armados contra o [verdadeiro] inimigo, o diabo, não contra a Igreja – que se condói por sua queda –, pensem estar armados.

É-lhes muito mais útil a súplica modesta, a invocação moderada, a necessária humildade, a paciência não ociosa. Emitam lágrimas como embaixadores em favor de suas dores. Gemidos emitidos do íntimo de seu peito, que provem a dor e a vergonha do delito cometido, desempenhem o papel de advogado [em seu favor].

7,1 Antes, se estão aterrorizados com a gravidade da culpa em que caíram, se tratam com verdadeira mão medicinal a chaga letal de seu coração e de sua consciência e a cavidade profunda de sinuosa ferida, corem também ao pedir, a menos que seja tanto de maior perigo quanto de maior vergonha o não ter pedido o auxílio da paz.

Mas tudo isso segundo o sacramento [da paz].^[13] Mas segundo a prescrição da petição, na devida proporção de tempo. Mas com petição moderada. Mas com prece

submissa, porque aquele a quem se pede de ser aplacado, não irritado. E como deve ser considerada a clemência divina, assim também deve ser considerada a severidade divina. E como está escrito: “Perdoei-te toda a dívida porque me pediste”,^[14] também está escrito: “Quem tiver-me negado diante dos homens, também eu o negarei diante de meu pai e de seus anjos”.^[15]

7,2 De fato, como Deus é misericordioso, é também exator – e certamente diligente – de seus preceitos. E como chama para o banquete, assim expulsa para fora do convívio dos santos, preso pelas mãos e pelos pés, quem não tem a veste nupcial.^[16] Criou o céu, mas criou também o inferno. Preparou consolações, mas preparou também suplícios eternos.^[17] Criou a luz inacessível,^[18] mas criou também a treva vasta e eterna da noite perpétua.

8 Desejosos de manter a moderação da justa proporção, há bastante tempo nós aqui – e certamente muitos [de nós], e mesmo com alguns bispos nossos circunvizinhos e das proximidades, também com aqueles que, postos longe, o ardor desta perseguição expelira de outras províncias – consideramos que não se deva inovar em coisa alguma antes da eleição do bispo.

Mas acreditamos que se deva lidar moderadamente com o cuidado dos lapsos, a fim de que, no ínterim, enquanto se espera o bispo a ser-nos dado por Deus, mantenha-se em suspenso a causa daqueles que podem suportar a delonga da dilação.

A daqueles, porém, cujo iminente fim da vida não pode sofrer dilação de solução, feita penitência e expressa frequentemente a aversão a seus delitos – se com lágrimas, se entre gemidos, se em lamentações de dor tiverem dado sinais de espírito verdadeiramente penitente, quando, segundo critério humano, não houver esperança de viver –, somente então, cauta e atentamente, conceda-se-lhes o socorro.

O próprio Deus sabe o que fará a seu respeito e de que modo examinará a balança em seu julgamento.

Nós, contudo, com toda atenção cuidamos para que homens ímprobos não louvem nossa excessiva facilidade, nem os verdadeiramente penitentes acusem nossa severidade como crueldade.

Desejamos que tu, beatíssimo e gloriosíssimo Papa, no Senhor, estejas bem e que te lembres de nós.

CARTA 2

(= Cipriano, *ep.* 31)

Ao Papa Cipriano saúdam Moisés e Máximo, presbíteros, Nicóstrato, Rufino e os outros que com esses são confessores.

1,1 Estando entre diversos e múltiplos infortúnios, irmão, devido às atuais quedas de muitos [de nossos irmãos] por quase todo o mundo, chegou-nos esta particular consolação: soerguemos-nos com a recepção de tua carta^[1] e recebemos desafogo para a alma entristecida. Por ela, agora pudemos entender que a graça da divina providência talvez tenha querido manter-nos fechados por tanto tempo nos grilhões do cárcere não por outra causa senão para que, instruídos e mais fortemente animados por tua carta, pudéssemos chegar com mais firme desejo à coroa destinada [a nós].

1,2 Tua carta, de fato, nos iluminou como certa serenidade na tempestade, como certa almejada tranquilidade em mar violento, como repouso nas fadigas, como firmeza nos perigos e nos sofrimentos, como cândida e refulgente luz entre densíssimas trevas. Assim, nós bebemos dela com ânimo sedento e a recebemos com desejo faminto, de modo a, rumo ao certame do inimigo, a partir dela, alegrar-nos satisfatoriamente apoiados e nutridos.

1,3 O Senhor te recompensará por essa tua caridade e mostrará o devido fruto desta tão boa obra. Porque aquele que exortou [ao martírio] não é menos digno da recompensa da [sua] coroa do que aquele que [o] sofreu; aquele que ensinou não é menos digno de louvor do que aquele que aprendeu [o que é o martírio]. Aquele que aconselha não deve ser menos honrado que aquele que deseja [o martírio], senão porque às vezes redunde em cúmulo de maior glória para aquele que instrui do que para aquele que se dispôs como discípulo que facilmente aprende. Esse, de fato, talvez não teria aprendido o que ter feito se aquele não tivesse ensinado.

2,1 Sentimos, então, dizemos de novo, irmão Cipriano, grande alegria, grande consolação, grande alívio, principalmente porque também honraste com gloriosos e dignos louvores não direi as gloriosas mortes, mas a imortalidade dos mártires. Tais mortes, de fato, deviam ressoar com tais palavras, para que o que fosse referido fosse dito tal qual aconteceu.

A partir, portanto, de tua carta, vimos aqueles gloriosos triunfos dos mártires e, com nossos olhos, de certo modo, acompanhamos aqueles que, indo ao céu, quase contemplamos colocados entre os anjos, as potestades e as dominações.

2,2 Mas também, de certo modo, ouvimos com nossos ouvidos o Senhor a apresentar o prometido testemunho a respeito deles diante de seu Pai.^[2]

Isso é, então, o que nos estimula diariamente o ânimo e inspira a buscar posição de tanta honra.

3 Que, de fato, de mais glorioso, ou que de mais feliz poderia, por dignação divina, acontecer a algum dos homens que – entre os próprios carnílices, intêrrito – confessar o Senhor Deus? [Que de mais glorioso ou de mais feliz] que – entre os vários e refinados tormentos do cruel poder secular, mesmo com o corpo contorcido, torturado e mutilado, mas, contudo, com espírito livre, ainda que a ponto de morrer – confessar o Cristo filho de Deus?

[Que de mais glorioso ou de mais feliz] que, abandonado o mundo, ir para o céu; que, tendo partido de entre os homens, estar entre os anjos; que, rompidos todos os impedimentos seculares, já livre, colocar-se diante de Deus; que, sem hesitação alguma, conservar o Reino do céu?

[Que de mais glorioso ou de mais feliz] que ter-se tornado sócio da paixão com o Cristo em nome de Cristo; que ter-se tornado, por dignação divina, juiz de seu próprio juiz; que ter obtido da confissão do nome [de Cristo] uma consciência imaculada; que não ter obedecido, contra a fé, leis humanas e sacrílegas; que ter testemunhado, com palavra pública, a verdade; que, morrendo, ter vencido a própria morte, que é temida por todos?

[Que de mais glorioso ou de mais feliz] que, pela morte, ter conseguido a própria imortalidade; que, torturado e mutilado com todos os instrumentos de crueldade, ter superado os tormentos, pelos próprios tormentos; que ter resistido, com força de ânimo, a todas as dores do corpo mutilado; que não ter-se horrorizado com o próprio sangue a jorrar; que ter começado a amar seus suplícios após [confessar] a fé; que considerar uma derrota para a própria vida o ter sobrevivido [a esses]?

4,1 A essa batalha, com efeito, como com certo grito de guerra de seu Evangelho, o Senhor nos estimula, dizendo: “Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim não é digno de mim; quem ama a própria alma mais do que a mim não é digno de mim, e quem não toma sua cruz e me segue não é digno de mim”;^[3] e ainda: “Bem-aventurados aqueles que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos céus. Bem-aventurados sois quando vos perseguirem e odiarem. Alegrai-vos e exultai. Assim, de fato, também os profetas foram perseguidos antes de vós”.^[4] [O Senhor] também diz: “[Por causa de mim] sereis colocados diante de reis e governadores. O irmão entregará o irmão à morte, e o pai o filho. Aquele que perseverar até o fim, esse será salvo”.^[5]

4,2 E ainda: “Ao vencedor concederei sentar-se no meu trono, assim como eu venci e

sentei no trono de meu Pai”.^[6]

Já o apóstolo diz: “Quem nos separará do amor de Cristo?”. A tribulação, angústia, a perseguição, a fome, a nudez, o perigo, a espada? Pois está escrito: ‘Por tua causa somos postos à morte o dia todo, somos considerados ovelhas destinadas ao matadouro’. Mas em tudo isso somos vencedores graças àquele que nos amou”.^[7]

5,1 Quando lemos essas passagens, e outras semelhantes, reunidas no Evangelho, as experimentamos quase como tochas postas sob nós para inflamar a fé com as palavras do Senhor. Não só já não tememos, mas até provocamos os inimigos da verdade. Já vencemos os inimigos da verdade por isto mesmo, por não termos cedido [a eles]. Subjugamos as nefastas leis contrárias à verdade.

Mesmo se ainda não derramamos nosso sangue – embora preparados para derramá-lo –, ninguém julgue como benevolência essa delonga de nossa dilação, que nos fere, que é obstáculo para a glória, que procrastina o céu, que impede a gloriosa visão de Deus. Em certame desse tipo, com efeito, e em batalha desse tipo, em que a fé combate, delongar o adiamento do martírio não é verdadeira benevolência.

5,2 Pede, portanto, caríssimo Cipriano, que o Senhor nos arme e ilumine – a cada um com maior abundância e com maior presteza – com sua graça mais e mais a cada dia. [Pede que o Senhor] nos confirme e revigore com os recursos do [seu] poder. Assim, como ótimo general, conduza agora seus soldados – que até o momento exercitou e provou nos acampamentos do cárcere – ao campo da batalha diante de si. Que ele nos dê as armas divinas: aqueles dardos que desconhecem o ser vencidos; a lorica da justiça, que não costuma ser rompida; o clipeo da fé, que não pode ser atravessado; o gládio do espírito, que não costuma ser espoliado.^[8]

A quem, pois, mais que a tão glorioso bispo, devemos encarregar de pedir [tudo] isso por nós, como vítimas de sacrifício certo^[9] que pedem auxílio do sacerdote?

6,1 Eis outra alegria nossa: no [exercício do] dever de teu episcopado, mesmo se foste separado dos irmãos por um tempo devido à situação do momento, todavia, não falhaste. Pois, com cartas, frequentemente fortaleceste os confessores. Pois também supriste [suas] necessárias despesas a partir de teus justos trabalhos. Pois em tudo te mostraste sempre presente de algum modo. Pois em função alguma de teu dever vacilaste, como [faria] um desertor.

6,2 Mas, [quanto a] aquilo com que nos provocaste a maior e mais firme alegria, não podemos calar, o proclamaremos com o pleno testemunho de nossas palavras.

Percebemos, de fato, que apropriadamente reprovaste com a devida severidade tanto aqueles que, esquecidos de suas faltas, extorquiram com precipitada e imprudente

cupidez a paz^[10] dos presbíteros durante tua ausência, quanto aqueles que, sem respeito pelo Evangelho, deram o santo do Senhor e pérolas^[11] com pronta facilidade, quando não convém que tão grande falta – e por quase todo o mundo disseminada com incrível devastação – seja tratada senão, como tu mesmo escreves, cauta e moderadamente, com consultação de todos os bispos, presbíteros, diáconos, confessores e dos próprios leigos que permaneceram fiéis. [Assim,] como tu mesmo atestas em tua carta, enquanto queremos acudir inconvenientemente à queda [dos lapsos], não nos encontremos a preparar outras quedas maiores.

6,3 Onde, com efeito, o temor do Senhor será conservado, se o perdão é tão facilmente dispensado aos pecadores? Sãmente se há tanto de conservar e nutrir suas almas para [que cheguem a] o tempo de sua maturidade quanto de instruí-los sobre as Escrituras, porque cometeram um enorme pecado, o maior de todos.

Que não se animem por isto, por serem muitos [os lapsos]. Mas que mais se reprimam por isto, por não serem poucos. O número é impertinente, nunca se usou para atenuar uma falta, mas [sim, se usa] o pudor, a modéstia, a penitência, a disciplina, a humildade e a submissão; o ter esperado um julgamento alheio acerca de si mesmo, o ter suportado uma sentença alheia acerca de sua atitude. É isso que mostra penitência. É isso que produz cicatriz numa ferida aberta.

6,4 É isso que estimula e eleva da ruína uma mente abatida, que mitiga e extingue a exaltação ardente de inflamadas faltas.

De fato, um médico não dará aos enfermos o que é próprio de corpos sãos, para que um alimento inoportuno não reprima, mas agrave a perturbação de uma violenta enfermidade. Certamente, para que o que antes poderia ter sido curado com um pequeno jejum não se veja ser prolongado, por grande impaciência, com um alimento indigesto.

7,1 Devem ser, portanto, lavadas com boas obras as mãos manchadas com ímpio sacrifício; e as bocas desonradas com alimento nefasto devem ser purificadas com palavras de verdadeira penitência; e no íntimo dos corações fiéis se há de renovar e recompor o ânimo.

Frequentemente os gemidos dos penitentes sejam ouvidos e de novo lágrimas fiéis sejam derramadas dos [seus] olhos. Para que aqueles mesmos olhos que nocivamente olharam os ídolos apaguem com prantos satisfatórios a Deus o que cometeram ilicitamente.

7,2 Não é preciso impaciência nas enfermidades: lutam com sua dor aqueles que convalescem e então esperam a saúde, se tiverem superado com tolerância a [sua] dor. Traíçoeira, de fato, é a cicatriz que um médico produziu demasiado rapidamente: em

qualquer ocasião a cura se rompe, se não forem fielmente administrados remédios a partir da própria lentidão [da cura]. Rapidamente, de novo, a chama se tornará incêndio, a menos que se extinga a matéria de todo o fogo, até mesmo a menor centelha, de modo que os homens desse tipo justamente saibam que são melhor cuidados na própria delonga [de sua cura] e que lhes são administrados remédios mais confiáveis a partir das necessidades da dilação [de sua cura].

8,1 Além disso, como será [possível] que em prisão de repulsivo confinamento estão encarcerados aqueles que confessam o Cristo, enquanto estão fora de perigo para [a própria] fé aqueles que o negaram? Como será que estão aprisionados pelo abraço de correntes em nome de Deus, enquanto sem comunhão não estão aqueles que se recusaram à confissão de Deus? Como será que os detentos depõem suas gloriosas almas, enquanto aqueles que abandonaram a fé não percebem a grandeza de seus perigos e faltas?

8,2 Porque se [os lapsos] demonstram demasiada impaciência e exigem o intolerável apressamento da comunhão, com essa reclamação inútil e odiosa – e sem [qualquer] valor contra a verdade –, proferem injúrias com boca petulante e irrefreável, já que se lhes permitiu conservar [como que] por direito o que agora, na necessidade procurada por sua vontade, são obrigados a pedir. A fé, de fato, que pôde confessar Cristo, pôde ser preservada por Cristo na comunhão.

Desejamos que tu, beatíssimo e gloriosíssimo Papa, estejas sempre bem no Senhor e que te lembres de nós.

CARTA 3

(= Cipriano, *ep.* 36)

Ao Papa Cipriano saúdam os presbíteros e diáconos que estão em Roma.

1,1 Tendo lido, irmão caríssimo, tua carta,^[1] que enviaste pelo subdiácono Fortunato, dúplice dor nos afligiu e dúplice angústia nos perturbou, pois não te é dado repouso algum em meio às tantas pressões da perseguição e a imoderada petulância dos irmãos lapsos se vê tendo chegado à perigosa temeridade das palavras.

1,2 Mas, embora isso que dissemos tenha seriamente afligido a nós e a nosso ânimo, contudo teu vigor e a severidade aplicada conforme a disciplina evangélica moderam o tão pesado fardo de nossa aflição, enquanto também justamente refreias a improbidade de alguns e, exortando à penitência, mostras a vida da legítima salvação.

Certamente estamos bastante admirados por terem querido chegar a este extremo: como tão precipitadamente e em tempo tão inapropriado e amargo, [estando] em tão ingente pecado e exagerada falta, não tanto pedem, como exigem para si a paz;^[2] na verdade, até já dizem tê-la nos céus.

1,3 Se a têm, por que pedem o que têm? Se, porém, prova-se que não a têm por isto mesmo, porque a pedem, por que não esperam o julgamento daqueles aos quais consideraram ter de pedir a paz – que certamente não têm? Se creem ter de alguma outra fonte a prerrogativa da comunhão, tentem confrontá-la com o Evangelho, para que, somente então, valha firmemente, se não destoa da lei evangélica.

Além disso, com que princípio se poderia oferecer a comunhão evangélica, que se vê estabelecido contra a verdade evangélica? Porque toda prerrogativa diz respeito a privilégio de concessão somente se não discrepa daquele ao qual se busca associar. Quem discrepa daquele ao qual busca estar associado, perde necessariamente a concessão e o privilégio de sociedade.

2,1 Ponderem, portanto, o que tentam fazer a esse respeito. Pois, se dizem que certamente o Evangelho fixou uma norma, mas os mártires outra – colidindo com o Evangelho, os mártires se põem em duplo perigo. Porque se verá tanto a majestade do Evangelho fraturada e prostrada, se pôde ser superada pela novidade de outra norma, quanto a gloriosa coroa da confissão tirada da cabeça dos mártires, se não forem encontrados tendo-a conseguido pela perseverança no Evangelho – pela qual nascem os mártires –, de modo que, justamente, ninguém é tão mais apropriado para não decidir coisa alguma contra o Evangelho que aquele que se empenha, a partir do Evangelho, para receber o nome de mártir.

2,2 Gostaríamos ainda de acrescentar isto: se os mártires se tornam mártires não por outra causa senão manter, não sacrificando [aos deuses pagãos], a paz da Igreja até a efusão do [próprio] sangue, para não serem vencidos pela dor da tortura e, perdendo a paz, perderem a salvação, com que princípio julgam que a salvação – que pensaram que não teriam se tivessem sacrificado – deva ser concedida àqueles dos quais se diz terem sacrificado, quando devem manter para outros essa lei que pareciam ter, eles próprios, fixado antes para si?

2,3 Observamos, nessa matéria, ter-se voltado contra eles exatamente aquilo que julgaram fazer em favor de si mesmos. Porque, se os mártires julgaram que a paz deve ser dada àqueles [tais], por que eles mesmos não a deram? Por que, como dizem, recomendaram que fossem enviados ao bispo? Aquele, de fato, que ordena que algo seja feito certamente pode fazer aquilo que ordena que seja feito.

Mas, como entendemos, aliás, como o fato mesmo diz e proclama, os santíssimos mártires pensaram que ambos deveriam observar a justa medida da modéstia e da verdade. Pois, porque eram pressionados por muitos [lapsos], enquanto os remetiam ao bispo, para que não fossem perturbados ulteriormente, julgaram que deveriam estar atentos à própria modéstia, e, enquanto eles mesmos não comungavam com esses, julgaram que a pureza da lei evangélica deveria ser conservada íntegra.

3,1 Tu, contudo, irmão, jamais desistas, segundo tua caridade, de moderar os ânimos dos lapsos e de oferecer a medicina da verdade aos que erram, ainda que um espírito enfermo costume recusar a diligência do médico. É recente, de nossos dias, essa ferida dos lapsos e a chaga ainda evolui para um tumor.

E por isso estamos certos de que, no espaço de um tempo mais prolongado, com esse ímpeto perdendo força, [os lapsos] se deleitarão com isto mesmo, ter esperado a verdadeira medicina; desde que não haja quem os arme para [seu] próprio perigo e, instruindo-os para a perversão, imponha-lhes, em vez dos remédios salutares da dilação, os venenos letais de uma comunhão precipitada.

3,2 De fato, não cremos que, sem a instigação de alguns, todos teriam ousado tão petulantemente reivindicar a paz para si. Conhecemos a fé da Igreja cartaginesa, conhecemos a [sua] instituição, conhecemos a [sua] humildade. Por isso, também ficamos admirados ao termos notado algumas coisas mais rudes a teu respeito, referidas por carta,^[3] quando frequentemente comprováramos vosso amor mútuo também com muitos exemplos de recíproca afeição entre vós.

3,3 É tempo, portanto, de fazerem penitência pela [sua] falta; de aqueles que são lapsos provarem a [sua] dor; de mostrarem modéstia; de demonstrar humildade; de apresentarem moderação; de, em submissão, invocarem para si a clemência de Deus e

de, com o devido respeito para com o sacerdote de Deus, obter para si a misericórdia divina.

Quão melhor teria sido a carta dos lapsos, se as preces em favor desses, [dirigidas a Deus] por aqueles que permaneceram fiéis, tivessem sido ajudadas pela humildade deles. Porque também se obtém mais facilmente o que se pede se aquele por quem se pede é digno de obter o que se pede.

4 O que, porém, diz respeito a Privato de Lambesi,^[4] agiste segundo teu costume: quiseste reportar-nos a questão como algo preocupante. Cabe, de fato, a todos nós cuidar de todo o corpo da Igreja, cujos membros estão dispersos por todas as várias províncias. Mas, já antes de tua carta, a fraude do [referido] astuto homem não pôde passar despercebida a nós. Pois, precedentemente, quando viera, daquele mesmo círculo de perversidade, certo Futuro, porta-estandarte de Privato, fraudulentamente tentou obter de nós uma carta; não ocultou quem era, não recebeu o que queria.

Desejamos que tu sempre estejas bem.

Coleção PATRÍSTICA

1. *Padres Apostólicos*, Clemente Romano; Inácio de Antioquia; Policarpo de Esmirna; O pastor de Hermas; Carta de Barnabé; Pápias; Didaqué
2. *Padres Apologistas*, Carta a Diogneto; Aristides; Taciano; Atenágoras; Teófilo; Hérmiás
3. *I e II Apologias e Diálogo com Trifão*, Justino de Roma
4. *Contra as heresias*, Irineu de Lião
5. *Explicação do símbolo (da fé) – Sobre os sacramentos – Sobre os mistérios – Sobre a penitência*, Ambrósio de Milão
6. *Sermões*, Leão Magno
7. *Trindade (A)*, Santo Agostinho
8. *Livre-arbítrio (O)*, Santo Agostinho
- 9/1. *Comentário aos Salmos (Salmos 1-50)*, Santo Agostinho
- 9/2. *Comentário aos Salmos (Salmos 51-100)*, Santo Agostinho
- 9/3. *Comentário aos Salmos (Salmos 101-150)*, Santo Agostinho
10. *Confissões*, Santo Agostinho
11. *Solilóquios – Vida feliz (A)*, Santo Agostinho
12. *Graça I (A)*, Santo Agostinho
13. *Graça II (A)*, Santo Agostinho
14. *Homilia sobre Lucas 12 – Homilias sobre a origem do homem – Tratado sobre o Espírito Santo*, Basílio de Cesareia
15. *História eclesiástica*, Eusébio de Cesareia
16. *Dos bens do matrimônio – Santa virgindade (A) – Dos bens da viuvez – Cartas a Proba e a Juliana*, Santo Agostinho
17. *Doutrina cristã (A)*, Santo Agostinho
18. *Contra os pagãos – Encarnação do Verbo (A) – Apologia ao imperador – Apologia de sua fuga – Vida e conduta de Santo Antão*, Santo Atanásio
19. *Verdadeira religião (A) – Cuidado devido aos mortos (O)*, Santo Agostinho
20. *Contra Celso*, Orígenes
21. *Comentários ao Gênesis*, Santo Agostinho
22. *Tratado sobre a Santíssima Trindade*, Santo Hilário de Poitiers
23. *Da incompreensibilidade de Deus – Da providência de Deus – Cartas a Olímpia*, São João Crisóstomo
24. *Contra os Acadêmicos – Ordem (A) – Grandeza da Alma (A) – Mestre (O)*, Santo Agostinho
25. *Explicação de algumas proposições da carta aos Romanos – Explicação da carta aos Gálatas – Explicação incoada da carta aos Romanos*, Santo Agostinho
26. *Examerão – Seis dias da criação (Os)*, Santo Ambrósio
- 27/1. *Comentário às cartas de São Paulo – Homilias sobre a Epístola aos Romanos – Comentários sobre a Epístola aos Gálatas – Homilias sobre a Epístola aos Efésios*, São João Crisóstomo
- 27/2. *Comentário às cartas de São Paulo – Homilias sobre a Primeira carta aos Coríntios – Homilia sobre a Segunda carta aos Coríntios*, São João Crisóstomo
- 27/3. *Comentário às cartas de São Paulo – Homilias sobre as cartas: Primeira e Segunda de Timóteo, a Tito, aos Filipenses, aos Colossenses, Primeira e Segunda aos Tessalonicenses, a Filemon, aos Hebreus*, São João Crisóstomo

28. *Regra Pastoral*, Gregório Magno
29. *Criação do homem (A) – Alma e a ressurreição (A) – Grande catequese (A)*, Gregório de Nissa
30. *Tratado sobre os princípios*, Orígenes
31. *Apologia contra os livros de Rufino*, São Jerônimo
32. *Fé e o símbolo (A) – Primeira catequese aos não cristãos – Continência (A) – Disciplina cristã (A)*, Santo Agostinho
33. *Demonstração da pregação apostólica*, Irineu de Lyon
34. *Homilias sobre o Evangelho de Lucas*, Orígenes
- 35/1. *Obras Completas I*, Cipriano de Cartago
36. *O Sermão da Montanha e Escritos Sobre a Fé*, Santo Agostinho
37. *A Trindade, Escritos éticos, Cartas*, Novaciano

Direção editorial:
Claudiano Avelino dos Santos
Coordenação editorial:
Heres Drian de Oliveira Freitas
Coordenação de revisão:
Tiago José Risi Leme
Capa:
Marcelo Campanhã
Coordenação de desenvolvimento digital:
Guilherme César da Silva
Desenvolvimento digital:
Daniela Kovacs
Conversão EPUB:
PAULUS
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Novaciano

A trindade, escritos éticos, cartas [livro eletrônico]; / Novaciano [organizador]. – São Paulo: Paulus, 2017.
Coleção Patrística.

3,6Mb; ePUB

Título original: De Trinitate / De spectaculis, De pudicitia, De cibis iudaicis / Epistulae – Vários tradutores.

1. Trindade I. Título. II. Série.

17-00810

CDD-231.044

Índice para catálogo sistemático:

1. Trindade: Teologia dogmática 231.044

Títulos originais:

De Trinitate - Introdução: Bento Silva Santos

De spectaculis, De pudicitia, De cibis iudaicis - Introduções: Heres Drian de O. Freitas; Tradução: Luciano Rouanet Bastos

Epistulae - Tradução e introdução: Heres Drian de O. Freitas; Traduções da edição crítica preparada por G. F. Diercks para o Corpus Christianorum Series Latina, vol. 4, 1972.

© PAULUS – 2017

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700 • Fax: (11) 5579-3627

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

[\[Facebook\]](#) • [\[Twitter\]](#) • [\[Youtube\]](#) • [\[Instagram\]](#)

eISBN 978-85-349-4564-6

Seja um leitor preferencial **PAULUS**.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções: paulus.com.br/cadastro



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

- [1] Cf. especialmente a síntese de C. GRANADO, “Introducción”, em NOVACIANO, *La Trinidad*. Introducción, edición crítica, traducción de C. Granado, SJ, Madrid: Editorial Ciudad Nueva, 1996, 13-39. Para o leitor incipiente na literatura cristã antiga, ver C. MORESCHINI, *História da Filosofia Patrística*, São Paulo: Loyola, 2008; B. ALTANER, A. STUIBER, *Patrologia. Vida, Obras e Doutrinas dos Padres da Igreja*, São Paulo: Paulus, 2004³.
- [2] Cf. “Introdução Geral”, em CIPRIANO DE CARTAGO, *Obras (I)*, São Paulo: Paulus, 2016 [Patrística 35/1].
- [3] Cf. “Introdução”, em CIPRIANO DE CARTAGO, *Obras (I)*, São Paulo: Paulus, 2016 [Patrística 35/1].
- [4] C. GRANADO, “Introducción”, em NOVACIANO, *La Trinidad*, 15.
- [5] C. GRANADO, *Introducción*, in NOVACIANO, *La Trinidad*, 18.
- [6] Cf. J. AUER, *Dios*, “§14: La Trindade en la historia teológica”, *Uno y Trino*, Barcelona: Editorial Herder, 1988, 194.
- [7] *A Trindade* 12,65.
- [8] *A Trindade* 12,64.
- [9] Isto é, do conjunto de comunidades que não foram reconhecidas nos sistemas gnósticos e estabeleceram uma percepção própria do Evangelho.
- [10] Sobre as heresias combatidas pelos Padres da Igreja nos primeiros séculos do Cristianismo, ver especialmente R. FRANGIOTTI, *História das heresias – Conflitos ideológicos dentro do cristianismo*, São Paulo: Paulus, 1995, 27-59. Ver também minha introdução *Sobre os Princípios de Orígenes*, em ORÍGENES, *Tratado sobre os Princípios*, São Paulo: Paulus, 2012 [Patrística 30], 9-44.
- [11] Cf. F. COURTH, *Il Mistero del Dio Trinità*, Milano: Jaca Book, 1993, 161-4.
- [12] Cf. Jo 10,30; 14,9-10.
- [13] F. COURTH, *Il Mistero del Dio Trinità*, 164.
- [14] *A Trindade* 29,169.
- [15] *A Trindade* 30,173.
- [16] Texto citado em C. GRANADO, “Introducción”, em NOVACIANO, *La Trinidad*, 20, nota 33.

A TRINDADE - NOVACIANO

[1] Cf. Gn 1,6.

[2] Cf. Gn 1,9-10.

[3] Cf. Gn 1,14-18.

[4] Cf. Sl 104(103),25.

[5] Cf. Sl 104(103),9.

[6] Cf. Pr 8,29; Jó 26,10; 38,8-11.

[7] Cf. Gn 1,27; 5,1; 9,6.

[8] Cf. Gn 2,7.

[9] Cf. Gn 1,28.

[10] Cf. Gn 2,16-17.

[11] Cf. 2Cor 5,10.

[12] Cf. Gn 3,1-5.

[13] Cf. Gn 3,17.

[14] Cf. Gn 3,9.

[15] Cf. Lc 19,10.

[16] Cf. Gn 3,22-23.

[17] Cf. Cl 1,16.

[18] Isto é, o Deus Criador não é um demiurgo, acima do qual estaria um deus superior.

[19] Para Novaciano, Deus não deve coisa alguma a ninguém, porque a ninguém Deus deve sua origem. Embora sua argumentação não seja explícita como, por exemplo, a de Agostinho mais tarde, Novaciano parece pressupor, sem forçamentos, que quem quer que exista – à parte do próprio Deus – existe *no tempo*; existe, portanto, como resultado do ato criador de Deus. Quem quer que seja que existe, existe a partir do próprio Deus. Assim, como para Deus não há tempo, só resta que Deus seja origem absoluta de tudo, tempo inclusive.

[20] No texto original, lê-se: *omni virtute viritior*. O termo comparativo “viritior” pode tratar-se de neologismo do autor. Opto pela tradução “mais virtuoso” para aproximá-lo do termo analogado “que toda a virtude”; no entanto, observo que, mais que num sentido moral, o termo “virtude” deveria aqui entender-se em torno do campo semântico de qualidades viris, coragem, bravura, vigor e energia, dado que o próprio substantivo *virtus*, *virtutis* provém de *vir*, *viri* (varão). (N.T.)

[21] No texto original, lê-se: *parentem propter institutionem*. Trata-se aqui da paternidade de Deus em relação à sua obra, à fundação da realidade existente pelo divino poder criador (N.T.).

[22] Sl 148,5. As citações literais da Sagrada Escritura são tomadas, conforme o esquema do texto o permite, da *Bíblia de Jerusalém*, São Paulo: Paulus, 2002.

[23] Sl 104(103),24.

[24] Dt 4,39.

[25] Is 40,12.

[26] Sl 104(103),32.

[27] Is 40,22.

[28] Is 40,12.

[29] Cf. Sl 104(103),5.

[30] Is 45,22.

[31] Is 42,8.

[32] Cf. Os 8,6; At 19,26.

[33] Is 66,1.

[34] Is 66,2; 11,2.

[35] Is 45,6-7.

[36] Rm 1,20.

[37] 1Tm 1,17.

[38] Rm 11,36. Na versão bíblica aqui adotada, lê-se: *tudo é dele, por ele e para ele*. O texto original da presente obra, contudo, registra: *ex ipso et per ipsum et in ipso*, o que leva a que se modifique ligeiramente a tradução (N.T.).

[39] Cf. Rm 8,21.

[40] Cf. Lc 18,19.

[41] Gn 1,31.

[42] Cf. Ex 3,14.

[43] Ml 3,6.

[44] No original, lê-se: *Hoc enim in ipso, quicquid illud potest quod est Deus, semper sit necesse est...* – uma passagem que, traduzida literalmente e supondo a elipse de um verbo, ficaria: “É, pois, necessário que sempre exista nele tudo aquilo que pode [ser] aquilo que é Deus...”. Entendo a frase como referida ao constitutivo ontológico da divindade, o que pode identificar-se com a sua essência, o seu ser divino. (N.T.)

[45] Ex 3,14 – “Eu sou aquele que é”, segundo a versão bíblica adotada.

[46] Cf. Jo 4,24.

[47] Sl 34(33),16 – “Iahweh tem os olhos sobre os justos”, segundo a versão bíblica adotada.

[48] Gn 8,21.

[49] Ex 31,18.

[50] Dt 5,15; Sl 135,12.

[51] Is 1,20.

[52] Is 66,1.

[53] 2Rs 19,16.

[54] Rm 7,14.

[55] Sl 139(138),8-10.

[56] Cf. Ex 26,1-14; 36,8-19.

[57] Cf. 1Rs 6,1-38.

[58] Jo 4,21.

[59] Jo 4,24.

[60] Cf. Sl 34(33),16.

[61] Cf. 2Rs 19,16.

[62] Cf. Ex 31,18.

[63] Cf. Gn 8,21.

[64] Cf. Dt 5,15; Sl 136(135),12.

[65] Cf. Dt 5,15; Sl 136(135),12.

[66] Cf. Is 66,1.

[67] Cf. Jo 4,24.

[68] 1Jo 4,8.

[69] 1Jo 1,5.

[70] Cf. Jo 4,24.

[71] 1Cor 2,9.

[72] Cf. Dt 4,24.

[73] Cf. Dt 4,24.

[74] Cf. Jo 4,24.

[75] Cf. Ef 2,1.

[76] Cf. Gn 2,8.

[77] Gn 2,9.

[78] Cf. Gn 2,16-17.

[79] Cf. Gn 6,8ss.; 2Pd 2,5.

[80] Cf. Gn 5,24.

- [81] Cf. Gn 17,2-4.
- [82] Cf. Gn 22,12.
- [83] Cf. Gn 30,43.
- [84] Cf. Ex 3,9-10.
- [85] Cf. Ex 13,14; 20,2.
- [86] Cf. Ex 24,12; 34,1.28; Dt 10,2.
- [87] Cf. Hb 11,9; Nm 32,11; Dt 1,35; Js 1,2.
- [88] Cf. Mt 28,19-20; Mc 16,15; Ef 4,11.
- [89] Cf. Mt 6,9; Lc 11,2.
- [90] Mt 10,29-30; Lc 12,6-7.
- [91] Cf. Dt 8,4; 29,4.
- [92] Cf. Dn 3,94. O termo “mantos” provém da versão bíblica adotada na presente tradução. O autor emprega aqui o estranho substantivo *sarabara*, tomado literalmente do texto canônico de Daniel e que remonta à língua caldeia, significando certas peças de vestuário (N.T.).
- [93] Sl 80(79),2; 98,1; Dn 3,55.
- [94] Cf. Ap 4,6ss; Ez 1,5ss; 10,1ss.
- [95] Cf. Gn 6,1.
- [96] Cf. Ez 1,15ss; 10,9.
- [97] Cf. Ez 1,18; 10,12; Ap 4,6.
- [98] Cf. Ez 1,13.
- [99] Cf. 2Pd 3,12.
- [100] Sl 68(67),18.
- [101] Rm 11,33.
- [102] Cf. Mt 1,1; Lc 3,23-38.
- [103] Gn 17,8.
- [104] Cf. Gn 32,24.
- [105] Gn 49,10 – “...até que o tributo lhe seja trazido e que lhe obedeçam os povos”, segundo a versão bíblica adotada.
- [106] Ex 4,13.
- [107] Dt 18,15.
- [108] Dt 28,66.
- [109] Is 11,1.
- [110] Is 7,14 – “Eis que a jovem está grávida”, segundo a versão bíblica adotada.
- [111] Is 35,5-6.
- [112] Is 42,2-3.
- [113] Is 55,3.
- [114] Is 55,4-5.
- [115] Is 53,7-8.
- [116] Is 53,5.
- [117] Is 53,2-3.
- [118] Is 65,2.
- [119] Is 11,10.
- [120] Os 6,3 – “...certa, como a aurora, é sua vinda”, segundo a versão bíblica adotada.
- [121] Sl 110(109),1.
- [122] Sl 2,8.
- [123] Sl 72(71),1.
- [124] Cf. Rm 14,4.

- [125] Jo 1,14.
- [126] Cf. Sl 22(21),17.
- [127] Cf. Jo 19,34.
- [128] Cf. Jo 20,27.
- [129] 1Cor 15,50.
- [130] Mt 11,27.
- [131] Cf. 1Tm 1,17.
- [132] Cf. 1Tm 2,5.
- [133] Cf. Mt 1,1.
- [134] Cf. Jo 8,58.
- [135] Cf. Mt 22,42-45.
- [136] Cf. Gl 4,4.
- [137] Cf. Mt 12,8; Mc 2,28; Lc 6,5.
- [138] Cf. Mt 27,26.
- [139] Cf. Jo 5,22.
- [140] Cf. Jo 17,5.
- [141] Rm 1,3.
- [142] Cf. Jo 1,10.
- [143] Cf. Mc 16,19; Lc 24,51; At 1,9.
- [144] Cf. Jo 6,38.63.
- [145] Cf. Jo 14,28.
- [146] Cf. At 1,11.
- [147] Os 1,7.
- [148] Cf. Is 7,14; Mt 1,23: citação feita a partir do texto do Evangelho.
- [149] Mt 28,20.
- [150] Is 35,3-6.
- [151] Hab 3,3. Na versão de Novaciano, o texto bíblico diz: “Deus ab Africo veniet et sanctus de monte opaco et condenso”; e em nossas versões: “... vem de Temã, e o Santo do monte Farã”. A respeito das localidades mencionadas, Temã e Farã, a nota da *Bíblia de Jerusalém, loc. cit.* esclarece: “Esta visão épica evoca em vários pontos a marcha triunfal de Iahweh à frente de seu povo por ocasião do Êxodo, tipo da libertação futura. Iahweh avança do Sinai para Canaã, pelo sudoeste da Palestina, região donde vêm também as tempestades. Sua aproximação é descrita sob o aspecto de nuvem de tempestade”. Em todo caso, fale a Escritura de África ou de Temã, a Novaciano interessa que nela uma localidade do sul – ao sul de Belém – atesta a verdade do nascimento de Cristo.
- [152] Cf. Lc 2,6-7.
- [153] Jo 1,14.
- [154] Ap 19,13.
- [155] Sl 45(44),2 – “... num belo poema”, segundo a versão bíblica adotada, aqui adaptada para conservar o texto em torno às noções de verbo/palavra, com as quais trabalha Novaciano.
- [156] Sl 45(44),2 – “eu dedico...”, segundo a versão bíblica adotada.
- [157] Jo 1,3.
- [158] Cl 1,16.
- [159] Jo 1,11.
- [160] Jo 1,10.
- [161] Jo 1,1.
- [162] Jo 1,14.
- [163] Sl 19(18),6-7.
- [164] Jo 3,13 – o texto entre colchetes não consta da versão bíblica adotada.

[165] Jo 17,5.
[166] Cf. 1Rs 8,39.
[167] Cf. Mt 9,4; Jo 2,25.
[168] Cf. Mt 9,2; Mc 2,5; Lc 5,20.
[169] Cf. Jo 3,13.
[170] Jo 10,30.
[171] Jo 20,28.
[172] Rm 9,5.
[173] Gl 1,1.
[174] Cf. Gl 1,11-12.
[175] Jo 1,3.
[176] Jo 1,3.
[177] Jo 1,3.
[178] Cf. Jo 1,3.
[179] Jo 1,11.
[180] Jo 1,10.
[181] Rm 1,3.
[182] Jo 1,14.
[183] Jo 1,14.
[184] Jo 3,31-32.
[185] Cl 1,16.
[186] Cf. Mt 18,20; Rm 10,12-13.
[187] Cf. 1Cor 15,19; 1Tm 1,1.
[188] Cf. Jr 17,5.
[189] Cf. Mt 10,33.
[190] Cf. Mt 6,14-15; 18,35; Mc 11,25; 1Sm 2,25.
[191] Jo 1,15.
[192] Jo 5,19.
[193] Jo 5,26.
[194] Jo 6,51 – “Eu sou o pão vivo...”, segundo a versão bíblica adotada.
[195] Jo 6,46.
[196] Jo 1,18; 1Jo 4,12; cf. 1Tm 6,16.
[197] Jo 6,62.
[198] Jo 1,3.
[199] Jo 8,14-15.
[200] Jo 8,14-15.
[201] Jo 8,23.
[202] Jo 8,23.
[203] Jo 8,23.
[204] Jo 8,42.
[205] Sl 45(44),2 – “... num belo poema”, segundo a versão bíblica adotada.
[206] Jo 1,1.
[207] Jo 1,3.
[208] Jo 1,1.
[209] Jo 8,51.
[210] Jo 8,51.
[211] Jo 8,58.

[212] Jo 10,27-28.

[213] Jo 10,30.

[214] Cf. Jo 10,33.

[215] Cf. Jo 10,31.

[216] Jo 10,35-36.

[217] Cf. Jo 10,36.

[218] Cf. Jo 10,32.

[219] Jo 10,36.

[220] Jo 10,30.

[221] Jo 11,26; 6,40.

[222] Cf. Jr 17,5.

[223] Cf. Jo 16,14.

[224] O texto entre colchetes corresponde à recensão da *editio princeps* do presente livro de Novaciano, obra de Mesnart [B], que apareceu em Paris, em meados do século XVI, e que, apesar da passagem controvertida, que menciona a divindade do Espírito Santo (*deus non minor*), sem paralelos claros no restante do livro, foi incorporada ao conjunto da edição que se segue nesta tradução, em paralelo com a recensão que se consagrou, a saber, a de Ghelen [Gel], praticamente contemporânea à primeira, e oriunda de Basileia, na qual, contrariamente à anterior, se afirma de modo contundente a inferioridade do Paráclito em relação a Cristo. O editor atual, que optou por manter lado a lado as duas leituras, adverte-nos quanto a isso: “A leitura de B chamando *deus* ao Espírito Santo parece, pelo menos, estranha, já que Novaciano não o chama dessa maneira nem sequer no capítulo 29, dedicado ao Espírito, nem tampouco lhe aplica o termo *persona*. Por outro lado, se, no texto de Gel, é ressaltada tão fortemente a inferioridade do Espírito, isso não deve desorientar o leitor”, pois “para que o argumento (de Novaciano) prove (a divindade de Cristo) deve-se admitir também a divindade do Espírito Santo”. Esta inferioridade se há de ler, portanto, na linha daquele subordinacionismo pré-niceno, próprio dos apologistas do século II, segundo o qual Cristo é igualmente inferior ao Pai, e que levava em consideração uma linguagem bíblica anterior à precisão característica das afirmações metafísicas, que ganhariam terreno a partir do século IV.

A seguir, a tradução do trecho conforme Gel:

“Porém, se de Cristo recebeu o que anuncia, [logo, Cristo é, além disso, maior que o Paráclito, uma vez que o Paráclito não receberia de Cristo se não fosse menor que ele. Ora, pelo fato mesmo de o Paráclito ser menor que Cristo se prova que Cristo, de quem ele recebe o que anuncia, é também Deus, e assim é grande o testemunho da divindade de Cristo, enquanto o Paráclito, que se mostra menor que Cristo, dele recebe] o que aos outros entrega...”

[225] Jo 17,3.

[226] Jo 17,5.

[227] Cf. Dt 4,2; 12,32; Pr 30,6; Ecl 3,14; Ap 22,18-19.

[228] Jo 1,3.

[229] Cf. Hb 1,4ss.

[230] Jo 1,3.

[231] Sl 45(44),2.

[232] Cf. Gn 1,3.

[233] Cf. Gn 1,6-8.

[234] Cf. Gn 1,9.

[235] Cf. Gn 1,11-12.

[236] Cf. Gn 1,20-22.

[237] Cf. Gn 1,14-18.

[238] Jo 1,3.

[239] Sl 45(44),2 – “...num belo poema”, segundo a versão bíblica adotada.

[240] Jo 1,14.

[241] Gn 1,26.

[242] Gn 1,27.

- [243] Jo 1,3.
[244] Jo 1,14.
[245] Cf. Gn 1,27.
[246] Gn 11,7.
[247] Dt 32,8 – “...dos filhos de Deus”, segundo a versão bíblica adotada.
[248] Ef 4,10.
[249] Jo 1,14.
[250] Cf. Gn 12,7; 18,1.
[251] Cf. Ex 33,20.
[252] Jo 1,18; 1Jo 4,12.
[253] 1Tm 6,16.
[254] Cl 1,15.
[255] Cf. Cl 1,15.
[256] Jo 1,14.
[257] Cf. Gn 16,7-12.
[258] Is 9,5 – “Conselheiro maravilhoso”, segundo a versão bíblica adotada.
[259] Gn 18,1.
[260] Cf. Gn 18,2-10.
[261] Cf. Gn 18,16-32.
[262] Gn 19,24.
[263] Am 4,11.
[264] Cf. Gn 12,7; 18,1.
[265] Cf. Gn 18,3-8.
[266] Gn 19,24.
[267] Jo 1,14.
[268] Cf. Jo 8,58.
[269] Cf. Gn 21,14-20.
[270] Gn 21,17.
[271] Gn 21,17.
[272] Gn 21,17-18 – “...pois Deus ouviu os gritos...”, segundo a versão bíblica adotada.
[273] Gn 21,18.
[274] Gn 21,19-20, lido na versão dos LXX, que acrescenta “poço de água viva”.
[275] Is 9,5 – “Conselheiro maravilhoso”, segundo a versão bíblica adotada.
[276] Cf. Jo 1,18.
[277] Cf. Jo 1,14.
[278] Cf. Gn 31,4-11.
[279] Gn 31,11-13 – o texto entre colchetes falta na versão bíblica adotada.
[280] Gn 31,13 – “no lugar de Deus”, diz o texto seguido por Novaciano.
[281] Gn 31,13.
[282] Gn 31,13.
[283] Gn 31,13.
[284] Gn 32,25-29.
[285] Gn 32,31-32 – O texto de Novaciano traduz diretamente o termo hebraico “Fanuel” por *visão de Deus* (*visio Dei*): “... deu a este lugar o nome de *visão de Deus* (...) Nascendo o sol, ele tinha passado (a) *visão de Deus*...”
[286] Gn 32,29.
[287] Gn 32,29.
[288] Gn 32,31.

[289] Cf. Gn 48,14.

[290] Gn 48,15-16.

[291] Gn 48,16.

[292] Cf. Gn 48,14.

[293] Cf. Fl 2,10.

[294] Cf. Ef 1,21-22.

[295] Cf. Sl 82(81),6.

[296] Cf. Hb 1,4ss.

[297] Sl 82(81),1.

[298] O termo usado por Novaciano é *synagoga*, tanto para o texto do salmo como para o que segue. Em português, não se pode empregá-lo, porém, a não ser no sentido estrito e técnico, que não caberia na citação do salmo (N.T.).

[299] Sl 82(81),2.

[300] Cf. Sl 82(81),6.

[301] Sl 82(81),7 – “caireis como qualquer, ó príncipes”, segundo a versão bíblica adotada.

[302] Cf. Sl 82(81),6.

[303] Ex 7,1.

[304] Jo 3,34-35.

[305] Jo 2,19.

[306] Jo 10,18.

[307] Cf. Jo 1,1-2.

[308] Jo 1,3.

[309] Cf. Jo 5,19.

[310] Cl 1,15.

[311] Jo 3,31-32.

[312] Cf. Jo 6,38-39.

[313] Is 9,5.

[314] Cf. Jo 1,14.

[315] Cl 1,15.

[316] 1Tm 2,5.

[317] Cl 2,15 – “Na cruz despojou os Principados...”, segundo a versão bíblica utilizada.

[318] Gn 49,11.

[319] Fl 2,6-11.

[320] Fl 2,6.

[321] Cf. Gn 1,26-27.

[322] Cf. Jo 5,19.

[323] Fl 2,6.

[324] Fl 2,9.

[325] Cf. Fl 2,10.

[326] Cf. Fl 2,10.

[327] Cf. Cl 1,16; Ef 1,21-22.

[328] Cf. Fl 2,6.

[329] Cf. Fl 2,7.

[330] Cf. Fl 2,9.

[331] Cf. Fl 2,10.

[332] Cf. Fl 2,11.

[333] Fl 2,8.

[334] 1Tm 2,5.

- [335] Cf. Jo 1,14.
- [336] Cf. Ef 1,9.
- [337] Cf. 2Tm 1,9.
- [338] Jo 1,14.
- [339] Mt 1,23; Is 7,14: citação feita a partir do texto do Evangelho.
- [340] Lc 1,35 – As expressões entre colchetes não figuram na versão bíblica adotada, mas constam do texto bíblico usado por Novaciano e tomarão parte em sua argumentação.
- [341] Lc 1,35.
- [342] Lc 1,35.
- [343] Lc 1,35.
- [344] Lc 1,35.
- [345] Jo 1,14.
- [346] Mt 10,28.
- [347] Lc 20,38.
- [348] Gn 1,26.
- [349] Gn 1,27.
- [350] Gn 19,24.
- [351] Sl 2,7-8.
- [352] Sl 110(109),1.
- [353] Is 45,1 – “Ao Cristo, meu Senhor”, no texto de Novaciano.
- [354] Jo 6,38.
- [355] Jo 14,28 – “Quem me enviou é maior do que eu”, no texto de Novaciano.
- [356] Jo 20,17.
- [357] Jo 8,17-18.
- [358] Jo 12,28.
- [359] Mt 16,16.
- [360] Mt 16,17.
- [361] Jo 17,5.
- [362] Jo 11,42.
- [363] Jo 17,3-4.
- [364] Mt 11,27; Lc 10, 22.
- [365] Cf. Sl 110(109),1; Mc 16,19; Hb 1,3.
- [366] Jo 1,3.
- [367] Cf. Jo 6,38.
- [368] Cf. Mt 11,27; Lc 10,22.
- [369] Jo 10,30 – “...somos um”, embora se necessite aqui da paráfrase para dar a entender, em português, a peculiaridade do gênero neutro *unum* frente ao masculino *unus*.
- [370] O adjetivo “disposto” e o substantivo “disposição” fazem referência, em Novaciano, ao que se costuma chamar de *economia* da salvação, ou seja, a ação *ad extra* das Pessoas divinas, através da qual se manifestam ao mundo e dão a conhecer o seu mistério. (N.T.)
- [371] *Uma coisa só: unum*, no texto latino.
- [372] *Um só: unus*, no latim.
- [373] Ver n. 371, acima.
- [374] 1Cor 3,6-8 – O texto final da citação, segundo a versão bíblica aqui adotada, é “aquele que planta e aquele que rega são iguais entre si”. A versão utilizada por Novaciano, que seguimos acima, oferece-lhe, porém, ocasião de valer-se do emprego de expressão análoga à que vinha discutindo anteriormente, a saber, o neutro *unum* como indicador de uma unidade supraindividual: *qui autem plantat et qui rigat unum sunt* (N.T.).
- [375] *Um só indivíduo: unus*.

[376] *Uma coisa só: unum.*

[377] Ver nota 376.

[378] Jo 10,33.

[379] Jo 10,36.

[380] Jo 10,36.

[381] Jo 14,9.

[382] Jo 14,8.

[383] Jo 14,7.

[384] Jo 14,6.

[385] Is 9,5.

[386] Is 8,3.

[387] Is 9,5 – “E será chamado Anjo do grande Conselho”, segundo o texto usado por Novaciano.

[388] Is 53,7.

[389] Is 65,2.

[390] Sl 69(68),22.

[391] Sl 22(21),19.18.17 – “furaram”, de acordo com o texto de Novaciano. A versão da Bíblia de Jerusalém traduz este versículo como oração final: “(cercam-me...) *como para retalhar* minhas mãos e meus pés”.

[392] Jo 14,7.

[393] Cf. Jo 5,19.

[394] Jo 14,12.

[395] Jo 14,15-16.

[396] Jo 14,23.

[397] Jo 14,26 – O trecho entre colchetes falta na versão bíblica de Novaciano.

[398] Jo 14,28.

[399] Jo 15,1-2.

[400] Jo 15,9-10.

[401] Jo 15,15.

[402] Jo 15,21.

[403] Mt 5,8.

[404] Cf. Mt 5,8.

[405] At 2,17; cf. Jl 3,1-2.

[406] Jo 20,22-23.

[407] Cf. Jo 14,16.26; 15,26; 16,7.

[408] Cf. Jo 14,17; 15,26; 16,13.

[409] Cf. Rm 12,6; 1Cor 12,4.

[410] 2Cor 4,13.

[411] Jo 14,16-17.

[412] Jo 15,26.

[413] Jo 16,7.

[414] Jo 16,13 – “na verdade plena”, conforme a versão bíblica aqui adotada.

[415] Cf. Jo 14,18.

[416] Cf. 1Cor 12,8-11.28.

[417] Cf. Mt 3,16; Mc 1,10; Lc 3,22.

[418] Cf. Jo 1,33.

[419] Cf. Jo 3,34.

[420] Is 11,2.

[421] Is 61,1.

[422] Sl 45(44),8.
[423] Rm 8,9.
[424] 2Cor 3,17.
[425] Ef 1,14.
[426] Cf. 1Cor 3,16-17; 2Cor 6,16.
[427] Cf. Ef 2,22.
[428] Rm 8,26.
[429] Cf. Gl 5,17.
[430] 1Cor 2,12.
[431] 1Cor 7,40.
[432] 1Cor 14,32 – Na versão bíblica aqui seguida, a expressão se acha no plural: “Os espíritos dos profetas...”
[433] 1Tm 4,1-2.
[434] 1Cor 12,3.
[435] Mt 12,31; Mc 3,29; Lc 12,10.
[436] Cf. 2Cor 11,2.
[437] Cf. Mt 27,38; Mc 15,27; Lc 23,33; Jo 19,18.
[438] Is 43,11; 45,21; Os 13,4.
[439] Is 44,6-7.
[440] Is 40,12.
[441] Is 37,20; 2Rs 19,19.
[442] Mt 19,17; Mc 10,18; Lc 18,19. Outra leitura, tomada de Marcos e Lucas: *Por que me chamas bom? Ninguém é bom senão Deus*. O texto de Novaciano oferece a resposta: *unus Deus bonus* (“o Bom é o único Deus”).
[443] 1Tm 6,16.
[444] Gl 3,20.
[445] Cf. 1Tm 1,15.
[446] Jo 1,1.2.
[447] Jo 1,14.
[448] Jo 20,28.
[449] Rm 9,5.
[450] Gl 3,20.
[451] Jo 20,28.
[452] Dt 6,4; Ef 4,5.
[453] Mt 23,8.10.
[454] Cf. 2Tm 1,11.
[455] Cf. Mt 19,17; Mc 10,18; Lc 18,19.
[456] Cf. Mt 19,16; Mc 10,17; Lc 18,18.
[457] Cf. Jo 10,11.
[458] Cf. Is 53,8; Mt 11,27.
[459] Jo 1,3.
[460] Jo 1,3.
[461] Cf. Cl 1,17.
[462] Cf. Mt 12,30.
[463] Cf. Jo 7,28.
[464] Cf. Jo 6,38.
[465] Cf. Is 9,5.
[466] Cf. 1Cor 15,25-28.
[467] 1Tm 2,5.

OS ESCRITOS ÉTICOS E AS CARTAS DE NOVACIANO

[1] *De viris illustribus* 70 [TU 14/1,39]: “Novatianus [...] [s]cripsit autem *De pascha, De sabbato, De circumcissione, De sacerdote, De oratione, De cibis iudaicis, De instantia, De Attalo*, multa que alia et *De trinitate grande volumen*.” O Estridonense também fala das cartas de Novaciano (cf. *ep.* 10,3 [CSEL 54,38]), mas, aqui, refere-se às cartas conservadas no *corpus* epistolar de Cipriano ou a outras que não se conservaram?

[2] Cf. G.F. DIERCKS, CCL 4,v e xi. Ver também R.J. DESIMONE, OSA, “General Introduction”, em NOVATIAN, *The Trinity, The Spectacles, Jewish Foods, In Praise of Purity, Letters*, The Catholic University of America Press, 1974, 1-10, p. 7.

[3] Cf. EUSÉBIO DE CESAREIA, *Historia ecclesiastica* 6,43,1-22 [PatrPaulus 15, 2000, 333-9], que reporta informações de Dionísio de Alexandria e uma carta de Cornélio a Fábio de Antioquia. O teor dessas informações, embora muito mais mitigadamente, coincide com algumas afirmações constantes na correspondência de Cipriano de Cartago, particularmente com Cornélio; vejam-se, por exemplo, CIPRIANO, *ep.* 44 e 45 [CCL 3B/1,211-23], 49 e 50 [231-9], 55,1-5 [256-61]. Detalhes acerca da vida de Novaciano são exíguos; todavia, para sua biografia – e escritos –, além das obras indicadas na “Introdução” ao *De trinitate* (acima, p. 11-3, n. 1), vejam-se R.J. DESIMONE, OSA, “General Introduction”, em NOVATIAN, *The Trinity, The Spectacles, Jewish Foods, In Praise of Purity, Letters*, The Catholic University of America Press, 1974, p. 1-10; G.F. DIERCKS, “Novatien et son temps”, CCL 4,viii-xiii; J. QUASTEN, *Patrologia*, Genova/Milano: Marietti, 2000, vol. 1, p. 464-81; H.J. VOGT, “Novaciano”, DPAC, p. 1012-2; M. SIMONETTI/E. PRINZIVALLI, *Storia della letteratura cristiana antica*, Casale Monferrato: Piemme, 2005³, 194-8; H.J. VOGT, “Novaziano”, em S. DÖPP/W. GEERLINGS, *Dizionario di letteratura cristiana antica*, Vaticano/Roma: Urbaniana Press/Città Nuova, 2006, 632-4; P. MATTEI, “Novaziano”, em A. DI BERARDINO *et alii* (org.), *Letteratura patristica*, Cinisello Balsamo: San Paolo, 2007, 899-902. Nessas obras o leitor encontrará quem afirme que o cisma de Novaciano teve origem em divergências disciplinares e evoluiu em desafetos pessoais, e quem afirme o contrário, que dos desafetos pessoais evoluiu em divergências disciplinares. As considerações destas páginas baseiam-se fundamentalmente nessa bibliografia.

[4] JERÔNIMO, *De viris illustribus* 70 [TU 14/1,39], referindo-se ao *De trinitate*, diz: “quod plurimi nescientes Cypriani aestimant”. Ver também bibliografia à nota precedente (3).

[5] Cf. C. MORESCHINI/E. NORELLI, *Manuale di letteratura cristiana antica greca e latina*, Brescia: Morcelliana, 1999, p. 186.

[6] Cf. G.F. DIERCKS, CCL 4,xi. A esse respeito, veja-se, particularmente, J.L. PAPANDREA, *Novatian of Rome and the Culmination of Pre-Nicene Orthodoxy*, Wipf & Stock, 2011.

[7] Ver indicação acima, n. 1.

[8] Cf. NOVACIANO, *Os alimentos dos judeus* 1,1-4 e 1,7; *Os espetáculos* 1,1-2; *O bem da castidade* 1,1-2.

[9] Provavelmente os títulos citados por Jerônimo (ver, acima, n. 1) também fossem todos cartas (cf. J. QUASTEN, *op. cit.*, 469-70). Quanto à tradição dos textos e manuscritos, vejam-se J. QUASTEN, *op. cit.*, 471-5; detalhes em G.F. DIERCKS, CCL 4,80-7; 104-11 e 154-65.

[10] *Os alimentos dos judeus* 1,2; *Os espetáculos* 1,1; *O bem da castidade* 1,2.

[11] Veja-se, abaixo, p. 145.

[12] Sobre o Papa Fabiano e seu empenho organizacional, ver A. DI BERARDINO, “Fabiano, Papa”, DPAC, 561. Veja-se, também, V. SAXER, “La missione: l’organizzazione della chiesa nel III secolo”, em C. e L. PIETRI, *Storia del cristianesimo. Religione-Politica-Cultura*, vol. 2: *La nascita di una cristianità (250-430)*, ed. italiana a cura di A. Di Berardino, Borla/Città Nuova, 2000, 53-85, p. 73-4.

[13] Ou por seu predecessor (cf. DIERCKS, CCL 4,ix, n. 9).

[14] A uma “paróquia” (*titulus*), talvez? Sobre os *Tituli*, ver V. SAXER, “Título (Titulus)” (6), DPAC, 1370; e *Id.*, “La missione: l’organizzazione della chiesa nel III secolo”, *op. cit.*, p. 73-4.

[15] Ainda que, em seu aparato de notas, a edição crítica de G.F. Diercks (CCL 4), a respeito do *De spectaculis* e do *De pudicitia*, não faça qualquer referência a Tertuliano, não se deve excluir a possibilidade de que as obras homônimas desse escritor cartaginês tenham sido do conhecimento de Novaciano. Infelizmente, quem subscreve não conseguiu fazer uma leitura comparativa entre ambos antes do envio deste volume ao prelo.

[16] Isto é, nos referidos escritos sobre a circuncisão, sobre o sábado e neste sobre os alimentos, ou os animais, puros e impuros, segundo as prescrições da Lei.

[17] Cf. G.F. DIERCKS, CCL 4,xii-xiii.

[18] Sobre Filipe, o Árabe, e o cristianismo, ver M. SORDI, *I cristiani e l'impero romano*, Milano: Jaca Book, 1984, 102ss; e, quanto a sua celebração do aniversário milenar de Roma, a breve, mas útil, reflexão de P. SINISCALCO/P. MATTEI, “Introduzione”, em *Cipriano di Cartagine. L'unità della Chiesa*, EDS/Edizioni San Clemente, 2006, 14-5.

[19] *O bem da castidade* 1,2: “O que de mais adequado aos deveres de um bispo se pode achar, do que o fato de os fiéis poderem chegar, por meio da doutrina por ele transmitida e ensinada no tocante às palavras do Senhor, ao prometido Reino dos céus? Faço grandes esforços, por certo, para observar essa consagrada ocupação cotidiana, tanto de meu trabalho como de meu cargo [...]”

[20] Cf. G.F. DIERCKS, CCL 4,XIII.

[21] Cf. R.J. DESIMONE, OSA, “General Introduction”, em NOVATIAN, *The Trinity, The Spectacles, Jewish Foods, In Praise of Purity, Letters*, The Catholic University of America Press, 1974, 1-10, p. 1, n. 1. Em sua edição crítica, G.F. DIERCKS, CCL 4,181-250, preferiu conservar a numeração das cartas do *corpus* epistolar de Cipriano.

[22] G.F. DIERCKS, CCL 4,XII.

[23] CIPRIANO, *ep.* 55,5,2 [CCL 3B/1,261: “Additum est etiam Nouatiano tunc scribente et quod scripserat sua uoce recitante [...]”, referindo-se à *ep.* 30 (=Novaciano, *ep.* 1), conservada entre as cipriânicas.

[24] G.F. DIERCKS, CCL 4,IX, n. 12.

[25] Acerca dos lapsos, veja-se “Introdução” à obra homônima, em Cipriano de Cartago, *Obras completas I* [PatrPaulus 36, 2016]. O leitor encontrará aí indicações quanto ao que segue no texto.

[26] Veja-se G.F. DIERCKS, CCL 4,x.

OS ALIMENTOS DOS JUDEUS

- [1] Cf. 1Cor 15,1.
- [2] Cf. Gl 5,7.
- [3] Cf. Mt 26,41.
- [4] Ef 6,12.
- [5] Fl 3,14.
- [6] Cf. Gn 1,31.
- [7] Cf. Gn 1,29.
- [8] Cf. Gn 3,17.
- [9] Cf. Gn 9,3.
- [10] Lv 11,4.
- [11] Lv 11,10.
- [12] Cf. Lv 11,13.
- [13] Gn 1,31.
- [14] Cf. Gn 1,22.
- [15] Cf. Gn 7,2-3.
- [16] Cf. Lv 11,3-4.
- [17] Lv 11,4.
- [18] Cf. Lv 11,7.
- [19] Cf Lv 11,6.
- [20] Cf. Lv 11,29.
- [21] Cf. Lv 11,13-16.
- [22] Cf. Lv 11,15.
- [23] Cf. Lv 11,16.
- [24] Cf. Lv 11,18.
- [25] Cf. Lv 11,19.
- [26] Rm 10,4.
- [27] Tt 1,15.
- [28] 1Tm 4,14-15.
- [29] 1Tm 4,1-3.
- [30] 1Cor 10, 25.
- [31] Cf. Rm 14,7.
- [32] 1Cor 6,13.
- [33] Cf. Mt 15,17; Mc 7,19.
- [34] Dt 8,3.
- [35] Jo 4,34.
- [36] Jo 6,26-27.
- [37] Zc 7,6.
- [38] Cf. Cl 2,18-19; 3,14.
- [39] Cl 2,21.23.
- [40] Cf. Mt 5,3-6.
- [41] Cf. Lc 6,24.
- [42] Cf. Lc 16,19ss.
- [43] 1Tm 6,8.
- [44] Cf. 1Tm 6,10.
- [45] Cf. 1Cor 10,21-22.

OS ESPETÁCULOS

[1] Cf. 2Rs 2,12.

[2] Cf. 2Sm 6,14.

[3] Cf. 2Sm 6,5; 1Cr 15,28-29; Sl 32(33),2; 1Mc 13,51.

[4] Cf. Ef 6,12; 1Cor 9,26.

[5] Cf. 1Cor 9,24-25.

[6] Cf. Gn 1.

[7] Cf. Gn 2.

[8]8 Cf. Gn 6 e 7.

[9]9 Cf. Ex 14,21-22.

[10] Cf. Ex 17,6.

[11] Cf. Ex 16,4.

[12] Cf. Js 3,15-17.

[13] Cf. Dn 3,23.

[14] Cf. Dn 6,22; 1Mc 6,20.

[15] Cf. 2Rs 4,35.

[16] Cf. Ez 37,1-11.

O BEM DA CASTIDADE

- [1] Cf. Jo 1,13
- [2] Cf. 2Cor 11,2.
- [3] Cf. Mt 19,6.
- [4] 1Cor 11,3.
- [5] Ef 5,28-29.
- [6] Cf. Mt 5,32.
- [7] Cf. Lv 20,10.
- [8] Cf. 1Ts 4,3.
- [9] Cf. 1Cor 6,15.
- [10] Cf. 1Cor 5,5.
- [11] Cf. 1Cor 6,9.
- [12] Cf. 1Cor 6,18.
- [13] Cf. Gn 39,7-41,42.
- [14] Cf. Dn 13.

CARTA 1

[1] Cf. CIPRIANO, *ep.* 55,5,2.

[2] *Timão do governo*: literalmente, *timão das deliberações* (*gubernaculum consiliorum*).

[3] Rm 1,8.

[4] Os *libelli* que atestavam a realização do sacrifício. A esse respeito, ver “Introdução” a *Os lapsos*, em CIPRIANO, *Obras completas* [PatrPaulus 35/1, 2016].

[5] Isto é, por terem declarado ter feito o sacrifício, quando, na verdade, não o fizeram. A esse respeito, ver “Introdução” a *Os lapsos*, em CIPRIANO, *Obras completas* [PatrPaulus 35/1, 2016].

[6] Ver CIPRIANO, *ep.* 28,2,1 (a ser publicada em breve nesta coleção), em que se cita a mesma carta evocada por Novaciano, mas que não chegou até nós.

[7] No *corpus* epistolar de Cipriano, parece não haver notícia desta carta.

[8] O Papa Fabiano foi martirizado em 20 de janeiro de 250. O novo bispo de Roma, Cornélio, só será eleito ao final da perseguição de Décio, pouco mais de um ano mais tarde.

[9] Isto é, tratar a questão de modo conciliar, ou sinodal.

[10] Cf. Mt 7,7-8.

[11] Cf. 1Pd 3,16.

[12] Cf. Ef 6,16.

[13] Ou da reconciliação. É muito possível que a expressão se refira a uma celebração ou rito em que um pecador público fosse readmitido, mediante procedimentos disciplinares já instituídos, como o texto dá a entender em seguida, à comunhão eclesial.

[14] Mt 18,32.

[15] Mt 10,33.

[16] Cf. Mt 22,2-13.

[17] Cf. 2Pd 2,4.

[18] Cf. 1Tm 6,16.

CARTA 2

[1] Cf. CIPRIANO, *ep.* 10 ou 20 ou 28.

[2] Cf. Mt 10,32.

[3] Mt 10,37-38.

[4] Mt 5,10-12.

[5] Mt 10,18.21-22.

[6] Ap 3,21.

[7] Rm 8,35-37.

[8] Cf. Ef 6,13-14.16-17; 1Ts 5,8.

[9] Vítimas de sacrifício certo: *hostiae destinati* no original. Entendo *destinatum* enquanto *pro re destinata* (cf. *sub voce* “Destino”, E. FORCELLINI, *Lexikon Totius Latinitatis*, Padova, 1940, vol. 4, p. 92), neste caso, o sacrifício.

[10] *Extorquir a paz*: obter ilicitamente o bilhete de reconciliação, de readmissão à comunhão.

[11] Cf. Mt 7,6.

CARTA 3

[1] Cf. CIPRIANO, *ep.* 35, ou 34, ou mesmo 27.

[2] Isto é, a reconciliação, a readmissão à comunhão.

[3] Cf. CIPRIANO, *ep.* 35. Segundo G.F. Diercks (CCL 3B/1,176, n. 72/73), Novaciano se refere a uma carta escrita pelos lapsos *ecclesiae nomine*.

[4] Sobre Privato de Colônia Lambesitana, ver CIPRIANO, *ep.* 59,10.

Hildegarda de Bingen

Scivias

(Scito Vias Domini)

Conhece os caminhos do Senhor



Scivias

de Bingen, Hildegarda

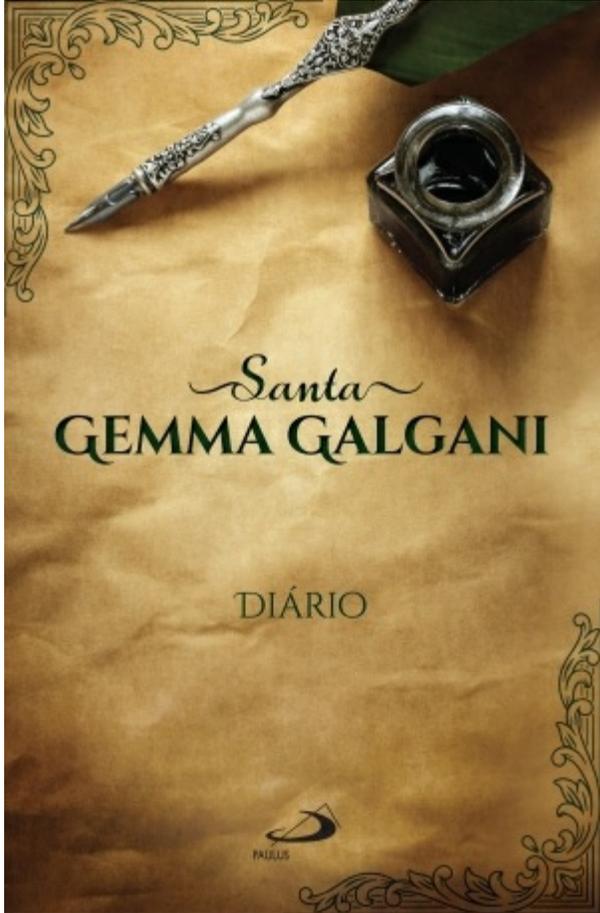
9788534946025

776 páginas

[Compre agora e leia](#)

Scivias, a obra religiosa mais importante da santa e doutora da Igreja Hildegarda de Bingen, compõe-se de vinte e seis visões, que são primeiramente escritas de maneira literal, tal como ela as teve, sendo, a seguir, explicadas exegeticamente. Alguns dos tópicos presentes nas visões são a caridade de Cristo, a natureza do universo, o reino de Deus, a queda do ser humano, a santificação e o fim do mundo. Ênfase especial é dada aos sacramentos do matrimônio e da eucaristia, em resposta à heresia cátara. Como grupo, as visões formam uma summa teológica da doutrina cristã. No final de Scivias, encontram-se hinos de louvor e uma peça curta, provavelmente um rascunho primitivo de Ordo virtutum, a primeira obra de moral conhecida. Hildegarda é notável por ser capaz de unir "visão com doutrina, religião com ciência, júbilo carismático com indignação profética, e anseio por ordem social com a busca por justiça social". Este livro é especialmente significativo para historiadores e teólogas feministas. Elucida a vida das mulheres medievais, e é um exemplo impressionante de certa forma especial de espiritualidade cristã.

[Compre agora e leia](#)



Santa Gemma Galgani - Diário

Galgani, Gemma

9788534945714

248 páginas

[Compre agora e leia](#)

Primeiro, ao vê-la, causou-me um pouco de medo; fiz de tudo para me assegurar de que era verdadeiramente a Mãe de Jesus: deu-me sinal para me orientar. Depois de um momento, fiquei toda contente; mas foi tamanha a comoção que me senti muito pequena diante dela, e tamanho o contentamento que não pude pronunciar palavra, senão dizer, repetidamente, o nome de 'Mãe'. [...] Enquanto juntas conversávamos, e me tinha sempre pela mão, deixou-me; eu não queria que fosse, estava quase chorando, e então me disse: 'Minha filha, agora basta; Jesus pede-lhe este sacrifício, por ora convém que a deixe'. A sua palavra deixou-me em paz; repousei tranquilamente: 'Pois bem, o sacrifício foi feito'. Deixou-me. Quem poderia descrever em detalhes quão bela, quão querida é a Mãe celeste? Não, certamente não existe comparação. Quando terei a felicidade de vê-la novamente?

[Compre agora e leia](#)



DOCAT

Vv.Aa.

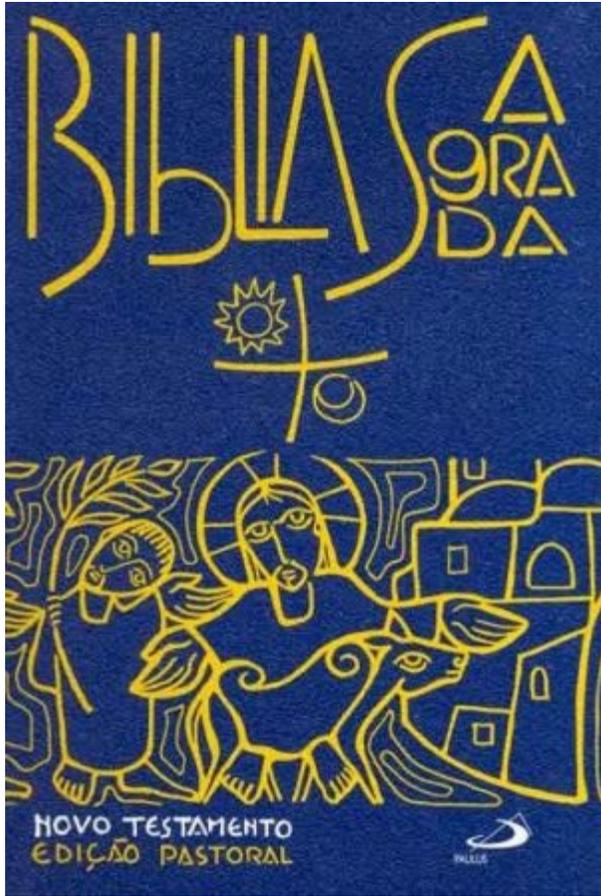
9788534945059

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

Dando continuidade ao projeto do YOUCAT, o presente livro apresenta a Doutrina Social da Igreja numa linguagem jovem. Esta obra conta ainda com prefácio do Papa Francisco, que manifesta o sonho de ter um milhão de jovens leitores da Doutrina Social da Igreja, convidando-os a ser Doutrina Social em movimento.

[Compre agora e leia](#)



Bíblia Sagrada: Novo Testamento - Edição Pastoral

Vv.Aa.

9788534945226

576 páginas

[Compre agora e leia](#)

A Bíblia Sagrada: Novo Testamento - Edição Pastoral oferece um texto acessível, principalmente às comunidades de base, círculos bíblicos, catequese e celebrações. Com introdução para cada livro e notas explicativas, a proposta desta edição é renovar a vida cristã à luz da Palavra de Deus.

[Compre agora e leia](#)

LEE MARTIN McDONALD

A origem da Bíblia

Um guia para os perplexos



A origem da Bíblia

McDonald, Lee Martin

9788534936583

264 páginas

[Compre agora e leia](#)

Este é um grandioso trabalho que oferece respostas e explica os caminhos percorridos pela Bíblia até os dias atuais. Em estilo acessível, o autor descreve como a Bíblia cristã teve seu início, desenvolveu-se e por fim, se fixou. Lee Martin McDonald analisa textos desde a Bíblia hebraica até a literatura patrística.

[Compre agora e leia](#)

Índice

Rosto	2
APRESENTAÇÃO	7
SIGLAS E ABREVIATURAS	9
INTRODUÇÃO	10
Breve biografia de Novaciano	11
A obra: A Trindade	12
Título	13
Data de composição	14
Conteúdo	15
A TRINDADE – NOVACIANO	17
Deus, Pai Criador, e a beleza de sua criação	17
O homem, criado livre, pecou e foi penalizado	18
A criação é disposta ordenadamente	19
Deus, infinito e eterno, abarca tudo e está acima de tudo	20
A dificuldade de a mente ver a Deus	22
Algumas descrições de Deus nas Escrituras	23
Deus é único – Só ele é bom	25
Único imutável	26
Único infinito	27
Único imortal	28
A incorruptibilidade de Deus	29
A linguagem das Escrituras facilita a compreensão humana de Deus	30
Partes do corpo significam poderes de Deus	31
Como entender que Deus é Espírito	32
A providência divina	33
Cristo: o ápice da providência	34
Providência individual e providência comunitária	35
A existência como carro de Deus	36
O Filho – Prometido no Antigo Testamento	37
A inutilidade de um Cristo imaginário	39
A verdade e o significado da encarnação do Verbo	40
Cristo, Filho de Deus e Filho do homem	41

As duas naturezas de Cristo nas Escrituras	43
A divindade de Cristo no Antigo Testamento	44
A divindade de Cristo no Novo Testamento	46
Tudo foi feito por Cristo	48
Os hereges estejam atentos às Escrituras	49
O Cristo procede de Deus	51
O Cristo não é deste mundo	52
Cristo promete imortalidade e eternidade	53
O Cristo e o Pai são um	54
O destino dos que creem em Cristo	55
O Paráclito é enviado pelo Cristo	56
Embora sendo um com o Pai, o Cristo é enviado por Ele	57
Antes da Encarnação, o Cristo estava na glória do Pai	58
Antigo e Novo Testamentos concordam quanto à eternidade do Verbo	59
O Filho, Deus e imagem de Deus, se faz ver no Antigo Testamento	61
As manifestações do Filho a Jacó	65
Certamente Cristo é Deus	68
O templo do corpo de Cristo	70
Cristo: primogênito de toda criatura	71
O autoesvaziamento de Deus-Filho	73
As próprias heresias provam a divindade de Cristo	75
Cristo morre, mas não morre	78
Cristo é Deus, mas não é o Pai	80
Como entender a unidade do Pai e do Filho	82
Pai e Filho são um, mas são duas pessoas diferentes	84
Conhecer o Pai em Cristo	85
O Espírito Santo e sua atividade	88
Unidade e divindade dos três	91
Recapitulação conclusiva	94
OS ESCRITOS ÉTICOS E AS CARTAS DE NOVACIANO	97
Os escritos éticos	98
As cartas	101
OS ALIMENTOS DOS JUDEUS	102
A atenção para com os discípulos de Cristo	103
Não se entenda literalmente o que na Escritura não condiz com a dignidade de	105

Deus	105
Animais puros e impuros representam costumes humanos	108
As proibições da antiga Lei são figura da reprovação dos vícios	111
Alimento puro é aquele que não perece: O culto a Deus pela reta fé e pelas virtudes	112
A permissão dos alimentos outrora proibidos não é permissão para os vícios	115
Quaisquer alimentos são permitidos, exceto os da comunhão com os deuses pagãos	117
OS ESPETÁCULOS	119
Difícilmente se extirpa um mal que se torna costume com aprovação da multidão	120
Cuidado para não desviar as citações da Escritura da edificação na virtude para a justificativa dos vícios	121
O que a Escritura não proíbe é determinado pela consciência diante da profissão de fé	122
A idolatria é a mãe dos espetáculos pagãos	123
Os espetáculos pagãos, ociosa ocupação	124
Os espetáculos pagãos nutrem memórias vergonhosas	125
Os espetáculos pagãos revivem vergonhas passadas	126
Os espetáculos pagãos são vaidade	127
Espetáculo do cristão, as obras divinas	128
Nas Escrituras, os maiores espetáculos dos cristãos	129
O BEM DA CASTIDADE	131
O que se escreve seja útil à salvação dos fiéis	132
Elogio à castidade é quem a vive	133
Os perigos da impudícia	134
Em cada estado de vida há lugar para a castidade	135
Castidade, unidade, caridade	136
O adultério: impudícia sem desculpa	137
A grandeza da castidade	138
O exemplo de José	139
O exemplo de Susana	141
A força da castidade	142
A castidade, ao alcance da vontade, é vitória superior à que se tem sobre outros males	143
Castidade: no corpo e nas atitudes	144

No auxílio divino, a força da castidade	147
CARTA 1	149
CARTA 2	155
CARTA 3	161
Coleção Patrística	164
Ficha Catalográfica	166
Notas	168